

A revista que pensa a Educação.

 MODERNA
ANO 8 • Nº 16 • 2019

EDUCATRIX

{DOSSIÊ}

Família & Escola

AS CHAVES PARA DIÁLOGOS EFETIVOS



PENSAMENTO ACADÊMICO
COMO MEDIAR CONFLITOS

GESTÃO
AVALIANDO O CLIMA ESCOLAR

+ ESPECIAL TRILHAS DA BNCC POSSIBILIDADES EM TODOS OS COMPONENTES CURRICULARES

UMA EMPRESA DO GRUPO



MULTI EDUCA ÇÃO

[MULTICONTEÚDO
MULTIPARCERIA
MULTIPLATAFORMA

VOCÊ É MULTI. NÓS TAMBÉM ;D

Temos um compromisso com você: compreender sua escola como um ecossistema único para oferecer soluções multiconteúdo e percursos de formação multiplataforma.

Ao longo da nossa jornada, a marca Moderna se tornou padrão de qualidade para professores e famílias, o que nos dá credibilidade para continuar inovando e construindo relações de multiparceria com as principais escolas do país.

Isso é multieducação. Vem com a gente!



FALE CONOSCO



www.moderna.com.br



0800 17 2002

PRESENÇA NAS REDES SOCIAIS



[/editoramoderna](https://www.facebook.com/editoramoderna)



[@editoramoderna](https://www.instagram.com/editoramoderna)



Formações

EDUCATRIX

ATUALIZAÇÃO PRÁTICA PARA O PROFESSOR

A formação do aluno começa sempre com o desenvolvimento do professor.

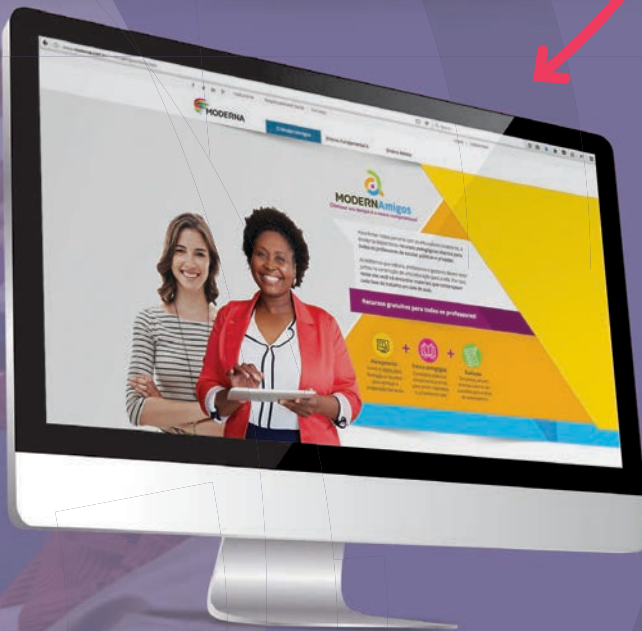
Pensando nisso, criamos as **Formações Educatrix**, uma forma inovadora de transformar sua revista favorita em uma ferramenta de formação para professores.





Agora na revista Educatrix, você encontra o selo **Formações Educatrix** em reportagens que se transformam em apresentações para formação de professores. Elas podem ser acessadas gratuitamente no **portal ModernAmigos**.

moderna.com.br/modernamigos



moderna.com.br

0800 17 2002

Onde nascem as chaves do diálogo



QUEM NUNCA ouviu a expressão: “a escola é a nossa segunda casa”? Em tempos líquidos, de hiperconexão e respostas a um clique, as paredes entre a casa e a escola desmoronaram. A escola já não é o lugar para o qual as famílias mandam os filhos para aprender conhecimentos técnicos. A família já não pode ser a única responsável pela formação ética e moral do indivíduo. Esses novos papéis compartilhados, sem muros ou paredes, ainda precisam ser ajustados. Isso é fato. Por isso, esta edição da Educatrix abriu suas páginas para entender melhor as expectativas de ambos os lados: o que as escolas esperam das famílias e o que as famílias esperam da escola?

Para ajudar nessa missão, preparamos uma série especial que visa compreender essas relações ao longo dos séculos, conversamos com pais das cinco regiões do Brasil para entender as diversas realidades desse diálogo e levantamos algumas dicas que podem ajudar pais e escolas a fomentar uma relação melhor com o estudo.

Se, antes, a ponte entre escola e famílias eram as lições de casa e as famigeradas reuniões de pais, hoje, os grupos de WhatsApp mantêm ativo essa conexão e trazem à tona a parceria (ou rivalidade) entre esses dois atores tão importantes na formação dos alunos. Eny Muniz traz sugestões para aproveitar o tempo das reuniões com os pais e o espaço dos grupos de WhatsApp de forma criativa e atrativa para criar vínculos.

Nessa edição tão familiar, convidamos Ilan Brenman, nosso novo autor exclusivo e um dos mais consagrados autores de literatura infantojuvenil da

atualidade, para falar sobre a leitura e a preparação para a vida. Contamos também com a ilustre presença de Débora Garofalo, finalista do *Global Teacher Prize* 2019, o Oscar da Educação, para contar um pouco sobre a metodologia STEAM e compartilhar algumas ideias para inovar as aulas e tornar o aprendizado mão na massa algo democrático.

De olho na preparação das escolas para a implantação da Base Nacional Comum Curricular, convidamos o professor Nilson José Machado, da USP, para responder algumas dúvidas frequentes de educadores a respeito das mudanças propostas pela Base. Preparamos também um especial sobre os componentes curriculares com autores de materiais didáticos, sugerindo pautas para o trabalho com as habilidades e as avaliações por competências. Para esquentar os motores, trouxemos os resultados da pesquisa realizada por Telma Vinha, da Unicamp, a respeito do clima escolar e do impacto que o contexto tem no aprendizado.

Enfim, entre famílias, professores, gestores, mudanças e inovações do mundo, ser escola é se consolidar como um ecossistema de aprendizagem integral, de construção e troca de conhecimentos, de histórias de vidas distintas que se encontram em um ambiente vivo e em constante evolução. Mas afinal de contas, por onde começar a descobrir as chaves para abrir canais de diálogo estruturados?

Boa leitura!

Ivan Aguirra Izar

GERENTE DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

SUMÁRIO

EDUCATRIX

A revista que pensa a Educação

- ▶ **SAIBA +** | TERRITÓRIO EDUCATIVO PÁG. 8
- ▶ **FIO DA MEADA** | DIÁLOGO: TRANSPONDO OUTROS MUNDOS PÁG. 10
- ▶ **ENTREVISTA** | BNCC: DE OLHO NA IMPLANTAÇÃO PÁG. 14

- ▶ **DOSSIE** FAMÍLIA ESCOLA | **PANORAMA** | FAMÍLIA E ESCOLA PÁG. 18
- ▶ **DOSSIE** FAMÍLIA ESCOLA | **LINHA DE RACIOCÍNIO** | O QUE AS FAMÍLIAS ESPERAM DA ESCOLA? PÁG. 24
- ▶ **DOSSIE** FAMÍLIA ESCOLA | **CIDADANIA** | BOAS PRÁTICAS PARA UMA PARCERIA DE SUCESSO PÁG. 32
- ▶ **PENSAMENTO ACADÊMICO** | MEDIAÇÃO NA ESCOLA PÁG. 38
- ▶ **PERSPECTIVAS** | COMO TORNAR AS REUNIÕES DE PAIS MAIS PRODUTIVAS? PÁG. 42
- ▶ **GESTÃO ESCOLAR** | QUESTÃO DE CLIMA PÁG. 48
- ▶ **PLENOS SABERES** | NA LINHA DE FRENTE DA EDUCAÇÃO PÁG. 54
- ▶ **CONEXÃO** | TRANSFORMAÇÃO DIGITAL DOCENTE PÁG. 62
- ▶ **TENDÊNCIAS** | A HORA E A VEZ DO *STEAM* NA SALA DE AULA PÁG. 68
- ▶ **FOCO** | PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES NA ESCOLA PÁG. 74
- ▶ **NA TELA** | EDUCOMUNICAÇÃO: UMA NOVA ERA NA SALA DE AULA PÁG. 78

▶ **ESPECIAL**
TRILHAS DA BNCC
E SEUS COMPONENTES
CURRICULARES PÁG. 88



- ▶ **POR DENTRO** | VAGINA LITERÁRIA PÁG. 102

- ▶ **FAVORITOS** | CONTEÚDOS QUE POTENCIALIZAM O DIA A DIA DO PROFESSOR PÁG. 112
- ▶ **TRAJETÓRIA** MARIA MONTESSORI | E A AUTONOMIA PARA APRENDER PÁG. 114

Território educativo

Em Maranguape (CE), Escola Municipal José de Moura usa o território como oportunidade de aprendizagem.

TEXTO Portal Porvir FOTO Bruno Marinho Monteiro



ECOMUSEU DE MARANGUAPE

O equipamento cultural foi instalado em um antigo casarão, erguido na metade do século 19. Hoje ele tem a proposta de preservar a história da comunidade, dos seus moradores e da cultura local.

CONSELHO EDITORIAL

Ângelo Xavier
Ivan Aguirra Izar
Luciano Monteiro
Lulcey Vitor Ribeiro
Solange Petrosino

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ivan Aguirra Izar

PRODUÇÃO DE TEXTOS

Cauê Cardoso Polla
Glauce Neves
Ivan Aguirra Izar
Kátia Dutra
Lara Silbiger
Paulo de Camargo
Ricardo Prado

ARTICULISTAS

Alyne Ferreira Nunes,
Anna Rita Barreto,
César Nunes, Débora Garofalo,
Eduardo Amos, Eny Muniz,
Fabio Martins, Ilan Brenman,
Lucí Ferraz, Melhem Adas,
Rejane Coutinho,
Rita Bröckelmann,
Roberta Bueno,
Sérgio Adas, Taís Bueno

EDIÇÃO DE TEXTO

Kátia Dutra

REVISÃO FINAL

Tássia Cobo

EDIÇÃO DE ARTE E DESIGN

Ricardo Davino

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Ricardo Davino

FOTO DE CAPA

Ricardo Davino

COLABORADORES

Rosana Fernandes

LEIA NOSSO ACERVO DIGITAL:

moderna.com.br/educatrix



Rua Padre Adelino, 758
São Paulo/SP • CEP 03303-904

Educatrix é uma publicação semestral com a proposta de colaborar com a formação nas escolas parceiras. Distribuição gratuita na internet e nas instituições educacionais por meio da rede de Consultores Moderna.
ISSN: 2447-4991

Tiragem: 45 mil exemplares.

✉ educatrix@moderna.com.br

© **Direitos reservados.**

É proibida a reprodução total ou parcial de textos e imagens sem prévia autorização.

A CERCA DE 50 km de Fortaleza (CE), o distrito de Cachoeira, na região rural de Maranguape, tem uma história marcada por resistência e trabalho coletivo. Para preservar a memória dos antepassados que deram origem ao centro comunitário, a Escola Municipal José de Moura passou a usar o território como uma extensão da sala de aula. Por lá, as crianças participam de passeatas pelas ruas, aprendem com os relatos de vizinhos e exploram o Ecomuseu da cidade, que promove a educação patrimonial e o fortalecimento da identidade local.

“Muita gente acha que a nossa escola é diferente, mas para quem está aqui, no dia a dia, é normal. Eu diria que o mais importante é o envolvimento com a comunidade”, destaca Antonia Leda de Assis, diretora. Apesar de estar há pouco tempo na gestão, ela acumula 30 anos como professora na instituição. Entre tantas razões, orgulha-se de conhecer a família de cada um dos quase 300 alunos. “Para trabalhar o aluno como um todo, é importante conhecer a sua família”, destaca.

A relação com a comunidade acontece de maneiras distintas. De um lado, a escola se aproxima do entorno na organização de festas tradicionais, como a Farinhada, a Festa do Feijão Verde e a Cavalgada. Por outro, recebe e envolve as famílias em atividades rotineiras da escola. Nas turmas de Educação Infantil, todos os dias uma criança leva a “maleta viajante”, que contém vogais, formas geométricas e brincadeiras o trabalho em casa. Para a alfabetização, as professoras também desenvolvem uma atividade conhecida como “caixa surpresa”, em que as crianças precisam pedir ajuda para a família para trazer um objeto de acordo com a letra que está sendo trabalhada. Em sala, a turma precisa adivinhar o que está dentro do embrulho.

“Desde 2000, a forma de ensinar mudou muito. Parece que agora meu filho aprende mais.” De acordo com Antônia

de Fátima, mãe de Gustavo, o envolvimento das famílias com a escola também mudou. “Sempre tem coisa para a gente participar. Eu venho sempre que posso”, diz ela.

A COMUNIDADE TAMBÉM EDUCA

Não são apenas as famílias que se envolvem. “A comunidade também educa e participa de forma maciça de tudo”, afirma o coordenador César Neto. Seja compartilhando saberes ou acompanhando passeios pelo território, os vizinhos são convidados a interagir com os alunos. É o caso da antiga moradora Maria Aleluia de Souza, que vez ou outra recebe as crianças na sua casa para contar histórias no quintal.

Outro espaço da comunidade que já se tornou uma extensão da sala é aula é o Ecomuseu de Maranguape. O equipamento cultural foi instalado em um antigo casarão, erguido na metade do século 19. Hoje ele tem a proposta de preservar a história da comunidade, dos seus moradores e da cultura local.

CURRÍCULO VIVO

Na avaliação de Eerlandia Pessoa, coordenadora da Secretaria de Educação de Maranguape, o conhecimento local é um dos destaques que a escola traz no seu projeto pedagógico. “Às vezes, a criança conhece tantos lugares pelos livros, mas não sabe o tipo de solo e clima da própria comunidade. Não que estudar outros estados e países não seja importante, mas você precisa do conhecimento local. E eles fazem isso muito bem aqui”.

Ela ainda cita como destaque o fato de a escola trabalhar com uma concepção de currículo vivo, que transforma tudo em um ambiente de aprendizagem. “Isso não deve ser uma coisa de outro mundo, precisa ser natural. O diferencial da escola é fazer com que as crianças participem da aprendizagem e sejam protagonistas. Nós percebemos isso aqui.”, comemora.

Diálogo: transpondo outros mundos



Fugir do lugar-comum do que acreditamos ser diálogo é o primeiro passo em busca de uma consciência mútua a favor da formação integral.

TEXTO *Ivan Aguirra*

“**NEM TODA CONVERSA** é um diálogo. Diálogo é a investigação conjunta na direção de mais compreensão, conexão ou possibilidades. Qualquer comunicação que caiba nesta definição, considero diálogo; se não cabe, não é diálogo”.

A citação acima, do ativista e autor americano Tom Atlee, nos permite refletir sobre como anda o diálogo com as famílias dos alunos e quão qualificado ele tem sido. Em um mundo cada vez mais frenético e multitarefas, estamos nos dedicando a isso de forma preventiva ou reativa?

Etimologicamente, a palavra diálogo vem do grego *dialogos* (διάλογος), cujo prefixo *dia-* significa através, enquanto *logos* significa palavra, razão, discurso. Simbolicamente, poderíamos dizer que o seu objetivo seria transpor outros mundos em busca da razão, do conhecimento mútuo e coletivo; é o que nos une como forma de fazer circular significados e conexões.

Dialogar exige aprendizado e não há melhor lugar para isso do que a escola. O diálogo não deve levar as pessoas a defender suas posições pré-estabeleci-

das, com o intuito de ganhar discussões. Ao contrário, o essencial aqui é construir e potencializar vínculos, para dar visibilidade e estimular a compreensão de tudo o que dificulta a percepção das relações humanas.

Exercitar o diálogo não pode se restringir a momentos de atrito e de resolução de problemas, deve ser um trabalho sistemático e contínuo, na escola e fora dela, por meio de novos canais de comunicação que vão muito além dos tradicionais bilhetes na agenda dos alunos e cartazes no portão da rua. Escolas que têm institucionalizados esses canais unilaterais de conversa não estão acostumadas a ouvir a voz dos pais no dia a dia e sabem que, quando eles batem à porta, muitas vezes o problema já está instaurado. Abster-se do diálogo é jogar a sujeira para debaixo do tapete; e nos últimos tempos, esse tapete tem sido os grupos de pais no WhatsApp.

É fundamental que as famílias tenham visibilidade, desde a primeira visita para conhecer o colégio, que ali existem redes de diálogo consistentes, em sintonia com o projeto educativo da forma mais ampla. Isso aproxima, dá segurança, promove identificação e se transforma em um cartão de visita daquele lugar. Passa pelo processo de educar-se e educar as famílias para essa nova forma de ver e agir sobre as questões cotidianas. Se todos compartilharmos um projeto em comum, o compromisso será mais consistente, e gestores e professores terão aliados para além de suas dependências, minimizando o embate clássico entre família e instituição.

Afinal, a escola precisa ser um espaço dedicado a pensar de modo diferente, colaborativo, amplo e diverso. Será que nossa fala está sendo mais usada para separar ou para unir? ■





MKT • MODERNA



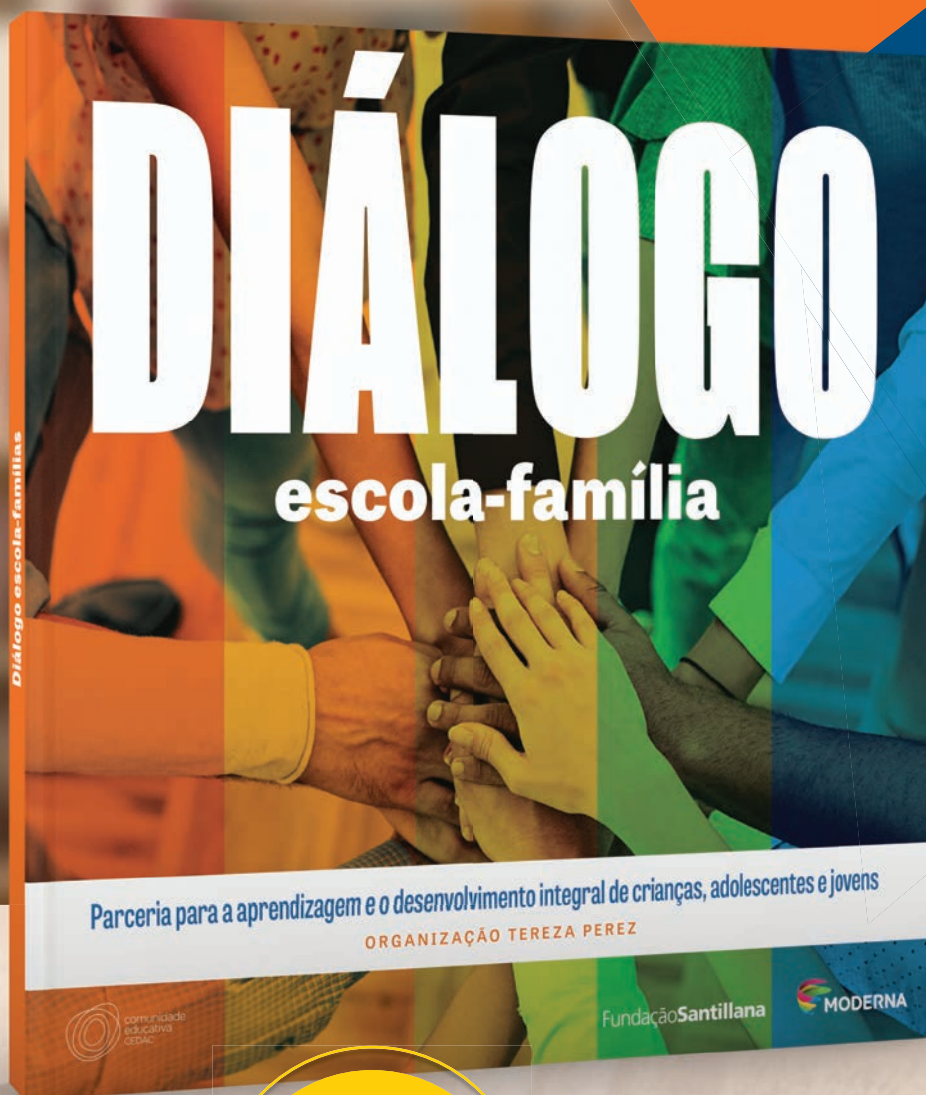
Estimule o gosto pela leitura em casa!

Quando pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta para os pequenos e conversam sobre o conteúdo, cria-se uma vivência que desperta na criança o gosto pela leitura, aguça a criatividade e diversifica sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada não apenas na escola que desenvolvemos o programa **Leitura em Família**, com orientações e dicas escritas por pais para proporcionar momentos prazerosos de descobertas e diálogo, além de integrar família e escola na missão de educar.

Conheça o programa e as orientações já disponíveis em <http://mod.lk/familia1>





**UMA EDUCAÇÃO
DE QUALIDADE
É RESPONSABILIDADE
DE TODOS.**

**É HORA DE INCLUIR
AS FAMÍLIAS
NESTA MISSÃO.**

**DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA!**

Acesse
**[moderna.com.br/
modernamigos](http://moderna.com.br/modernamigos)**
e baixe o seu
e-book.



Ao apresentar casos reais, este livro vai inspirar o gestor escolar a aprofundar o diálogo entre a sua equipe e as famílias dos alunos, auxiliando-as a entender seus papéis e a construir sentido para a trajetória de cada estudante na Educação Básica.

De olho na implantação

Frente aos desafios propostos pela Base Nacional Comum Curricular e a iminente implantação, convidamos o professor da USP, **Nilson José Machado**, para responder dúvidas frequentes de educadores brasileiros.

TEXTO Moderna



MAL COMEÇOU 2019 e as escolas brasileiras já sabem que precisam direcionar esforços e olhares ao próximo ano letivo. Instituições de ensino de todo o país estão em ritmo intenso, preparando-se para a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que passa a ser obrigatória para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental a partir de 2020.

Com a homologação do texto da BNCC em dezembro de 2017, o ano passado exigiu muito trabalho para se debruçar e compreender as mudanças propostas pelo Ministério da Educação (MEC) e como se organizar para colocar em prática tais diretrizes. Estudos coletivos, eventos, sabatinas e muito trabalho resultaram em boas ideias, mas também geraram muitas dúvidas sobre o que pode ser feito e, principalmente, sobre como fazer.

Para colaborar com esse processo, a Educatrix convidou a equipe de assessoras pedagógicas da Moderna para levantar perguntas frequentes feitas por

escolas que estão vivendo esse momento de transição para implantar a BNCC. Convidamos Nilson José Machado, professor da Faculdade de Educação da USP e um dos mais conceituados especialistas em ensino por competências do país, para responder a esses questionamentos e dar dicas sobre como otimizar as mudanças e conquistar resultados na aprendizagem.

1 EDUCATRIX: QUAL A DIFERENÇA ENTRE BNCC E CURRÍCULO?

Sim. A Base Nacional Comum Curricular é a lei educacional maior. Como se fosse a Constituição de um país. O projeto educacional brasileiro, sustentado por valores que partilhamos como nação, é, ou deveria ser, o conteúdo da BNCC. Os currículos são instrumentos para orientar o planejamento das ações, ou seja, podem e devem apresentar características ou interpretações locais dos projetos e valores envolvidos na Base. »



2 **EDUCATRIX: A BNCC SUBSTITUI OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS?**

Sim, a Base Nacional Comum Curricular agora é o instrumento que fixa os Parâmetros. Os PCNs foram atualizados na BNCC. Por exemplo, os PCNs falam em três áreas do conhecimento, com a Matemática inserida da área de Ensino de Ciências da Natureza; para a BNCC, as áreas são quatro: Linguagens, Matemática, Ciências Humanas e Ciências da Natureza, ou seja, a Matemática é vista como uma área separada.

3 **EDUCATRIX: UMA DAS MAIORES ANGÚSTIAS DAS ESCOLAS, EM RELAÇÃO À NOVA LEGISLAÇÃO NÃO É O TRABALHO COM AS COMPETÊNCIAS, MAS COMO REELABORAR O CURRÍCULO A PARTIR DE TEMAS, INCORPORANDO AS COMPETÊNCIAS GERAIS. COMO A ESCOLA PODE DEIXAR DE LADO A LÓGICA CONTEUDISTA E FRAGMENTADA E ARTICULAR, DE FORMA SIGNIFICATIVA, O USO DAS COMPETÊNCIAS ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS?** (Marcia Maria de Sá Kalil, RJ)

A dificuldade básica é como estabelecer pontes entre os conteúdos a serem ensinados e as competências a serem desenvolvidas. Não se pode deixar de lado os conteúdos, eles são fundamentais. Mas os conteúdos devem estar a serviço do desenvolvimento das competências. A ponte a ser construída deve ter por base as ideias fundamentais dos conteúdos disciplinares envolvidos. A grande dificuldade é o fato de que, sobretudo no ensino médio, se perdeu o discernimento entre o que é fundamental e o que é complemento. As ideias fundamentais de cada disciplina são indispensáveis; as técnicas complementares podem ser deixadas ao gosto do freguês. Quem aprende as ideias fundamentais sabe ir buscar os complementos, se e quando precisar.

4 **EDUCATRIX: QUAIS SÃO OS PRIMEIROS PASSOS PARA REESTRUTURAR O CURRÍCULO DA ESCOLA E FORMULAR SEU PROJETO PEDAGÓGICO?** (Tatiane Santos Matos, AL/SE)

O projeto da unidade escolar é o primeiro passo. A identidade resultante da inserção na comunidade, os valores partilhados, isso se situa em primeiro lugar, constituindo o projeto institucional. Naturalmente, a escola não é isolada, pertence a uma rede com metas e valores mais abrangentes e deve se situar em sintonia com eles. O projeto pedagógico, por sua vez, deve refletir as concepções educacionais no que tange aos conteúdos a serem mobilizados e às metodologias a serem praticadas.

A apresentação integrada dos conteúdos organizados em vias de acesso ao conhecimento, que são as disciplinas (agora, componentes curriculares), é basicamente um currículo.

5 **EDUCATRIX: COMO VOCÊ CONCEITUA COMPETÊNCIA E HABILIDADE?**

(Paola Daniele Castro Saturnino, RS)

Competência é capacidade de mobilização do que se sabe para a realização do que se deseja, do que se projeta. Quem nada sabe é certamente incompetente; quem nada busca, nada quer, nada projeta, aquele a quem nada apetece é também um incompetente. Quem sabe muitas coisas, mas não consegue mobilizar o que sabe — eis aí um incompetente. Na escola básica, podemos resumir as competências a serem desenvolvidas em três pares: capacidade de expressão/compreensão, capacidade de análise/síntese, e capacidade de contextualização/extrapolação de contextos. Cada par de competências está associado a formas básicas de manifestação, que são as habilidades. A capacidade de compreensão, por exemplo, pode ser traduzida em habilidades como compreender um texto, compreender um gráfico, compreender a importância da água na preservação da vida humana etc.

6 **EDUCATRIX: UM DOS PONTOS MAIS RELEVANTES PARA IMPLANTAÇÃO DA BNCC É A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES, QUE, EM SUA MAIORIA, NÃO TIVERAM FORMAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS, QUE NÃO TRABALHAVAM DENTRO DESSA PROPOSTA E QUE NÃO FOCAVAM SEU PLANEJAMENTO DENTRO DESSA PERSPECTIVA. QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE O TRABALHO COM COMPETÊNCIAS E A RESSIGNIFICAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE?**

(Mariza Alves de Carvalho, RJ)

A ideia de competência não é nova, nós é que perdemos o caminho que leva das disciplinas às competências. Nossos avós tinham clara a consciência de que nos ensinavam muitas matérias na escola, mas entendiam que os alunos teriam que sair da escola sabendo ler, escrever e contar. Essas eram as competências básicas para eles. Hoje, precisamos atualizar as demandas escolares. Antigamente, podíamos ser só analfabetos; hoje, podemos ser polianalfabetos. Analfabetos em ciências, em tecnologia, em economia etc. Precisamos aprender a ler, é um fato, mas ler significa algo muito mais amplo nos dias de hoje. Nas palavras de Paulo Freire, precisamos aprender a ler o mundo. Reitero que a ideia de competência não é nova. É preciso digeri-la.

7 EDUCATRIX: **A BNCC FRAGILIZA A AUTONOMIA DO PROFESSOR?** (Joseneide Barros, PE)

A BNCC é redigida de forma verborrágica. Incluindo o Ensino Médio, o documento terá mais de 600 páginas. A intenção de regular todas as ações dos professores pode ter passado dos limites desejáveis e a impressão que fica é a de excessivo controle das ações docentes. Os fins maiores precisam ser registrados, o acordo maior é em torno deles. Mas deveria haver muito mais flexibilidade nos meios, nas metodologias. É impossível um país com a nossa extensão ter pretensões de regulação miúda tão amplas.

8 EDUCATRIX: **QUAIS SÃO AS SUAS DICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE PLANEJAMENTOS CONSISTENTES E DE ACORDO COM A BNCC?**

(Emmanuelle Winck de Almeida, RS/SC)

A impressão forte que fica é de que a BNCC optou por uma linguagem excessivamente prolixa e por um número exagerado de competências e habilidades: mais de 1500 habilidades, mais de 100 competências, incluindo as gerais e as específicas, que não dialogam suficientemente com as gerais, tendo em vista os processos de avaliação, a construção de itens (questões) para uma avaliação padrão TRI (Teoria da Resposta ao Item). Poderia ser dito que o combate à febre foi subordinado ao uso de um bom termômetro. Para o planejamento, é importante garantir um diálogo entre as competências gerais e as competências por área, é preciso agrupar certas competências e certas habilidades que constituem simples reiterações. Enxugar e simplificar o texto da Base é condição de possibilidade de um planejamento efetivo.

9 EDUCATRIX: **COMO FICAM AS DIFERENÇAS REGIONAIS DO ENSINO NA BNCC? AS CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICIDADES CULTURAIS E REGIONAIS FORAM CONTEMPLADAS?** (Joseneide Barros, PE)

A preocupação exagerada com as avaliações sistêmicas (SAEB, ENEM etc.) tem tirado o foco das avaliações locais, que precisam ser articuladas às macroavaliações. É nas avaliações locais que as diferenças regionais podem ser consideradas de modo mais efetivo. O caráter formativo das avaliações depende muito mais da eficácia das avaliações locais do que da busca obsessiva por indicadores gerais.

10 EDUCATRIX: **DENTRE AS VÁRIAS COMPETÊNCIAS QUE PRECISAM SER CONTEMPLADAS, TEMOS A CULTURA**

DIGITAL. A MAIORIA DOS PROFESSORES TÊM DIFICULDADE DE ARTICULAR SUAS PRÁTICAS AO COTIDIANO DIGITAL DO ALUNO. O QUE VOCÊ PENSA SOBRE ESTE TEMA? (Bisele Pinho, CE)

A chamada cultura digital é importante, mas tem sido certamente superestimada. As tecnologias são da ordem dos meios, e os fins devem prevalecer sobre os meios. Alguns alunos podem ter muito mais prática do que certos professores, que podem ser inclusive ajudados pelos alunos na utilização de tecnologias. Mas os fins educacionais, os objetivos do projeto educacional não dependem tanto dos equipamentos envolvidos quanto do entusiasmo e da garra do professor.

11 EDUCATRIX: **SEGUNDO A LDB, A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL SÃO MODALIDADES DE ENSINO. SENDO ASSIM, COMO CONSTRUIR UM CURRÍCULO A PARTIR DA BNCC PARA ATENDER ÀS ESPECIFICIDADES DESSAS MODALIDADES?** (Joseneide Barros, PE)

Parece-me mais simples atender a modalidades específicas, como as associadas à educação profissional, do que organizar adequadamente as escolas regulares. O mais difícil é reinstalar a distinção entre o fundamental e o acessório no âmbito de cada uma das disciplinas.

12 EDUCATRIX: **O QUE SIGNIFICA EDUCAÇÃO INTEGRAL NA BNCC?**

Em primeiro lugar, é importante ter a clareza de que educação integral não significa educação em tempo integral. A meta de manter os alunos na escola o dia inteiro é inviável e não me parece essencial. A integralidade a ser buscada refere-se à apresentação dos conteúdos disciplinares de maneira solidária, imbricados pelo elenco de ideias fundamentais de cada um deles. E certamente a educação integral refere-se à consideração dos alunos como pessoas inteiras, corpo e mente, razão e sentimento, transitando com discernimento entre temas escolares e não escolares, científicos e religiosos, familiares ou cívicos. □

NILSON JOSÉ MACHADO

é professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Leciona em cursos de graduação e de pós-graduação e já orientou mais de seis dezenas de mestrados e/ou doutorados. Participou da equipe que criou o Enem, em 1998, e coordenou a equipe que elaborou o Currículo de Matemática do Estado de São Paulo, em 2008.

FAMÍLIA ESCOLA

Onde nascem as chaves do diálogo: um histórico de desafios, responsabilidades e intersecções.

TEXTO *Cauê Cardoso Polla* FOTO *Ricardo Davino*



» **A RELAÇÃO** entre família e educação é conflituosa. Desde ao menos o período da Antiguidade Clássica, a educação das crianças sempre esteve em debate. O filósofo Plutarco, em seu tratado *Sobre a educação das crianças*, relata uma história ilustrativa: “Aristipo [um professor], com muita fineza, observou em seu discurso um pai desprovido de inteligência e de coração. Após ter sido perguntado sobre quanto pedia de salário, ele respondeu ‘mil dracmas’. ‘Por Hércules’, respondeu, ‘o pedido é excessivo; posso comprar um escravo por mil’, ele disse, ‘Eis porque terás dois escravos, seu filho e o que puder comprar’”. Nesse pequeno relato quase anedótico, vemos duas questões que atravessaram os tempos: a resistência de alguns em dar o devido valor ao processo educativo, considerando-o sempre caro demais; e a importância dada à educação para que não sejamos meros “escravos”. O pai da história é mesquinho e pensa antes no quanto irá gastar e no que poderia fazer com aquele dinheiro, deixando aberta a possibilidade de compreendermos, primeiro, que um escravo seria mais útil e rentável, e que o estudo de seu filho não merece assim tanta atenção.

Muitos séculos depois, em nossos dias, as questões persistem. Qual a responsabilidade da família na educação de seus filhos e filhas? Seria apenas uma obrigação legal de matricular as crianças em idade escolar, para cumprir a norma? É o pai ou a mãe responsável pela educação, ou os dois? Teriam papéis específicos? A família deve “educar” e a escola “instruir”? Muitas outras perguntas poderiam ser feitas, mas a primeira delas poderia ser: o que é uma família?

O CONCEITO DE FAMÍLIA

Um dicionário nos diz que a família é “um núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si uma relação solidária e estável”, “grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (especialmente o pai, a mãe e os filhos)”, “grupo de pessoas que têm uma ancestralidade comum ou que provêm de um mesmo tronco” e “pessoas ligadas entre si pelo casamento e pela filiação ou pela adoção”. Aristóteles, no século V a.C., em sua obra *Política*, definia a família como “uma comunidade formada de acordo com a natureza para satisfazer as necessidades quotidianas”. O que há de similar nas definições do Dicionário Houaiss e na do filósofo grego é que ambos ressaltam a ideia de grupo ou comunidade, isto é, de pessoas que estão agrupadas por algo em comum.

Mas, historicamente, as formas familiares e as maneiras de compreender o que é uma família mudaram drasticamente. É fundamental reconhecer que, como grupo, a família é o primeiro processo de socialização da criança. A aprendizagem de regras e normas e a sua interiorização (ou não) ocorrem primeiramente e com mais força dentro da família. Não seria incorreto dizer que ela tem precedência frente às vivências escolares, à exposição à mídia, entre outras. Valores e ideais religiosos, morais, políticos e mesmo de visão de mundo e projeto de vida têm fortíssima influência na criança. Ocorre, de certo modo, um processo de sedimentação nos quais estes elementos são apreendidos de forma irrefletida, e podem ser mais tarde observados nos preconceitos infundidos, em determinadas atitudes e crenças. Muitas das crises percebidas no desenvolvimento do indivíduo vêm justamente de um embate entre aquilo que, individualmente, a criança começa a se apropriar como seu, e aquilo que passa a ser reconhecido como externo, imposto por um outro.

Para Philippe Ariès, um dos mais renomados historiadores franceses do século XX, a ideia de infância como uma época com características próprias – tal como, de certo modo difuso, compreendemos hoje – só surge na Idade Moderna, isso é, após o século XVI, e é precisamente porque, nesta época, também se forma outra ideia fundamental: a ideia de família. Assim, diz ele, em sua obra *A história da criança e da família*, “o conceito de família, que emerge nos séculos XVI e XVII, é inseparável do conceito de infância”. Mas o que isto significa?

Para se pensá-la, diversas óticas podem ser adotadas. Mas, antes de tudo, é preciso compreender que não existe um conceito único de família que estivesse certo ou errado no sentido de uma definição absoluta e invariável com o tempo. Seria possível respondermos à questão “o que é a família?” em todas as épocas e em todos os lugares do mesmo modo? Há ainda outro fator relevante, a questão jurídica, isso é, como as leis dizem o que é ou não a família.

LINHAGEM E AFETOS

Quando dizemos, hoje, que a família é um grupo ligado por laços de afeto – como na primeira definição dada pelo dicionário –, precisamos ter em vista que esta é uma ideia muito contemporânea. Até o século XVIII, o conceito prevalente era a de que a família tinha maior relevância por conta da linhagem, isto é, era compreendida pela continuidade e ancestralidade. Cada componente, de um ponto de vista singular, era irrelevante frente ao fato de que o nome da família permaneceria por mais tempo (e não é muito comum, ainda hoje, no interior do Brasil, perguntar “de que família” alguém é?). Daí, por exemplo, a importância de

se educar: que imagem ficará em seus descendentes? Uma passagem da Bíblia, no livro de Eclesiástico, mostra claramente o vínculo entre família-linhagem e a educação: “Aquele que educa seu filho terá nele motivo de satisfação e entre os conhecidos dele se gloriará. (...) O pai morre, é como se não morresse porque deixa depois de si alguém semelhante a ele”.

O pai que educa e instrui seu filho fará dele seu semelhante, como se assim perpetuasse a si mesmo. Embora não possam ser tomadas ao pé da letra, essas palavras demonstram uma mentalidade que persistiu durante muito tempo: os filhos devem seguir as profissões que os pais acreditam ser melhores, preferencialmente semelhantes às suas próprias, para manter o status social. Frequentar

os mesmos colégios e as mesmas universidades parece algo natural. É preciso lembrar que durante a história, no Ocidente, a escola, com raras exceções, mirava a educação de meninos, não de meninas. A educação feminina estaria a cargo da mãe.

Se hoje pensamos a educação das crianças como obrigação da família, sendo a prática mais comum a matrícula nas escolas – ou, onde é permitido, o ensino domiciliar –, a prática educativa que imperou durante toda a Idade Média até o século XVIII foi a do modelo de aprendiz. O costume que adentrou pelos séculos, sobrevivendo até o XIX, era enviar a criança, assim que completava sete anos, para a casa de outra família, por vezes até mesmo de des-

conhecidos, para que ali ela aprendesse boas maneiras, princípios morais e um ofício. Esta prática variava de acordo com a classe social da criança, e apenas nas classes mais baixas não era comum.

A partir do século XVIII, a predominância das escolas e também do ensino doméstico fica atrelada ao surgimento de uma família do tipo sentimental. Mães e pais não querem se separar de suas crianças, e quando o fazem, por exemplo, ao enviá-las para um internato, as visitas são frequentes. Deste momento até hoje, a ideia de que a família é em grande parte responsável pela educação de suas crianças ganha muita força. Nessa concepção de família-afetos, uma nova configuração baseada no sentimento ganha forma e, evidentemente, esta forma também traz problemas.

O filósofo francês Alain problematiza na obra *Reflexões sobre educação* (1932) a presença da família no processo educativo, dizendo que “a família instrui mal e mesmo educa mal. A comunidade do sangue desenvolve em seu seio afeições inimitáveis, mas mal regradas (...) Quando a família vive sobre si mesma como uma planta, sem o ar saudável dos amigos, dos cooperadores e dos indiferentes, surge nela um fanatismo sem igual”. Vários seriam os problemas: primeiro, a falta de regras ou, antes, regras impostas arbitrariamente e muitas vezes mantidas pelo medo da autoridade, principalmente paternal – “você precisa respeitar seus pais!”, “os mais velhos sempre têm razão”. Outro problema, por exemplo, no caso de uma educação estritamente familiar e doméstica é que a criança não entra em contato com a diferença. Dentro do seio familiar tudo é costume, e a falta de socialização com outras crianças é perigosa. Há ainda outro detalhe relevante, ao qual Alain nos chama atenção: se a família é o lugar da atenção e do cuidado permanente, não lidamos com aqueles que nos tratam de forma indiferente, e assim, muitas vezes, não sabemos lidar com convivências em sociedade nas quais alguns nos são indiferentes.

A discussão atualíssima sobre o ensino domiciliar (*homeschooling*) e o ensino escolar tem direta relação com as questões da família. Muitos acreditam que, com a educação escolar, terão um controle maior sobre seus filhos, tanto no sentido de controlar comportamentos quanto aquilo que será aprendido. Muitos veem a escola com um lugar degradado ou onde não se aprende o que realmente importa. Outros ainda alegam razões religiosas para ensinar em casa. »

A ESCOLA
PRECISA SER
VALORIZADA
COMO
ESPAÇO DE
COMPREENSÃO
DE SI MESMO
E DA
DIVERSIDADE
DO MUNDO

» De qualquer modo, é fato inegável que hoje a forma predominante e quase exclusiva de família é aquela do tipo afetivo-sentimental e que a forma educacional priorizada é a escolar. Contudo, há ainda uma esfera que determina o que é ou não uma família de forma estritamente legal – embora, sem dúvida, haja um componente moral nestas normas. Essas leis, no caso brasileiro, além de dizerem o que constitui uma família, também determinam os seus deveres em relação à educação.

EDUCAÇÃO COMO DIREITO E DEVER

Atualmente, o ordenamento jurídico brasileiro é regulado pela Constituição Federal, também chamada de Carta Magna, isto é, não há lei que sobrepassasse a Constituição. Em 2018, foram celebrados os 30 anos da Constituição, considerada por muitos especialistas como uma das mais avançadas do mundo, embora existam problemas visíveis quanto à efetivação plena de suas normas.

No artigo 226, o texto constitucional define a família como “base da sociedade”, assim como já o faziam Platão e Aristóteles alguns séculos atrás, e dispõe em seus artigos, dentre outras coisas, que

- §3º Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.
- §4º Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.
- §5º Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher.

Esse artigo pode ser lido em conjunto com outro, o de número 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade”. Em 1988, a educação já não se restringia mais à educação de meninos. Por isso, crianças de ambos os sexos devem ser educadas, de forma universal, até o limite da obrigatoriedade. A família, pai e mãe, são responsáveis por essa educação. Contudo, ainda hoje, na prática, o discurso imperante é aquele que atribui à mãe a responsabilidade pela educação dos filhos (“a mulher tem um talento natural para o cuidado” é uma frase muito comum). É fundamental dizer que a educação não é apenas um direito da criança, mas também um dever da família, que não pode negligenciar nenhuma etapa do processo

educacional. Por ser ao mesmo tempo um direito e um dever, a família pode exigir do Estado a efetivação desse seu direito, por exemplo, através de demandas no Ministério Público por vagas em creches ou escolas.

O que a lei diz apenas reforça o papel que se atribuiu à família na educação. Historicamente, os processos foram se modificando, mas a família que traz um novo ser ao mundo é também responsável por esse ser. Isso permanece válido para as chamadas novas famílias. Mudanças socioeconômicas se intensificaram no século XX, e se intensificam ainda mais em nosso tempo. Novas formas de trabalho e novas configurações sociais impactam diretamente na sua constituição. O papel da mulher na sociedade vem se modificando. Embora não seja uma novidade, famílias monoparentais são cada vez mais comuns. Ocorre que certo discurso tradicional em nossa sociedade a associa a uma estrutura composta de “pai”, “mãe” e “filhos” e considera que famílias monoparentais são problemáticas ou disfuncionais, o que é completamente falso. Outra forma, não expressa na Carta Magna, são as formas homoafetivas, também cada vez mais comuns, e que implicam novos desafios para se pensar a relação entre o que é família e qual seu papel na educação de filhos e filhas.

A questão da legalidade do ensino domiciliar foi recentemente julgada pelo Superior Tribunal Federal, que a considerou ilegal, considerando ser necessária uma lei para regulamentar tal prática – ela não é expressamente proibida pela Constituição Federal. O atual governo tem como prioridade a regulamentação desta prática educativa. Refletir sobre isso é saudável, mas o país precisa, antes de mais nada, de investimento real e bem feito.

A FAMÍLIA E A ESCOLA

Se o papel da família, em suas diferentes formas, pode ser discutido, também



A EDUCAÇÃO doméstica ou domiciliar não é uma questão atual. Na Roma antiga, um famoso orador que ensinava retórica questionou: educar em casa ou enviar à escola? Diziam os apoiadores da prática doméstica que era mais seguro educar a criança em casa, longe dos vícios das escolas e também que um professor teria mais tempo para ensinar um único aluno. O orador contestou: é melhor a companhia de amigos e mesmo inimigos do que as trevas da solidão e acrescenta que a competição amistosa entre os alunos poderia ser algo bom. Hoje, no Brasil, essa pergunta é mais atual do que nunca. Uma onda conservadora de nuance religiosa ganha força e coloca em pauta o ensino domiciliar – por motivos similares aos adotados pelos praticantes desta modalidade nos Estados Unidos. Há um controle da família muito maior em um ambiente restrito, mas os perigos também são maiores: falta de contato com a diversidade, com aquilo que é diferente, e que nos faz diferentes, problemas em alguns processos de socialização, entre outros. Outra questão: quem vai educar – o pai, a mãe, o irmão? Um professor – naquele modelo antigo do preceptor do século XVIII? Quem tem dinheiro e condições para isso? O fato é que a educação em casa, se bem possa ter seus méritos, é um grande problema em um país como o nosso. O Brasil está a anos-luz de investimentos adequados no sistema público e universal de educação: em 2017, a Alemanha — onde o ensino domiciliar é proibido pelo Estado — investiu R\$ 486 bilhões em educação, enquanto o Brasil investiu R\$ 84 bilhões.

pode ser discutida aquela afirmação popular de que “a família educa, e a escola instrui”. Esse quase adágio remete àquela família transmissora de valores, dos bons costumes, da observância religiosa, e que só caberia à escola ensinar “determinados conteúdos” de português, matemática, química, física... tudo que sirva para instruir. A escola deveria ser um ambiente “neutro” – como isso sequer fosse possível – que expusesse os assuntos de forma objetiva. Assim, por exemplo, o tão atual e debatido tema da educação sexual teria que ser discutido apenas em casa, pois “escola não é lugar para essas coisas”. De modo parecido, também as questões políticas. Ora, esse tipo de discurso parte de um desconhecimento ou de uma negação de que o ambiente escolar é crivado de questões sexuais, políticas e morais.

Muitas vezes, podemos observar pais e mães que pretendem dizer o que a escola deve ensinar, propondo vetos a livros, tentando censurar esse ou aquele tema. Salta aos olhos, nestas atitudes, aquela ideia de controle familiar em toda a vida da criança e do adolescente. Existe uma onda atual, fruto de muita irreflexão, que aponta a escola como um lugar onde se doutrina e isto é desconhecer a própria realidade escolar e as finalidades da educação. Nessas intromissões, muito distantes da participação na vida escolar de filhos e filhas, discutindo o que é estudado, pode-se entrever o antigo medo de que os descendentes não sejam exatamente aquilo que pais e mães querem que eles sejam.

A família, instância fundamental da nossa sociedade, muitas vezes formadora de muito do que somos, não é um lugar sagrado onde tudo seja perfeito. É preciso muito diálogo para que não haja sufocamentos, a gestação de medos e intolerâncias que vão se repetir também na vida fora da família. O processo educativo que ocorre também na família não pode ser o único, e tem na escola um contraponto fundamental. Refletir constantemente sobre o que é a família e sua relação com a educação é tarefa de todos que se preocupam realmente com um futuro melhor. ■

CAUÊ CARDOSO POLLÁ

possui graduação, mestrado e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é professor de Filosofia da Educação no Departamento de Filosofia e Ciências da Educação, da Universidade de São Paulo.

O que as famílias esperam da escola?

Em meio às mudanças que delineiam novos horizontes para a educação, famílias refletem sobre suas expectativas quanto à influência dos professores sobre os alunos, formação integral, ensino de idiomas e religião, atividades extracurriculares, infraestrutura e classificação da escola no Enem e nos principais vestibulares.

TEXTO *Lara Silbiger* FOTO *Ricardo Davino*

A VOLTA às aulas teve um gostinho diferente em 2019. A expectativa não girou em torno apenas dos reencontros, do planejamento das aulas ou das primeiras reuniões com os pais e responsáveis. Dessa vez, o começo do ano letivo veio acompanhado de reformas estruturais, mudanças no cenário político e, principalmente, intensas discussões ideológicas.

Se o contexto já era complexo até para os profissionais da Educação, quem dirá para as famílias. De um lado, elas assistem à reformulação dos currículos e propostas pedagógicas de escolas e redes de ensino de todo o país para atender as exigências da BNCC (Base Nacional Comum Curricular). De outro, tentam se familiarizar com os conceitos de competência, habilidade e formação integral e ainda se inteirar sobre a proposta da Escola sem Parti-

do (PL 7180/14). A tudo isso, soma-se a polarização nos debates públicos, o que também obriga mães e pais a decidir de que lado ficar.

A tarefa, que não é das mais simples, exige que as famílias se aproximem das escolas para entender o que está em jogo com as novidades na Educação Básica, ou seja, quais são os riscos e as oportunidades. Nesse movimento, reelaborar as expectativas em relação aos espaços formais de ensino será inevitável.

Nesta edição, a EDUCATRIX percorreu todas as regiões do país para conversar com seis famílias que já mergulharam nessa reflexão. Todas elas foram desafiadas a imaginar como seria a escola ideal para seus filhos. Confira a seguir os principais trechos das entrevistas. »



» [NORDESTE] NATAL (RN)

Andre Luchessi e Vivian Nogueira são docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Eles são pais de Yasmin, 5, que estuda no Colégio Bilingue Marie Jost, e Erik, 3, que frequenta a New Generation Canadian Preschool.

EDUCATRIX Qual é a proposta pedagógica ideal?

VIVIAN A proposta deve prezar pela conscientização do aluno enquanto sujeito social e pelo reconhecimento do outro como um sujeito que também merece respeito e aceitação. Na prática, seria abrir o leque para que as crianças tivessem contato com outras realidades econômicas, culturais, sociais, religiosas e familiares. Isso poderia se dar, por exemplo, por meio de cotas de inclusão de estudantes de baixa renda em instituições privadas – uma iniciativa que já é realidade no colégio da minha filha.

EDUCATRIX Você considera a formação integral uma premissa da educação no século XXI?

VIVIAN Se por um lado as crianças têm cada vez mais acesso à informação e a estímulos para o desenvolvimento cognitivo, de outro precisam aprender a lidar com tudo isso – da ansiedade e imediatismo da era touch à conexão permanente dos pais ao trabalho graças aos conceitos de mobilidade e conectividade. Por isso, já não dá para conceber uma escola que não contemple a dimensão socioemocional do desenvolvimento. Para aprender, o aluno precisa antes estar bem psicologicamente, fisicamente e socialmente.

EDUCATRIX O projeto da Escola sem Partido vem ao encontro das suas expectativas?

ANDRE Cabe à escola formar cidadãos autônomos e com consciência política, o que não significa impor-lhes direcionamentos políticos, morais, ideológicos ou religiosos. Nesse sentido, estou de acordo com o projeto de lei quando este reconhece o aluno como sujeito vulnerável frente à influência do professor. Este precisa ter consciência do seu papel e não sair falando o que bem quiser na aula – há outros espaços para fazer isso. Não só como pai, mas também como docente, entendo que a liberdade de expressão deva caminhar lado a lado com a responsabilidade pelo que se diz e o que se faz. Outro ponto com o qual concordo é a possibilidade de a família decidir sobre expor ou não o filho a determinados assuntos na escola ou, pelo menos, de ser informada previamente de que aqueles temas serão abordados.

EDUCATRIX Quais valores você espera que a escola transmita?

VIVIAN Em linhas gerais, valores que coincidam com os da minha família: o respeito às diferenças, a valorização dos estudos como meio de desenvolvimento pessoal e profissional, a observância de regras, uma alimentação saudável com cardápios alinhados a princípios de saúde e à promo-

ção do bem-estar e uma oferta diversificada de modalidades esportivas.

EDUCATRIX Qual a importância que você atribui ao ensino de idiomas?

VIVIAN Quero que meus filhos tenham a possibilidade de, no futuro, escolher o que quiserem ser e, sem dúvida, o inglês abrirá portas para eles. É fundamental que a escola valorize a globalização, reconheça que não existe só o Brasil como opção e apresente aos alunos outras culturas, línguas e formas de viver. É com vistas a esse contexto global que espero que a escola invista no ensino de idiomas.

EDUCATRIX Como deve ser a infraestrutura da escola?

VIVIAN O mobiliário precisa estar adequado à idade e às especificidades dos alunos. É bom que haja áreas verdes para proporcionar o contato com a natureza. Outro pré-requisito é a segurança – no interior da escola, para a prevenção de acidentes, e no exterior, para afastar a criminalidade. Quero saber que posso estacionar o carro e levar ou buscar minhas crianças com tranquilidade.

EDUCATRIX Destacar-se no ranking do Enem e dos principais vestibulares do país é um pré-requisito?

ANDRE Por si só, a boa classificação não é determinante para afirmar que uma escola seja melhor que outra. No entanto, daqui uns anos, meus filhos não terão como escapar de fazer o Enem ou outros processos seletivos para ingressar na universidade. Por isso, é inevitável que ainda usemos os rankings como parâmetro na hora de escolher – mesmo sabendo que estes não dizem muito sobre a formação que a escola proporciona.

[NORDESTE] SALVADOR (BA)

Rosângela Accioly é pedagoga e mãe de Nicole, 14, que estuda no Colégio Estadual de Aplicação Anísio Teixeira.

EDUCATRIX Qual é a proposta pedagógica ideal?

ROSÂNGELA A proposta pedagógica deve contemplar questões conceituais como diversidade, pluralidade, alteridades civilizatórias e diferença da pessoa com deficiência, bem como conhecimentos científicos – inclusive de povos cujos saberes milenares ficaram de fora do currículo oficial – e novas tecnologias. É fundamental que preveja como desdobrar tudo isso em práticas pedagógicas para os professores.

EDUCATRIX Destacar-se no ranking do Enem e dos principais vestibulares do país é um pré-requisito?

ROSÂNGELA Uma escola direcionada ao Enem ou ao vestibular não tem como dar conta da pessoa humana. Antes, é preciso oferecer espaços de vazão à inventividade e à criatividade para o aluno entender sua própria vocação. Muito além do mercado de trabalho, precisamos reconhecer a escola como um fator de transformação social e afetiva, envolvimento emocional e entendimento de diversidades e pluralidades. Só assim a educação será assertiva e integral.

EDUCATRIX O projeto da Escola sem Partido vem ao encontro das suas expectativas?

ROSÂNGELA Ao meu ver, é uma proposta ideológica de silenciamento político da escola. De silenciamento das diversidades em um lugar que é de debate, por excelência. Vale destacar também que

política, na sua essência, quer dizer participação – o que não tem nada a ver com participação político-partidária. Por isso, a escola deve sempre estar disposta a contribuir com o desenvolvimento social e não pode aceitar essa mordida à sua vocação de diálogo e pluralidade. As mazelas da sociedade e também as soluções precisam ser discutidas na escola: uma instituição libertária e cuja missão é incitar o aluno a perguntar e participar da democracia.

EDUCATRIX A ideologia de gênero deve ser abordada em sala de aula? Em quais circunstâncias?

ROSÂNGELA Falar de ideologia de gênero é necessário quando o tema surge espontaneamente. O professor não precisa ser propositivo, mas ele e os demais profissionais precisam estar aptos a acolher o assunto e a turma, por exemplo, se um menino vier para a aula com roupas tidas como femininas. A escola do século XXI é desafiadora justamente porque grita pela diversidade e pela diferença, algo que não deve ser visto como negativo, mas como um elemento constituinte da nossa humanidade.

[NORTE] MACAPÁ (AP)

Eunubia Rodrigues é licenciada em História e professora dos anos iniciais do Fundamental na rede pública de Macapá. É mãe de Gabriel, 16 anos, que estuda na E.E. Maria do Carmo Viana dos Anjos.

EDUCATRIX Qual é a proposta pedagógica ideal?

EUNUBIA Almejo uma escola que priorize não só o conhecimento sistemático, como também o acolhimento à diversidade e individualidade dos alunos. Espero isso em todos os sentidos para o meu filho – da religiosidade à sexualidade –, em uma escola que tenha como marca identitária o respeito ao livre arbítrio.

EDUCATRIX O projeto de lei da Escola sem Partido vem ao encontro das suas expectativas?

EUNUBIA Não vejo problema de o professor manifestar seu posicionamento se ele também respeita pontos de vista diferentes. Isso é diferente de influenciar deliberadamente os alunos ou de questionar as convicções deles. Por outro lado, também confio que meu filho seja um ser pensante e com capacidade de discernimento.

EDUCATRIX Como deve ser a infraestrutura da escola?

EUNUBIA Na minha região, os laboratórios de Ciências, bibliotecas e salas de leitura são ambientes ainda escassos ou precários na rede pública. No entanto, a infraestrutura para a pesquisa, inclusive com recursos digitais, é essencial tanto para a formação do aluno quanto para o suporte ao professor. »

[FIQUE POR DENTRO]

ESCOLA SEM PARTIDO

Sem consenso para votação, a proposta da Escola sem Partido (PL 7180/14 e outros) foi arquivada no final da última legislatura. Agora cabe aos novos deputados retomar o assunto. Entre outras coisas, o projeto estabelece seis deveres do professor para apresentar de “forma justa” questões políticas, socioculturais e econômicas e para não se aproveitar da “audiência cativa dos estudantes” em temas relacionados a política, religião e moral. Também proíbe “o uso de técnicas de manipulação psicológica destinadas a obter a adesão dos alunos a determinada causa” e estipula que não haja intromissão “no processo de amadurecimento sexual dos alunos”, nem tentativa de convertê-los no que tange a questões de gênero.

» **EDUCATRIX** Destacar-se no ranking do Enem e dos principais vestibulares do país é um pré-requisito?

EUNUBIA *Uma única prova não estabelece parâmetros da qualidade da escola, nem a capacidade do aluno. Por isso, não priorizo resultados do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), Olimpíadas, Enem ou vestibulares, mas valorizo o profissionalismo e o comprometimento da instituição com a formação integral do meu filho.*

[CENTRO-OESTE] CAMPO GRANDE (MS)

Lucimar Mello é técnica de enfermagem na rede pública de Saúde. É mãe de Beatriz, 7, que estuda na Escola Municipal Elpídio Reis, Bruno, 14, que frequenta a Escola Municipal Danda Nunes, e Lucas, 19, já na faculdade.

EDUCATRIX Qual é a proposta pedagógica da escola ideal?

LUCIMAR *Em primeiro lugar, deve contemplar a formação em tempo integral para proporcionar aos alunos atividades que os tornem excelentes profissionais no futuro: aulas de informática, inglês e xadrez. Ocupar o dia de forma produtiva enquanto os pais trabalham. Na prática, a maioria não tem tempo de ficar com os filhos e “male-male” acompanha a lição de casa. Outro aspecto fundamental que a proposta pedagógica deveria prever é a capacitação dos professores, bem como a equiparação da qualidade de ensino e direitos de aprendizagem nas escolas públicas em relação às privadas. No ano passado, enquanto minha filha ainda estava aprendendo a ler na escola municipal, os alunos do 2º ano de instituições privadas já faziam até interpretação de texto.*

EDUCATRIX Que valores você deseja que a escola transmita?

LUCIMAR *A formação de valores não é exclusiva da escola, mas não tem como negar que desempenhe papel importante nesse sentido. Por isso, espero que transmita valores cristãos, promova a empatia e valorize o respeito aos idosos, pais e professores. Gostaria inclusive que voltasse o ensino religioso, sem necessariamente pender para uma denominação ou outra, mas discutir o que é certo perante a Bíblia. É claro que os pais que não concordassem com tal abordagem precisariam ter o direito de autorizar seus filhos a não participar das aulas de Ensino Religioso.*

EDUCATRIX O projeto da Escola sem Partido vem ao encontro das suas expectativas?

LUCIMAR *Entre outras coisas, concordo que a escola não deve incentivar relacionamentos homoafetivos e atividades sexuais precoces. Defendo inclusive que não haja aulas de educação sexual até o 5º ano do Fundamental. Já no Ensino Médio, o foco deve ser a prevenção de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis.*

[SUL] CURITIBA (PR)

Debora Menegusso é administradora de empresa e mãe de Danilo, 10, que estuda no Colégio Curitiba Adventista.

EDUCATRIX Qual é a proposta pedagógica ideal?

DEBORA *O ideal é um ensino mais prático e que não se resuma a aulas expositivas. Gostaria de uma proposta em que meu filho passasse menos tempo em sala de aula, com currículo diversificado – incluindo disciplinas “mão na massa” – e acesso mais próximo ao professor. Definitivamente, estudar não pode ser maçante.*

EDUCATRIX Destacar-se no ranking do Enem e dos principais vestibulares do país é um pré-requisito?

DEBORA *Não adianta focar só no vestibular, sendo que a vida é muito mais complexa que isso. Escolas que se apoiam em disciplina rígida e preparação estrita para provas de ingresso em universidades acabam sendo inevitavelmente limitadoras. Até mesmo porque há profissões e vestibulares que sequer existirão daqui a alguns anos. Mais importante é proporcionar ao aluno o aprendizado de como chegar aonde se deseja.*

[FIQUE POR DENTRO]

FORMAÇÃO INTEGRAL

Formação integral não é sinônimo de educação em tempo integral. Enquanto esta consiste na expansão do tempo que se passa na escola, aquela diz respeito à formação e ao desenvolvimento global dos alunos. De acordo com a BNCC, a formação integral tem como princípio norteador o acolhimento, o reconhecimento e o desenvolvimento pleno do aluno, nas suas singularidades e diversidades. Para isso, contempla o aprendizado em suas dimensões cognitiva, social, emocional e física. A Base sugere ainda que se promovam pontes entre o conhecimento e a vida.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

De acordo com a BNCC, as competências consistem na “mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo de trabalho”. Já as habilidades estão ligadas às aprendizagens essenciais de cada disciplina e ano escolar. Sempre começam com um verbo para explicitar o processo cognitivo envolvido no seu desenvolvimento – por exemplo, em História, “diferenciar escravidão, servidão e trabalho livre no mundo antigo”.

EDUCATRIX Que valores você deseja que a escola transmita?

DEBORA Basicamente, os valores éticos, morais e religiosos que minha família já traz de geração em geração. Cabe, portanto, à escola apenas reforçá-los junto às crianças.

EDUCATRIX As atividades extracurriculares são imprescindíveis?

DEBORA Elas não podem faltar, entre outras coisas, porque ajudam a desenvolver habilidades e autoconhecimento. Vale investir, por exemplo, em cursos de informática, matemática, profissionaiszantes, idiomas e esportes.

EDUCATRIX O projeto da Escola sem Partido vem ao encontro das suas expectativas?

DEBORA Não acho que seja de todo ruim o professor manifestar seu posicionamento em sala de aula, pois ainda assim caberá somente ao aluno tomar a sua própria direção. Vale lembrar também que este já chega à escola com certa carga de informações – da família, dos amigos, da religião etc. –, à qual o docente poderá somente somar pontos de vista.

[SUDESTE] SÃO PAULO (SP)

Cristina Hassunuma é dentista e mãe de Augusto, 11 anos, que estuda no Colégio Vértice.

EDUCATRIX Qual é a proposta pedagógica ideal?

CRISTINA Deve prever conteúdos curriculares e extracurriculares e estimular o desenvolvimento da responsabilidade e autonomia nos estudos, sem nunca perder de vista os vínculos sociais. Almejo também uma escola que atente para a educação integral, com acompanhamento individualizado da aprendizagem do aluno enquanto cidadão. Destaco ainda a necessidade de promover a formação continuada dos professores, sua inclusão na cultura digital e o uso de novas tecnologias para avaliação institucional e educacional.

EDUCATRIX Destacar-se no ranking do Enem e dos principais vestibulares do país é um pré-requisito?

CRISTINA Figurar entre os primeiros lugares do Enem é sempre favorável aos olhos das famílias. Isso porque o resultado tende a ser consequência de um bom ensino e de métodos de avaliação adequados. Ainda assim, vale ponderar que a função da escola não pode se restringir a fazer o aluno passar no vestibular. Antes de mais nada, é preciso prepará-lo para a vida em sociedade, o que vai muito além dos muros da instituição.

EDUCATRIX O projeto da Escola sem Partido vem ao encontro das suas expectativas?

CRISTINA Sou a favor do projeto porque vai além da Educação. Tem a ver com democracia e direito à liberdade de expressão e pensamento. Por isso, os professores devem agir com ética e bom senso no exercício da profissão – sem qualquer viés de doutrinação –, de forma que os alunos aprendam a pensar de forma autônoma e crítica.

EDUCATRIX As atividades extracurriculares são imprescindíveis?

CRISTINA Elas são um diferencial para a formação porque têm o potencial de despertar habilidades, talentos e criatividade, o que tende a melhorar não só desempenho em sala de aula como a socialização da criança. O ideal seria que todas as escolas oferecessem oficinas de artes e informática, curso de língua estrangeira, esportes diversos, culinária e feiras culturais.

EDUCATRIX Como deve ser a infraestrutura da escola?

CRISTINA Não restam dúvidas de que uma infraestrutura física adequada com biblioteca, laboratório de ciências, auditório e quadras de esportes contribui para a aprendizagem. Do ponto de vista tecnológico, a escola também precisa oferecer dispositivos para leitura de livros digitais e acesso a jogos educativos, simulados e plantão on-line para tirar dúvidas de casa. O objetivo é potencializar a pesquisa e a interação com grupos de estudo que transcendem os limites da escola. □



Atitudes

PARA A VIDA

***O desenvolvimento progressivo
das competências socioemocionais***

Assim como consta nas exigências da BNCC, o programa **Atitudes para a vida** propõe o desenvolvimento gradual das competências cognitivas e socioemocionais, de forma integrada aos conteúdos das nossas coleções didáticas, contribuindo para o cultivo de relações pessoais ainda mais significativas.

**UMA METODOLOGIA TESTADA E APROVADA
POR PROFESSORES DE TODO O BRASIL!**



Conheça experiências reais
de escolas parceiras:
<http://mod.lk/atitudes>



PRESENÇA NAS REDES SOCIAIS

 /editoramoderna

 @editoramoderna

 **MODERNA**



Boas práticas para uma parceria de sucesso

Dicas para ajudar a florescer uma relação sólida com pais e responsáveis, com foco na formação integral dos alunos.

TEXTO Taís Bento e Roberta Bento **FOTO** Ricardo Davino





CADA VEZ MAIS a relação da família com escola se torna essencial para que os alunos consigam aliar o prazer pelo aprendizado às habilidades que são fundamentais para uma formação integral. Hoje, os alunos de todas as faixas etárias têm uma relação negativa com os estudos. Ao mesmo tempo que os pais e responsáveis reconhecem a importância do aprendizado formal e veem a escola como fundamental para o desenvolvimento pleno de seus filhos, eles depositam exclusivamente na instituição a cobrança para que os alunos se envolvam com os estudos. Quando os pais se veem em situação de estresse, seja na hora da lição de casa, no momento em que recebem o boletim com notas baixas ou quando enfrentam problemas de comportamento, geralmente, procuram o culpado na escola: a metodologia aplicada, o material didático, a coordenação, o professor e, até mesmo, os colegas de sala. No desespero, cobram mudanças por parte da escola ou acabam por matricular o filho em outro colégio. Frustração generalizada quando os problemas voltam a se repetir, em intensidade cada vez maior, quanto mais o aluno cresce ou avança nas etapas de ensino. Tanto a escola quanto as famílias acabam reféns de um círculo vicioso em que cada qual espera do outro soluções para questões cujas respostas estão na ação conjunta.

QUEM TEM MAIOR PODER PARA ENVOLVER O ALUNO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: FAMÍLIA OU ESCOLA?

Imagine que a mudança de postura para que os alunos possam gostar de aprender e ter melhor desempenho nos estudos seja uma porta. A família tem a fechadura e a escola possui a chave. Quem abre a porta é o aluno, mas somente se e quando fechadura e chave estiverem disponíveis. Ao ajustar a rotina da família para que, desde o nascimento, os filhos desenvolvam habilidades como paciência, capacidade de lidar com frustrações e autoestima, os pais cumprem seu papel de preparar a criança para o processo de aprendizagem formal. Ao manter formação continuada como parte da rotina da escola, gestores garantem que os professores terão as ferramentas para ajudar cada aluno a encontrar caminhos para desenvolver todo seu potencial. Nem família e nem escola conseguem sozinhas levar as

crianças ao seu desenvolvimento pleno.

Quando nós, os adultos de hoje, éramos crianças, tínhamos uma rotina muito diferente daquela que nossos filhos têm hoje. Os momentos em família ajudavam para que as habilidades básicas necessárias para uma boa relação com os estudos fossem desenvolvidas em casa. Enquanto esperávamos a semana toda pelo nosso programa predileto e negociávamos o canal de TV que todos assistiriam juntos, desenvolvíamos habilidades como paciência, empatia e persistência. Desde muito pequenos, aprendíamos a dividir com outros irmãos a atenção de nossos pais. Compartilhar brinquedos, guloseimas e espaço na mesa era um pressuposto que fazia parte da vida de uma criança ou adolescente. Esses momentos sumiram da rotina familiar. Ao mesmo tempo que diminuíram em tamanho, as famílias têm menos tempo compartilhado para conversas e atividades. Somada a todas essas mudanças, vieram a correria do dia a dia e a necessidade desvairada de fazer diversas atividades simultaneamente: conversar ao telefone enquanto assiste à televisão, pagar contas on-line enquanto cozinha ou resolver questões de trabalho enquanto dirige. Há uma premissa básica aqui: crianças aprendem pelo exemplo, ou seja, seguem os passos dos pais. Nessa dinâmica em que tudo acontece ao mesmo tempo, restringem-se as oportunidades para desenvolver habilidades fundamentais para os momentos de estudo como senso de responsabilidade e a capacidade de foco e concentração. Assim, é urgente que tais oportunidades sejam inseridas na rotina das famílias para que os filhos possam desenvolver em casa as competências que servirão de base para novos conhecimentos, habilidades e atitudes que então a escola ajudará a aprimorar.

A escola, por outro lado, enfrenta enormes desafios para conseguir envolver o aluno que chega sem esses estímulos. A saída está na união de forças. Cabe à família ajustar a rotina para que os filhos aprendam em casa a focar em uma atividade de cada vez. Assim, ao chegar à escola, as crianças estarão completamente presentes, com toda atenção disponível. À escola, cabe ajudar os pais a compreender a importância do estímulo dessas habilidades dentro do contexto familiar e indicar quais rotinas favorecem tal desenvolvimento. Além disso, a formação continuada de professores é primordial. O docente precisa ser capaz de ajustar cada momento da aula de forma que alunos diferentes, com níveis diversos de habilidades e interesses sejam envolvidos. As ferramentas, estratégias e respostas que podem ajudar nesse desafio são frutos de pesquisas muito recentes. Sem atualização constante, o trabalho do professor torna-se uma missão impossível!

FAMÍLIA E ESCOLA JUNTAS: ÚNICO CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS PROPOSTAS PELA BNCC

Há inúmeros pontos a serem discutidos sobre a Base Nacional Comum Curricular. Sem dúvida, existem aspectos polêmicos e outros que poderiam – e esperamos que sejam – melhorados. Não seria justo, contudo, deixar de falar sobre um dos maiores benefícios que essa nova proposta traz para a educação de nosso país: o foco nas competências. Este é o caminho para levar a educação formal a se aproximar cada vez mais das necessidades dos alunos e da sociedade moderna. Sai do holofote o conteúdo, entram as competências com foco no desenvolvimento humano integral dos alunos.

Para cada competência existe um composto que envolve conhecimentos, habilidades e atitudes de uma pessoa. Não é pequeno o desafio da escola para garantir que seus alunos desenvolvam as dez competências gerais propostas pela BNCC. Os resultados positivos, tanto no envolvimento do aluno como na sua formação integral, dependem cada vez mais da integração entre família e a escola. Isso vale não somente para o desenvolvimento das competências propostas pela BNCC, mas também para outras que são alicerce sobre o qual as novas competências fincarão raízes para florescer em momentos diferentes para cada aluno. Muitos processos que, até então, eram assumidos pela escola terão o envolvimento da família para o sucesso do aluno. Avaliação é um exemplo. Se a competência pressupõe também habilidades e atitudes, é necessário avaliar o aluno em diferentes situações e momentos de sua vida. Só assim é possível compreender em que ponto ele está e quais são as necessidades a serem trabalhadas. O comportamento perante sua família e sociedade devem compor seu processo de avaliação. Por esse motivo, é tão importante comunicar às famílias sobre as mudanças, seus benefícios e sobre como os pais são capazes de colaborar para o sucesso da BNCC, beneficiando o aluno, a escola, a família e toda a sociedade.

QUAIS COMPORTAMENTOS A FAMÍLIA DEVE EVITAR?

Algumas atitudes dos pais e responsáveis podem prejudicar a relação que o filho tem com os estudos. Em geral, as famílias não se dão conta da postura e das mensagens que estão passando. Alertar para esses pontos pode ser o suficiente para que a parceria com a escola tenha sucesso ao longo de todo o ano letivo. Listamos abaixo algumas práticas que temos visto em escolas e que podem ser trabalhadas para melhorar a relação das crianças e adolescentes com os estudos:

- 1** Querer que a escola se adapte à rotina que a família tem em casa.
- 2** Tentar determinar as dificuldades que o aluno vai ter e se antecipar ao esforço do filho para que consiga mudar padrões estabelecidos.
- 3** Justificar falta de envolvimento com problemas já resolvidos ou com limites que colocados pelo próprio bem do aluno. Exemplo: “ele não »



» gosta de vir para a escola porque a professora do ano passado ficou brava quando ele bateu no colega.”

- 4 Fazer comentários negativos sobre o professor, escola ou colegas de classe na frente do filho.
- 5 Resolver questões simples que a própria criança poderia abordar com professores ou colegas.
- 6 Cobrar da escola vigilância sobre comportamentos que são responsabilidades do aluno e dos pais. Exemplo: Pedir para a professora que não deixe o filho comprar determinado lanche na cantina.
- 7 Pedir que a escola mude regras ou calendário de atividades para não frustrar o filho. Exemplo: mudar a data da festa junina porque o filho tem outro compromisso.

COMO AS FAMÍLIAS PODEM AJUDAR O TRABALHO DA ESCOLA?

- 1 **Aproximar alunos que geralmente não se relacionam bem dentro de sala de aula.** Está comprovado por estudos recentes da Neurociência Cognitiva que o relacionamento com os colegas de classe tem altíssimo impacto na aprendizagem. Encontrar colegas fora do contexto escolar, em situações organizadas pelas famílias, nos finais de semana ou fora do horário da aula, ajuda na criação de laços de amizade, tornando o ambiente da sala de aula e da escola altamente favorável para o aprendizado.
- 2 **Inserir a leitura e a escrita na rotina da família.** Praticar a escrita em momentos de lazer e diversão em família é fundamental na fase de alfabetização. Mais que isso, incluir leitura e escrita no dia a dia da rotina doméstica é o único caminho para que os alunos possam desenvolver todo seu potencial ao longo da vida acadêmica. Somente a escola não consegue ajudar o aluno a criar o hábito e o gosto pela leitura. A criança aprende pelo exemplo, não se esqueça disso!
- 3 **Estabelecer uma rotina familiar equilibrada.** A rotina dentro de casa afeta o desempenho escolar. A família deve garantir três elementos críticos no dia a dia para o sucesso na aprendizagem formal: atividade física, noites completas de sono e revisão diária dos conteúdos estudados na escola.
- 4 **Ter uma postura positiva em relação aos estudos e à escola.** Quando o aluno sente que

sua família não confia na escola, passa a agir de forma a colocar professores e pais em campos opostos, além de, inconscientemente, replicar a postura negativa na sua relação com os estudos.

- 5 **Participar ativamente da vida escolar e estabelecer parceria com coordenação e professores.** As famílias precisam confiar no trabalho da escola para que possam se aproximar do dia a dia que seus filhos têm na escola. É preciso que a escola seja clara e assuma o compromisso com os conteúdos e a qualidade das aulas. Muitos pais sentem medo por não dominarem os conteúdos que os filhos estão aprendendo, mas precisam estimular a responsabilidade que os alunos devem assumir em relação ao seu processo de aprendizagem. Trabalhando juntos ao longo de todo o ano, professor, coordenação e pais olham na mesma direção: a formação integral do aluno/filho.

INCLUSÃO: UM BENEFÍCIO PARA ALUNOS, FAMÍLIAS E ESCOLAS

Quando a escola assume de fato seu papel no processo de inclusão, a mudança para melhor acontece em todos os aspectos e atinge todos os alunos, professores e famílias. Adaptar uma aula ou um conteúdo para alunos com diferentes necessidades é uma arte que se aprende. É uma habilidade que se desenvolve e na qual a pessoa se torna *expert* quanto mais a pratica. A luz vem quando a visão sobre o processo já foi ampliada o suficiente para que escola e famílias entendam que todos os alunos têm necessidades especiais.

Pais e escolas que valorizam a diversidade conseguem beneficiar o crescimento cognitivo e emocional de seus filhos/alunos. “Pais de filhos com alguma necessidade especial?” Não, pais de filhos e ponto final. Há escolas que fazem



GRUPOS DE PAIS NO WHATSAPP

A NOVA TENDÊNCIA entre pais de alunos de todas as idades é formar o Grupo de Pais da Turma no *WhatsApp*. Conforme a ideia foi se transformando em “febre”, perdeu-se também a mão em relação ao que pode ou deve ser discutido ou compartilhado. Rapidamente, esses grupos no *WhatsApp* se transformaram em geradores de conflito na relação entre pais de uma mesma turma e na relação das famílias com a escola. Com algumas boas práticas de convivência, é possível aproveitar esse recurso para o bem geral da nação escolar e manter o foco nos benefícios que a tecnologia trouxe para a interação entre os pais:

1 O grupo não é um tribunal e os pais e responsáveis não são advogados dos filhos. Na ânsia de proteger a criança, as famílias aproveitam o grupo para falar sobre questões que os próprios filhos poderiam resolver na escola. E assim, contratempos que fazem parte da convivência escolar se transformam em enormes tempestades. A escola, muitas vezes, acaba sendo cobrada quando o assunto já virou briga envolvendo famílias que deveriam dar aos filhos o exemplo de relações sociais saudáveis.

2 A escola não é um condomínio. Ouvimos com frequência reclamações das famílias sobre como assuntos que deveriam ser privados acabam se tornando públicos. O grupo é usado para confirmar suspeitas sobre o comportamento de outras crianças, reclamações sobre a tarefa ou sobre o professor. A escola é acionada depois que um contratempo já se transformou em um enorme problema e os pais já começam a conversa com a escola, afirmando que há vários outros pais que podem testemunhar seja lá qual for o assunto. Afinal, quem precisa de testemunha quando está disposto a conversar sobre um assunto importante?

3 Esteja presente. Sair do grupo ou se recusar a participar não é a melhor opção. Estar presente, ainda que virtualmente, em um ambiente onde se pode conversar com outros pais que vivem dilemas muito parecidos com os seus pode ajudar muito no dia a dia. Além disso, está comprovado que as relações sociais impactam diretamente a capacidade de aprendizagem do aluno. Que tal usar o *WhatsApp* para marcar encontros divertidos entre famílias que têm tanto em comum?

um trabalho sério, lindo de se ver e que, pasmem, acabaram por descobrir que os grandes beneficiados são os alunos que, a princípio, não precisariam de adaptação do material ou plano de aula. Essas escolas não descansam jamais. Seguem na busca por caminhos para cumprir seu papel de ensinar, educar e, principalmente, transformar. Um ponto comum entre elas: não fazem o trabalho sem a participação dos pais, das famílias. “Das famílias de filhos de inclusão?” Não, das famílias! Não importa quem seja o filho, ele será beneficiado se a escola estiver fazendo um bom trabalho e se responsáveis e educadores, estiverem plenamente envolvidos.

FAMÍLIA E ESCOLA, VOCÊS NÃO ESTÃO SOZINHOS!

Em um momento em que o mundo está tão desafiador e com tantas mudanças, nem família e nem escola precisam ter todas as respostas e dar conta de tudo sozinhas. Para ajudar as escolas no papel de educar também as famílias para que juntos possam vencer o desafio de educar nossas crianças e adolescentes para o futuro totalmente desconhecido que terão, o SOS Educação traz diariamente dicas práticas em suas redes sociais, palestras e formações. ▣

TAÍS BENTO E ROBERTA BENTO

Taís e Roberta Bento são mãe e filha, fundadoras do SOS Educação, site de educação do portal Estadão e responsáveis pela coluna Escola da revista Pais&Filhos. São palestrantes de grandes eventos de educação e viajam pelo país fazendo palestras para pais e formação para professores com o objetivo de estreitar a relação entre família e escola. São também autoras do livro “Socorro, meu filho não estuda!”

PARA SABER MAIS

☉ SOS Educação www.soseducacao.com.br.



Mediação na escola

Como estimular a resolução de conflitos e os valores democráticos para formar indivíduos mais tolerantes.

TEXTO *Alynne Nayara Ferreira Nunes*

A ESCOLA faz a conexão com o futuro da sociedade. Na formação das crianças e adolescentes, a escola, ao prestar o direito à educação, deve disseminar valores democráticos para que os alunos de hoje possam auxiliar na construção de um país mais justo, mais tolerante e menos preconceituoso. No entanto, é preciso ter em mente que a escola também é local de reprodução dos valores de nossa sociedade; seus preconceitos e conflitos são reproduzidos pela comunidade escolar. O papel da escola em conexão com o futuro consiste exatamente em identificar práticas sociais ultrapassadas e estimular valores ligados à democracia, como a manifestação do livre pensamento, a crítica qualificada e a valorização da diversidade. Conectar-se com o futuro significa ter consciência de práticas do presente que precisam ser deixadas para trás e trazer aos alunos a importância de desenvolver novas atitudes, novas perspectivas e novas relações sociais baseadas no respeito à diferença e na cultura de paz.

Alteridade ou empatia — a capacidade de se co-

locar no lugar do outro — e a valorização da diversidade inerente em cada ser humano estão na raiz da relevância do diálogo. A interação com o outro permite espaço ao contraditório, ao intercâmbio de ideias, além de propiciar a resolução de problemas. O repertório cultural e intelectual que a escola objetiva transmitir a seus alunos, nesse sentido, os auxilia na elaboração de fundamentos mais sofisticados, priorizando o debate de ideias e valorizando a argumentação racional.

O contrário ao diálogo consiste na arbitrariedade, na “justiça pelas próprias mãos”, em que vale a regra do mais forte — seja física, política ou economicamente. O medo e a introspecção passam a ser a tônica, impedindo que a comunidade escolar exponha seus conflitos e contradições, em vez de buscar solução dialogada e paritária. Essa relação autoritária de poder torna o ambiente escolar sujeito a constantes vigilâncias, contrárias ao propósito de libertação, de formação crítica e de respeito às individualidades de cada aluno, além de ser incapaz de resolver, de fato, seus conflitos. »





» Sob essa dinâmica, crianças e adolescentes, indivíduos em formação, tornam-se vulneráveis a *fake news* e ideais extremistas, divulgados maciçamente pelas redes sociais, cuja velocidade das informações inviabiliza o tempo necessário para reflexão e crítica. Por essa razão, submetê-los a um processo de resolução de conflitos, que usa o diálogo como base, é torná-los aptos ao crivo do contraditório, ao debate e à defesa de suas opiniões de forma mais consistente e racional. É prepará-los para os desafios de uma sociedade cada vez mais complexa, na qual a escola se apresenta como o antídoto, pois combate a ignorância e a alienação.

Ao olhar para o presente, pergunto: como lidamos com os conflitos em nossa sociedade? A escola tem sido capaz de projetar o futuro e aperfeiçoar as relações sociais? A escola tem obtido sucesso em formar indivíduos conscientes de seu papel na complexa sociedade em que vivemos, no sentido de estimular práticas democráticas, capazes de resolver conflitos pacificamente? Estas são questões em aberto que devem estar no radar do gestor educacional. Isso porque os conflitos também ocorrem, naturalmente, dentro do ambiente escolar, e a forma como são apresentados na escola reflete na formação dos alunos e da nossa sociedade.

A mediação emerge, por isso, como um dos pacíficos meios de resolução de problemas, capaz de capacitar os envolvidos, pois requer que as partes exponham suas versões e proponham soluções com autonomia. Se adequadamente conduzida, pode chegar a resultados satisfatórios. É relevante conhecer os sentimentos, as emoções que resultaram no conflito: agressividade, raiva, frustração, descontentamento, problemas familiares. A mediação, embora pareça utópica para muitos, requer prática; ou seja, quanto mais esse método estiver inserido nas práticas da instituição de ensino, mais será perseguido e mais os alunos tirarão proveito do aprendizado provocado pelo conflito e pela me-

dição. Há o desenvolvimento de uma habilidade importante para a formação, que é a percepção da responsabilidade de suas ações nas relações sociais e de conectar-se com o outro, abrindo-se para a diferença e solidariedade. Os alunos que praticam a mediação se tornam menos violentos e mais reflexivos, o que colabora para aumentar o desempenho da classe. Práticas de violência reiterada, como o *bullying*, tendem a reduzir gradualmente a partir do engajamento na mediação. Ao adotar esta técnica, a instituição de ensino se adequa à legislação que determina a adoção de medidas preventivas e repressivas contra o *bullying* (Lei nº 13.185/15 e Lei nº 13.663/18).

A mediação, assim, se apresenta como um método vantajoso na resolução dos conflitos porque pode envolver toda a comunidade escolar no processo decisório. Isto é, não é preciso recorrer a terceiros ou deixar a tarefa de resolução de conflitos apenas para a direção, sobrecarregando ainda mais aqueles encarregados da gestão educacional. A mediação, nesse sentido, se conecta com um dos pilares da educação, o de pugnar pela formação humana dos alunos, desenvolver habilidades necessárias à resolução de conflitos, além de demonstrar que a escola é capaz de resolver suas próprias questões de maneira autônoma e metódica. A mediação ainda contribui para a redução da violência escolar que muitas vezes extravasa o ambiente educacional.

COMO DESENVOLVER A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS?

Inicialmente, é preciso deixar de lado os julgamentos prévios, como criticar, culpar, concordar, discordar, tomar um lado, ridicularizar ou diminuir o argumento de uma das partes e fazer ameaças. O mediador – que pode ser um adulto ou mesmo os jovens alunos – deve manter postura neutra e se esforçar para entender as motivações emocio-



UMA ESCOLA QUE ADOTA OS PRINCÍPIOS DA MEDIAÇÃO PARA RESOLVER CONFLITOS ESTÁ FORMANDO INDIVÍDUOS RESPEITOSOS, QUE OPTARÃO PELA CONVERSA, PELO DIÁLOGO E PELA PACIFICAÇÃO SOCIAL.

nais e racionais que conduziram ao conflito. O poder de decisão cabe às partes envolvidas; e, ao mediador, cabe a escuta ativa e a formulação de questionamentos que auxiliem as partes a resolverem o conflito. O mediador ocupa posição que requer humildade para reconhecer o direito do outro de falar e expor sua versão, sem se sentir constrangido. Cabe a ele garantir o tempo de cada um para se explicar e apresentar suas colocações. A linguagem corporal também contribui para a adequada condução da mediação: olhar nos olhos do interlocutor, braços relaxados e pernas descruzadas são sinais não verbais que indicam que as partes podem conversar livremente e que seus pontos de vista serão ouvidos.

O campo da mediação é vasto e há diversas dinâmicas a serem adotadas. Geralmente, as mediações possuem o seguinte formato:

- 1 Pré-mediação:** as partes concordam com a mediação e o mediador as ouve separadamente;
- 2 Mediação:** o mediador estimula o diálogo entre as partes, se mantém neutro (seu único interesse deve ser na resolução do conflito de forma pacífica) e intervém quando houver ofensas e/ou quando as partes falam ao mesmo tempo.
- 3 Sugestão de soluções:** após as partes exporem seus sentimentos, opiniões e argumentos, o mediador questiona como podem oferecer sugestões para resolver o conflito, ajudando-os a se colocarem no lugar do outro.
- 4 Conciliação e resolução:** uma vez proposta, a mediação intervém para que as partes entrem em acordo sobre os termos da resolução do conflito. É essencial que as partes concordem em relação aos termos da conciliação.

Ao tratar da qualidade da educação, a pacificação dos conflitos escolares também deve

ser levada em consideração. Alunos conscientes de seus direitos e deveres, que aprendem a ser responsáveis e a olhar o outro com humanidade, buscando entender seus argumentos e comportamentos, serão menos propensos à violência e mais dedicados aos estudos. Uma classe que se capacita na mediação contribui para evitar a prática do *bullying*. Por essa razão, uma escola que adota os princípios da mediação para resolver conflitos está formando indivíduos respeitosos, que optam pela conversa, pelo diálogo, pela pacificação social. A escola do futuro é aquela que compreende, internaliza e aplica os valores democráticos em seu âmbito. Serão esses os indivíduos com maior resiliência para enfrentar pacificamente os conflitos de nossa complexa sociedade.

A escola que adotar técnicas de mediação para resolver conflitos e repensar as atitudes violentas da comunidade escolar estará contribuindo para a formação de uma sociedade mais democrática e inclusiva, além de impulsionar a qualidade da educação. Trata-se da escola que estará na vanguarda para o futuro. □

ALYNNE NAYARA FERREIRA NUNES

é advogada e fundadora da Ferreira Nunes Advocacia, escritório especializado em Direito Educacional. Mestre em Direito e Desenvolvimento pela FGV Direito SP.
Contato: alynne@ferreiranunesadvocacia.com.br.

PARA SABER MAIS

- CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. *Diálogos e mediação de conflitos nas escolas – Guia prático para educadores*. Brasília, 2014. Disponível em: goo.gl/rsw74z. Acesso em: 31 jan. 2019.
- CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. *Mediação de conflitos nas escolas em busca da pacificação social*. 25 jul. 2017. Disponível em: goo.gl/1PczHW. Acesso em: 31 jan. 2019.
- VIVALDI, Flávia. *Alunos como mediadores de conflitos na escola*. Gestão Escolar, 9 out. 2015. Disponível em: goo.gl/P82Fz3. Acesso em: 31 jan. 2019.

Como tornar as reuniões de pais mais produtivas?

Reuniões esclarecedoras e formativas são mais eficazes e fazem parte da proposta da escola do novo tempo.

TEXTO Eny Muniz FOTOS Ricardo Davino

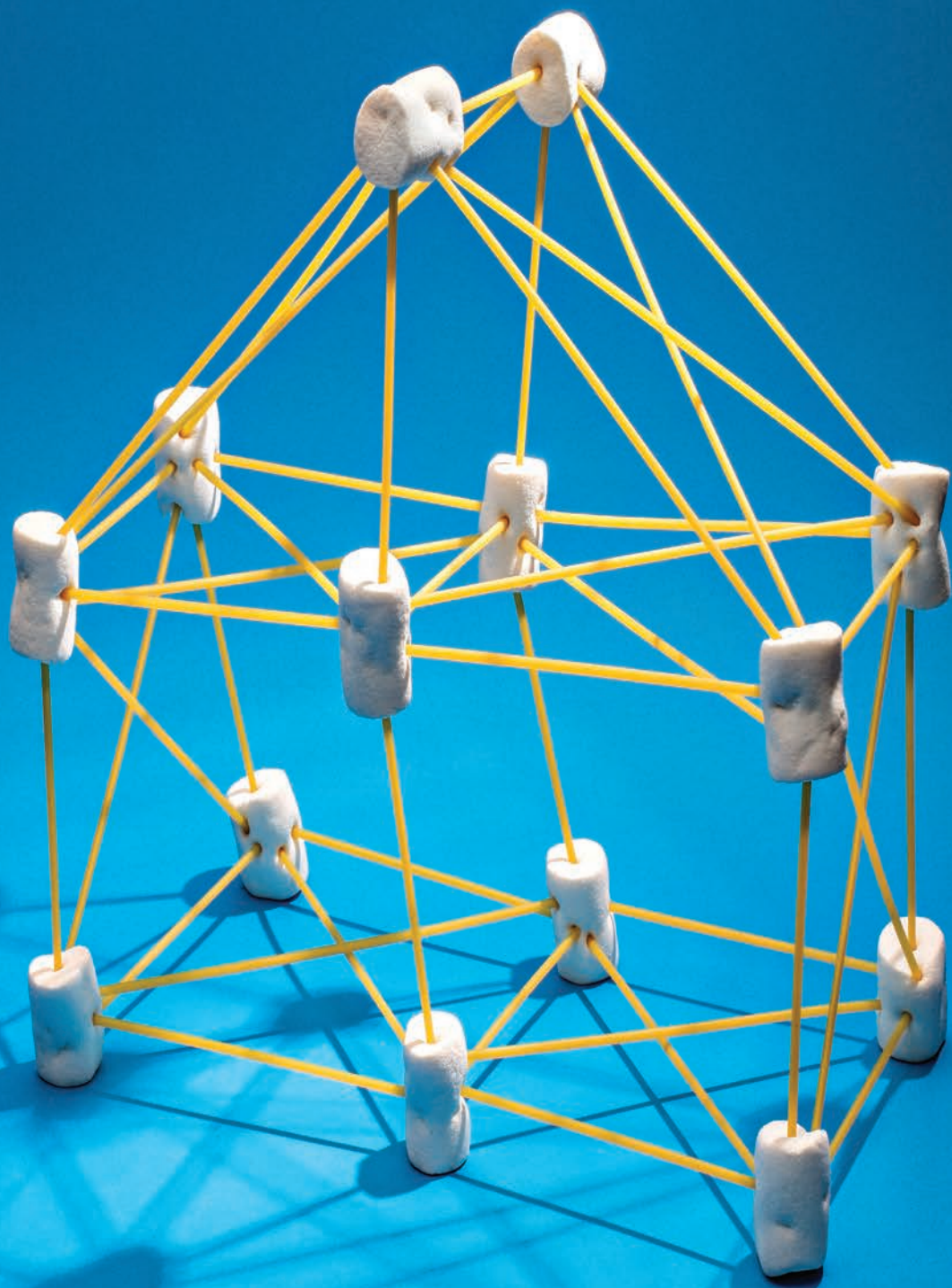
JÁ FOI O TEMPO em que a reunião de pais precisava ser enfadonha, cansativa e que só nos preocupávamos em falar de resultados de avaliação e desempenho da aprendizagem. Abre-se uma nova era em que a reunião precisa ser criativa e atrativa, levando todos os pais a experimentar, ou seja, a vivenciar as experiências que seus filhos vivem dentro da escola. Essa é a melhor maneira de comunicar todo o universo escolar e ressignificar o encontro à vista de um novo tempo, de imprimir novas práticas para que os pais se sintam mais envolvidos no processo de aprendizagem dos seus filhos.

Mas, afinal de contas, como tornar as reuniões de pais mais produtivas? Ao refletir sobre a função social da escola, surge um questionamento sobre como acontece a relação Escola x Estudante x Família, em uma tríade em busca de pontos de convergência.

Em um mundo ideal, podemos pensar a necessidade de se estabelecer uma matriz de responsabilidades, em que fique claro qual o papel de cada um no desenvolvimento humano e integral de cada criança e adolescente. O que cabe à escola? O que cabe ao estudante? O que cabe à família? Escolas, estudan-

tes e famílias mudam ao longo do tempo e criam a necessidade de se repensar como planejar reuniões que tenham significado e possam comunicar melhor a proposta pedagógica e o currículo da escola.

Um fator importante a ser considerado é o tempo da reunião: dia da semana e horário. Uma simples pesquisa pode revelar quais horários e dias atraem mais público, assim como quais temas os pais desejam saber mais. Na vida moderna, pais e mães trabalham fora, e a escola precisa entender o contexto da comunidade e propor, de modo mais efetivo, cronogramas flexíveis para ter um público maior de participantes. Outro item importante é o envio de uma pauta esclarecedora do que será tratado na reunião, com horário de início e término, não ultrapassando 50 minutos. Temas gerais podem ser tratados com todos os segmentos, mas essa estratégia nem sempre funciona porque a linguagem pode se tornar desnecessária para alguns participantes. ➤



COMO FAZER O DESAFIO DO MARSHMALLOW?

Apresentado por Peter Skillman, o desafio do *marshmallow* é um desafio de *design* que valoriza o planejamento e trabalho em equipe. O objetivo é mostrar a importância da colaboração e da criatividade para resolver questões do dia a dia. A ideia é simples: equipes de quatro pessoas têm de construir uma torre com estrutura estável usando apenas espaguete, barbante, fita adesiva e um *marshmallow*, sendo que, obrigatoriamente, o *marshmallow* precisa ficar, inteiro, no topo da torre. Vence a equipe que conseguir construir a maior torre dentro do tempo estabelecido.

PASSO 1

Prepare a sala de reunião com mesas separadas e divida os pais e responsáveis em grupos de quatro pessoas.

PASSO 2

Entregue um kit para cada grupo:

- 20 fios de espaguete cru;
- 1 metro de fita adesiva;
- 1 metro de barbante;
- 1 marshmallow;
- 1 tesoura (para cortar o barbante).

PASSO 3

Explique as regras do desafio:

A ESTRUTURA MAIS ALTA GANHA: A equipe vencedora é a que tem a estrutura estável mais alta, medida a partir da superfície da mesa até o topo do marshmallow;

O MARSHMALLOW DEVE ESTAR INTEIRO NO TOPO: cortar ou comer parte do *marshmallow* desqualifica a equipe;

MANUSEIO DOS MATERIAIS: As equipes são livres para quebrar o espaguete, cortar a fita ou o barbante como acharem melhor.

► Estabeleça o tempo de 18 minutos para montagem do protótipo.

PASSO 4

► Finalize o tempo do desafio, meça os protótipos criados com uma trena e declare o vencedor.

► Peça para as equipes falarem sobre as dificuldades e os processos utilizados para a construção do protótipo.



» A reunião precisa ter objetivos claros e podemos promover um planejamento de formação de pais, construindo uma estrutura semelhante ao processo de formação de professores, com temas específicos que tragam soluções para as demandas elencadas pelas famílias, pelos professores ou mesmo pelos alunos. Sim, pelos alunos! Quem sabe qual seria o resultado de perguntar a eles sobre o que gostariam que a escola conversasse com seus pais?

Se faremos uma reunião para apresentar a proposta pedagógica da escola, seu currículo, encaminhamentos, enfim, seu fazer, é possível utilizar a rotação por estações para que os pais tenham acesso a informações de forma diversificada, lúdica e interessante. Quem sabe até mesmo utilizar a aprendizagem baseada em jogos. Pense nesse conteúdo como o mesmo a ser trabalhado em sala de aula. Pense nos pais como estudantes, o que você faria e por que faria? E mais ainda, como faria?

O *Design Thinking* também ajuda a promover encontros inesquecíveis de formação. A proposta é que esses pais sejam ativos na reunião, ou seja, que produzam algo. Criar um momento de experiência é o mais importante, vivenciar uma aula, por exemplo, pode fazê-lo voltar à sua época de escola e a entender melhor o processo de aprendizagem.

E por falar em experiência, que tal desenvolver a dinâmica do *marshmallow* (vide quadro) com os pais para falar sobre cooperação, empatia, trabalho em grupo e colaboração? Todos esses elementos estão presentes nas aulas e podem ser a melhor forma de demonstrar quais valores queremos construir nos estudantes.

Hoje, há mais significado naquilo que experimentamos e vivenciamos porque a aprendizagem acontece pela experiência; portanto, se queremos que os pais sejam aprendizes, precisamos oportunizar tais momentos de construção.

Uma experiência interessante é elaborar os convites da reunião junto com as crianças, com suas letrinhas e desenhos, como se fosse um convite. E quem sabe até um vídeo estrelado pelo próprio pequeno e enviado pelo WhatsApp? Pense de que forma as tecnologias de informação e comunicação podem ajudar a comunicar de modo mais atraente a este público tão importante.

Para os mais velhos, proponha que a reunião seja feita por eles. Eles podem contar aos pais as atividades que desenvolvem, como se sentem e o que foram capazes de aprender durante um determinado período escolar, escolhendo as ferramentas do mundo digital para sua apresentação.

Se o objetivo da reunião é apresentar o material didático utilizado pela escola, escolha uma atividade bem interessante e desenvolva com os pais, mostrando o valor e o que uma proposta didática traz de experiência.

Todos os ambientes e recursos da escola devem ser aproveitados. Neste sentido, uma aula no laboratório de Química, Física, Biologia, uma construção no laboratório *maker*, uma aula de Arte no ateliê ou um ensaio de teatro dão oportunidades de desenvolver atividades com pais e filhos juntos. Imagine o seu estudante explicando ao pai como extrair o DNA da banana, por exemplo. Colocar família e filhos juntos em uma reunião potencializa a relação e fortalece vínculos.

Se conseguimos pensar em aulas mais criativas, podemos pensar em reuniões de pais mais criativas também. Mudar o formato

dele pode ressignificar estes encontros. Filmes e músicas conseguem traduzir o que sentimos. Nas dinâmicas, use e abuse de recortes de filmes e músicas. Mas lembre-se nada de mídias com mais de um minuto e meio! Temas relevantes da atualidade também são atrativos: uso da tecnologia em casa, mundo digital, mídias sociais, hábito de estudo, projeto de vida.

ENTENDA AS EXPECTATIVAS DOS PAIS

Os pais também possuem expectativas que podem ser atendidas. Normalmente, os responsáveis querem ajudar seus filhos nos deveres de casa, mas não aprendem como as crianças aprendem, ou até mesmo esqueceram determinado conteúdo. Que tal organizar uma reunião formativa sobre como acompanhar a lição de casa? Mas precisamos, dentro da escola, definir qual o papel da lição de casa no contexto escolar. A que serve? A quem serve? Quais os objetivos? Quanto tempo dura a lição de casa? Quais os instrumentos necessários para a lição de casa? São perguntas que requerem respostas significativas. A família precisa garantir dois pontos importantes: onde e quando a lição será realizada. As famílias precisam garantir espaço físico (costumo dizer, em reunião de pais, que a ponta da mesa da sala de jantar é o melhor lugar da casa, para estudantes mais jovens) e o tempo. Criar a rotina da lição de casa é importante para a adoção de hábitos de estudo. Na escola, há rotina e precisamos (in)formar os pais sobre a sua importância. Quando entenderem o conceito de construção de hábitos de estudo, se tornarão parceiros da escola no processo. Assim, qual a melhor estratégia para comunicar isto em reunião? Que tal fazer os pais refletirem sobre as perguntas e arrisarem algumas respostas? A rotação por estações pode ajudar. Os pais podem criar cartazes com as suas respostas, utilizando materiais diversos (construção *maker*) e depois apresentarem suas respostas e considerações.

Se repensamos regularmente nosso papel em sala de aula, formamos nossos professores para uso de metodologias ativas, o que nos impede de inovar na reunião de pais? Não é difícil, apenas trabalhos! Vamos juntos? □

PARA SABER MAIS

• TED Talks Tom Wujec: <http://mod.lk/marsh>

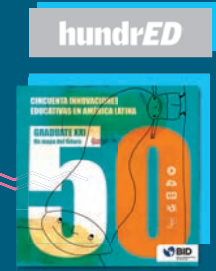
• Marshmallow Challenge: <http://marshmallowchallenge.com>

ENY MUNIZ

é professora e atua há mais de 25 anos na área educacional nos setores público e privado. Possui larga experiência em cursos de formação e capacitação de gestores e professores, EAD e desenvolvimento de projetos de gestão educacional. Atualmente é Diretora Pedagógica do UNOi Educação e participa de programas de formação de equipes, plano editorial, avaliação institucional, treinamento de produtos e oferta de serviços educacionais.

_um projeto educacional completo

solidamente construído com base em uma matriz de competências e habilidades que conecta em rede todos os atores do processo (alunos, professores, escolas e famílias) por meio de recursos de aprendizagem, ambientes, serviços educacionais e avaliações.



premiações_

Premiado pelo BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e pela HundrED, o UNOi é uma das iniciativas educacionais mais inovadoras do mundo!



unoieducacao.com



Fale com o UNOi

E conheça um dos projetos educacionais mais inovadores do mundo!



0800 772 8866



contato@unoi.com



/unoieducacao



@unoieducacao



/unoieducacao



Liderança



Muito
ALÉM DO
1º LUGAR

O SISTEMA FARIAS BRITO NASCEU DA UNIÃO DE DOIS GRANDES GRUPOS EDUCACIONAIS BRASILEIROS E POSSUI UMA TRAJETÓRIA DE RESULTADOS RECONHECIDA DE NORTE A SUL: EDITORA MODERNA E A ORGANIZAÇÃO FARIAS BRITO.

Os 5 PILARES QUE GARANTEM NOSSA liderança



Materiais didáticos



Recursos Digitais



Assessoria de Marketing



Avaliações



Assessoria Pedagógica

FALE CONOSCO

 www.sistemaafb.com.br

 [/SistemaFariasBrito](https://www.facebook.com/SistemaFariasBrito)

 contato@sistemaafb.com.br



SISTEMA FARIAS BRITO DE ENSINO

Questão de clima

Pesquisadores da Unicamp e da Unesp desenvolvem questionário gratuito para avaliar clima escolar. Pelo menos 11 mil gestores, professores e alunos já participaram.

TEXTO Paulo de Camargo





BULLYING e o *cyberbullying*; violências físicas e simbólicas; incivildades e tudo o que a sociedade entende pela noção geral de indisciplina; falta de diálogo entre educadores, entre gestores, com os alunos. A escola do século XXI tem muitos desafios, além daqueles glamorosamente associados à inovação e a tecnologia. Como espaço de convívio cotidiano entre diversos indivíduos, a escola precisa ser um lugar de bem-estar. Em outras palavras, precisa ter um bom clima.

Mas para que serve um bom clima? Há quem busque a melhoria do clima para favorecer, ou para que, pelo menos, não seja impedimento para a aprendizagem do aluno. “Um clima bom não melhora automaticamente o desempenho, pois a competência no trabalho com o conhecimento é insubstituível. Mas sabemos que um ambiente ruim, de fato, atrapalha a aprendizagem”, diz a pesquisadora Telma Vinha, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), uma das maiores especialistas brasileiras no tema.

Apesar dessa correlação aparecer como um dos objetivos das escolas para melhorar o convívio, Telma defende que o trabalho sobre o clima escolar não pode ter uma função utilitária, e deve ser uma conquista por si mesmo. “É preciso que a escola seja um lugar de bem-estar para o aluno e para os que trabalham lá, que vá além das questões ligadas ao conhecimento”, diz a pesquisadora.

Segundo a pesquisadora explica, a definição de clima escolar envolve “o conjunto de percepções e expectativas subjetivas compartilhadas pelos integrantes da comunidade escolar, decorrente das experiências vividas, nesse contexto, com relação a normas, objetivos, valores, relações humanas, organização e estruturas física, pedagógica e administrativa. Ele influencia a dinâmica escolar e, por sua vez, é influenciado por ela e, desse modo, interfere na qualidade de vida e na qualidade do processo de ensino e de aprendizagem”.

AVALIAR PARA ANALISAR

A trajetória de pesquisa de Telma e dos pesquisadores de sua equipe desenvolvendo dissertações e teses de mestrado e estudando referências internacionais em diferentes continentes levou ao desenvolvimento de um trabalho inédito no Brasil: um questionário público de avaliação do clima escolar. Disponível gratuitamente para *download* desde 2017, o questionário permite que cada escola decida o melhor momento para aplicação, fazendo adaptações para seu contexto.

Com mais de 1700 *downloads*, pelo menos 70 escolas já participaram e mais de 11 mil questionários foram respondidos. Para facilitar a compreensão, a ferramenta traz um manual autoexplicativo que, em si, tem potencial formativo. O instrumento se tornou conhecido e, até para surpresa dos pesquisadores, ajudou a dar grande visibilidade para o impacto do clima em escolas públicas e particulares de todo o Brasil. O questionário e o manual podem ser acessados livremente em mod.lk/clima ou www.gepem.org.

O texto de apresentação do questionário mostra que, embora muito estudado em outras nações, desde 1900, o tema do clima escolar ainda é pouco



O CLIMA ESCOLAR POSITIVO ESTÁ CLARAMENTE ASSOCIADO A BONS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS, A UM AMBIENTE DE CUIDADO, PERTENCIMENTO E CONFIANÇA, A UMA ESCOLA QUE APOIA O ALUNO, COM ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO E RESOLUÇÃO DIALÓGICA DOS CONFLITOS.



abordado no Brasil. Ou, pelo menos, era. “A partir desse movimento, vemos surgir linhas inteiras de pesquisa sobre escola democrática e não democrática. Estávamos atrasados perto de outros países e agora estamos trazendo muitas novas visões a esse debate”, diz Telma. Mas em uma rede pública que envolve mais de 200 mil escolas, em todo o país, é preciso ampliar a difusão do conceito de clima escolar e de sua importância para a educação.

HISTÓRICO

Tudo começou em 2013, quando pesquisadores e pós-graduandos da Faculdade de Educação da Unicamp, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (GEPEM) e da Universidade Estadual Paulista (Unesp) tiveram um projeto de pesquisa selecionado no 1º Edital de Pesquisas Aplicadas em Educação. O tema desenvolvido era “Como garantir que todos os alunos tenham um bom professor todos os dias na sala de aula?”, e o material foi lançado pela Fundação Lemann e pelo Itaú BBA.

O projeto apresentado ainda não se referia a um instrumento específico de pesquisa, mas a um projeto de intervenção em duas escolas públicas na região de Campinas, com a formação dos educadores. A questão da avaliação quantitativa dos resultados alcançados logo entrou em pauta e se tornou um desafio.

Surgiu então a ideia de adaptar questionários utilizados em outros países para avaliar esse projeto. Os estudos internacionais já mostravam, então, que o clima escolar negativo era um campo fértil para o aparecimento de problemas comportamentais, e que o clima positivo favorecia a diminuição da violência e do estresse. A reflexão foi adiante e o grupo adaptou novos instrumentos para a realidade brasileira, envolvendo alunos de Ensino Fundamental – Anos Finais, professores e gestores.

Ao longo dos meses seguintes, três questionários foram testados simul-

taneamente e deram origem a um trabalho de intervenção nas duas escolas, sempre de forma articulada com as equipes das instituições. A proposta desenvolveu-se em três vertentes: uma pessoal, ligada à maneira de ser e fazer dos educadores e das relações com os alunos; uma curricular, sobre o planejamento e execução das atividades no campo da formação moral; e, por fim, a via institucional, ou seja, as atividades que partem da organização da escola e da classe, e que têm como pressuposto a participação democrática.

A partir desse estudo inicial, um novo apoio da Fundação Lemann e de recursos da FAPESP, órgão de fomento à pesquisa do Estado de São Paulo, permitiu a formação de uma grande equipe que trabalhou durante dois anos para construir, testar e validar tais instrumentos.

O objetivo da avaliação é dar voz aos atores da escola, permitindo que se expressem sobre o que sentem, mostrando a importância da opinião de todos. A avaliação pode dar uma fotografia do ambiente e promover o reconhecimento do que está acontecendo, mobilizando atores e estimulando a escola a agir.

O instrumento produzido pela equipe da Unicamp traz uma nova dimensão às formas mais utilizadas de avaliação do clima, quase sempre qualitativas e com base em observações e entrevistas. O desafio não foi nada simples, pois os fatores que formam a escola são complexos. “Nenhum fator isolado determina o clima de uma escola, visto que este depende da interação de vários fatores da instituição escolar e da sala de aula”, explica o estudo.

O PRIMEIRO PASSO

Como em todo processo de transformação escolar, não se pode imaginar um movimento de fora para dentro, de caráter obrigatório. É preciso que a escola queira enfrentar o tema, se conhecer melhor e buscar caminhos de aprimoramento. »





» As pesquisas demonstram que o clima escolar negativo pode representar riscos para a vida escolar, contribuindo para o surgimento de problemas comportamentais, sentimento de mal-estar e o aparecimento dos conflitos. Da mesma forma, há clara relação entre vitimização e clima escolar. Quanto pior o clima, maior a frequência de situações de *bullying* (e vice-versa). As vítimas percebem o ambiente como mais negativo e há uma naturalização das agressões.

Já o clima escolar positivo está claramente associado a bons relacionamentos interpessoais, a um ambiente de cuidado, pertencimento e confiança, a uma escola que apoia o aluno, com espaços de participação e de resolução dialógica dos conflitos, à proximidade dos pais e da comunidade, com uma boa comunicação e, sem dúvida, à qualidade no processo de ensino e aprendizagem.

Para Telma Vinha, a avaliação do clima não pode ser um fim em si mesmo, mas sim fazer parte de um projeto mais amplo, que envolva toda a escola – e não apenas um grupo de interessados. “A ideia de coletivo é fundamental. A escola vai muito melhor quando os profissionais são mais cooperativos, mesmo sem muito preparo, do que em outras com muitos talentos que só pensam em si. Escola traz a ideia de nós”, explica. Isso significa que os gestores precisam estar implicados. “Não se trata de um problema que é dos outros. É um problema nosso”, enfatiza a pesquisadora.

Esse mesmo princípio deve estar presente na devolutiva dos dados, ou seja, quando os resultados alimentarem as discussões entre as equipes e com os alunos. “Ela não deve ser realizada apenas pelo gestor, nem só pelo professor. Espera-se que ocorra um diálogo, capaz de avaliar o que a instituição já faz bem, quais são suas dificuldades, por que há discrepância de olhares, o que pode ser melhorado”, aponta o manual de aplicação da pesquisa.

É preciso ter consciência de que se trata de um processo com desafios de curto, médio e longo prazo, a serem construídos gradualmente. Transformar o clima de forma mais consistente e duradoura pode levar anos.

Por fim, deve-se lembrar que pesquisas não são oráculos que falam por si só: as informações precisam ser reinterpretadas, discutidas pelos atores envolvidos, e enriquecidas com outras informações, seja de pesquisas qualitativas, de dados empíricos ou do contexto da instituição.

A tabulação dos resultados é bastante simples, mas é preciso montar um plano para se pensar nas ações estratégicas. Isso requer também estudo e formação. “Se a escola não tiver ampliação do repertório sobre o problema vivido, só fará mais do mesmo. Se o problema é a desmotivação do aluno, precisa estudar isso. Buscar soluções de senso comum é o mesmo remédio ruim. Tem de buscar além, procurar especialistas, literatura, parcerias, repertórios novos”, propõe a pesquisadora.

Trata-se de um processo que leva ao amadurecimento de todos. O próprio manual cita o exemplo de uma escola em que os professores não reconheciam problemas ligados a intimidações, vendo muitas situações como naturais ou simples brincadeiras. Após estudar e discutir o tema, as situações foram vistas pelo mesmo grupo como fatores negativos, que pediam intervenção.

Para isso, é preciso uma mudança profunda na forma de pensar de muitos educadores. Um estudo importante sobre o tema, conduzido pela pesquisadora Maria Malta, há alguns anos, mostrou que, muitas vezes, os educadores só vêm como caminho o maior aumento do controle, das punições e do rigor. No estudo, 83% dos professores entrevistados defenderam medidas mais duras em relação ao comportamento dos alunos; 67,4% disseram que deveria haver expulsão de alunos e 47% propuseram



a contratação de mais inspetores e psicólogos. Apenas metade dos ouvidos sugeriu a implantação de projetos de conscientização e valorização da escola envolvendo pais, alunos e comunidade em geral.

SE ESTÁ BOM DEMAIS, DESCONFIE!

As escolas devem ter um olhar menos ingênuo para a realidade que vivem e ter disposição real para mudar. “Eu costumo dizer que, se o clima está ruim, é preciso intervir. Se está bom demais, desconfie”, brinca Telma Vinha. Muitas vezes, em um ambiente de aparente tranquilidade, pode haver, na verdade, um clima de desconfiança na gestão, fazendo com que as atenções e a energia de cada um estejam mais voltadas para a autopreservação do que para o diálogo e a coesão. “Não basta dizer que se vai melhorar o clima. É preciso de fato melhorar as relações humanas na escola”, explica.

Uma confusão possível no conceito de clima é considerar como premissa que em escolas com bom clima há também valorização da autonomia e desenvolvimento moral dos alunos. “É o mesmo que dissemos sobre o conhecimento. O clima bom não significa que se valoriza autonomia. Mas certamente o clima hostil impede”, diz Telma.

A ideia de clima caminha ao lado de construir uma escola com relações justas, sentido de pertencimento, mas não necessariamente com autonomia. “Percebemos claramente que os alunos amam responder porque sentem que têm voz. Mas as decisões escolares raramente são tomadas da perspectiva dos alunos. Em geral, a escola não é democrática no sentido mais completo do termo. Mas mesmo que não tenha uma simetria funcional, precisa ter uma simetria de princípios. Quando não há essa simetria é o problema. Significa que há imposição de ideias e regras que valem mais para uns do que para outros”, explica a pesquisadora.



O sentimento de injustiça está relacionado a normas unilaterais, injustas ou sem sentido; ao excesso de regras ou à aplicação inconsistente; às censuras generalizadas ou punições à maioria; às punições arbitrárias ou desproporcionais, ao tratamento de justiça e igualdade entre todos os alunos e às formas de avaliação que ocorrem na escola. Os estudantes sentem-se injustiçados quando expostos a avaliações mal preparadas e mal coordenadas.

No entanto, o que se busca em um trabalho consistente é o contrário: trata-se de construir a motivação intrínseca. “O verdadeiro objetivo da educação do caráter é que os estudantes internalizem os valores morais e afetivos. As recompensas e punições reduzem o valor que se quer internalizar”, ressalta Telma Vinha. Em outros termos, trata-se de mudar quem somos e não apenas como nos comportamos.

Por isso, um bom clima escolar frequentemente se caracteriza por ter poucas regras, mas necessárias e claras; permitir e estimular a participação dos estudantes e professores na discussão dos problemas, elaboração e transformação das regras; em uma boa comunicação; nas expectativas compartilhadas de comportamento e, sim, sanções justas, razoáveis e consistentes.

Nesse sentido, o papel do gestor é essencial. Segundo os estudos, o clima é melhor quando os educadores percebem o diretor como confiável e respeitoso, como alguém que os apoia e que se importa com os alunos, alguém aberto, acessível, engajado e coerente. O bom gestor, nessa perspectiva, incentiva e valoriza opiniões diferentes e lida com erro como parte do processo e aprender. ■



PARA SABER MAIS

● Questionário e manual para avaliação do clima escolar mod.lk/clima

Na linha de frente da educação

Os desafios de ser orientador educacional em tempos tão desorientados e pouco educados.

TEXTO *Ricardo Prado*

“**QUE ABSURDO!** Você viu isso?! Vou reclamar na escola agora mesmo!”; “Ele me bateu!”; “Sumiu meu estojo!”; “Ela me xingou de...”; “Você nem acredita no que essa professora fez!” Qualquer uma dessas frases, se dita em um contexto escolar, seja em uma escola pública ou particular, dita por criança, adolescente, jovem ou por seus pais, terá um destinatário certo: o orientador educacional.

Esse profissional da educação, que na rede pública geralmente tem o cargo de coordenador ou orientador pedagógico, se encontra no meio do roteiro verbal que faz parte de qualquer escola. Agir como mediador de conflitos faz parte de sua função, já que é o educador responsável pelo vínculo entre os alunos, suas famílias e a instituição. »



» Porém, além dos conflitos naturais que sempre envolvem as aglomerações humanas, ainda mais quando nela se concentram crianças e adolescentes, com a imprevisibilidade e as transformações hormonais que trazem consigo, o ano de 2018 foi especialmente tenso em todo o país – e nas escolas também. Ao longo de um processo eleitoral marcado por discussões políticas crescentemente violentas, rachas familiares e rompimentos de amizades antigas, as escolas não passaram incólumes pelo vendaval. Discussões sobre o papel da escola, a proliferação de *fake news* envolvendo temas relacionados à educação, o crescimento do movimento conservador “Escola sem partido”, além de diversos temas de natureza comportamental afloraram de forma caótica, colocando em um confuso balaio questões de gênero, de pedagogia, discussões sobre

o papel da escola e visões de mundo antagônicas.

Como se fazer entender em meio a tal cacofonia? Quais desafios esse profissional precisará superar para colocar um pouco de ordem na escola após esse ano tumultuado? São essas indagações que nortearam a conversa com cinco educadoras que refletiram, a partir de diferentes pontos de vista e experiências, suas próprias perplexidades diante de um cenário bastante nebuloso.

“Como educadora, eu penso que o grande desafio da pós-modernidade é conseguir flexibilizar o pensamento”, analisa Luciana Lapa, orientadora educacional na escola bilíngue Stance Dual, em São Paulo. “Em um momento de polarização, o que se observa é uma falta de empatia diante da perspectiva do outro”, constata. E busca um exemplo em outra seara para reforçar seu argumento. “Você

“O GRANDE DESAFIO
DOS EDUCADORES
É MEDIAR RELAÇÕES
A PARTIR DE
PERSPECTIVAS
DIFERENTES”

LUCIANA LAPA,
Orientadora
educacional.



pode pegar essa falta de empatia pelo viés do esporte. Quantas pessoas morreram simplesmente por serem de times diferentes? O que passa por essas agressões é a falta de tolerância, de empatia. E o grande desafio do educador é mediar essas relações na percepção de tomadas de perspectivas diferentes”, destaca a orientadora.

Quando é chamada a intervir por conta de um conflito entre os alunos, Luciana diz que “é preciso distinguir o que são conflitos interpessoais, atitudes de indisciplina e pequenas transgressões. Em geral, os conflitos mais comuns na faixa etária do primeiro ciclo do fundamental, ou seja, crianças entre seis e nove anos, envolvem disputas sobre jogos (quem ganhou, quem perdeu), o deboche, algumas reações mais explosivas e, eventualmente, uma situação de constrangimento que esteja se configurando em *bullying*”, destaca.

AJUDA ENTRE PARES

Integrante do GEPEM (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral), formado por pesquisadores da Unesp e da Unicamp que estudam as questões da moralidade e da convivência, Luciana Lapa vem acompanhando uma experiência pioneira no Brasil na resolução de conflitos que tem tudo para encantar escolas e seus orientadores educacionais: o sistema de apoio por pares, chamado de equipes de ajuda.

As equipes de ajuda são formadas por alunos do 6º ao 9º ano, escolhidos por seus pares em uma dinâmica que elencará quais são as características de uma pessoa em quem se pode confiar. “A partir desses critérios, os próprios alunos indicam três nomes”, explica Luciana, destacando que a pessoa escolhida precisa ter a legitimidade do grupo. “É muito curioso porque entre os membros das equipes de ajuda existem autores, alvos e espectadores. O autor de *bullying* geralmente é um aluno popular, e estar na equipe de ajuda talvez dê a ele aquilo que lhe falte, ou seja, a sensibilidade moral. Uma vez que carece dessa sensibilidade, fazendo parte da equipe de ajuda, ele será regulado pelos próprios colegas e, também, entrará em contato com o sofrimento do outro. As pesquisas nacionais e internacionais estão mostrando que os pares procuram seus iguais para compartilhar um problema, antes dos adultos. E nessas situações a maior parte dos indivíduos se encontra na condição de espectador, agindo como oxigênio para a intimidação. Então, nada mais justo do que chamar os espectadores para se posicionarem. Eles sabem que aquilo é errado, mas não sabem exatamente o que fazer, nem a força que têm nessa situação”, explica.

Aplicada em caráter experimental desde 2015 em escolas públicas e particulares de São Paulo, Campinas e Paulínia, essa metodologia de intervenção escolar foi idealizada pelo educador José Maria Velez Martinez, da Universidade de Valladolid, na Espanha, que se inspirou em modelos já adotados na Finlândia, no Reino Unido e na Itália.

A Escola Municipal de Educação Integral Zeferino Vaz, em Campinas, faz parte da linha de frente dessa experiência. Ednéia Marques Mendes, diretora educacional da instituição, acompanha o projeto desde seu início. Ela avalia que a iniciativa fortaleceu os vínculos entre os alunos. “Percebo que o fato de os alunos da escola sentirem que tem um deles ali é muito positivo”, destaca. E relata o que mudou no cotidiano da Zeferino Vaz. “Muitos conflitos simples, que podiam ser resolvidos entre eles, acabavam vindo para a gente porque isso aconteceu muito na escola: tudo tem que ser resolvido por um adulto. Com as equipes de ajuda, eles aprendem que conseguem dar conta de resolverem esses conflitos”, relata Ednéia.

A implantação de uma equipe de ajuda demanda a mobilização da escola inteira. “A formação começa pela equipe gestora, pois é ela quem define: ‘Como é essa escola que eu dirijo?’”, explica Luciana Lapa. Em seguida ao alinhamento com os gestores, a formação envolverá a equipe de professores e os funcionários da escola, seguida de uma ação mais específica junto aos professores que irão acompanhar a implementação das equipes de ajuda. “Esse projeto interfere no clima da escola como um todo”, destacam Luciana e Ednéia.

BUSCA PELO PODER

Lygia Maria Ramos Uchôa Cavalcanti, a Dudu, é orientadora educacional na Escola Vera Cruz, de São Paulo. Ela atende aos alunos do 6º ano, acompanhando-os até o 9º ano. Os problemas mais comuns nessa idade envolvem o sumiço de objetos ou problemas de relacionamento. Mas, às vezes, é preciso identificar também as disputas ocultas. “Existe entre eles uma busca de poder. Às vezes eu brinco que há classes aqui que só tem caciques. É uma época de grandes mudanças, e, nessa fase, começam os questionamentos de autoridade, e os conflitos com os professores ou com a organização da escola”, relata. Para ela, o mais importante em sua função é estabelecer um vínculo de confiança com os alunos, “até porque funcionamos como uma autoridade maior para eles”.

A cada quinze dias, Dudu tem um espaço na grade curricular para levar suas questões para os alunos ou ouvir as que eles eventualmente trazem. ➤

» Quando não há um incêndio a ser controlado, ela propõe alguma dinâmica, um debate ou até mesmo um jogo. Um dos preferidos, dela e de seus alunos, se chama “Sem censura”. “Esse jogo traz diversos dilemas morais, do tipo: ‘Você está em uma loja, quebrou um objeto mas ninguém viu. Você paga?’ Eles adoram porque na dinâmica do jogo precisam imaginar o que o amigo vai responder. Também discutimos se aquela determinada resposta foi ética”, relata. Para o 7º ano, a orientadora educacional gosta de usar o livro *Pequeno tratado das grandes virtudes*, de André Comte-Sponville, cujos textos são ponto de partida para discussões sobre virtudes como tolerância, humildade etc. “Há uma hora em que também conversamos sobre drogas, isso mais para o 8º e 9º anos. Mas esse é um tema que vem dos alunos, assim como a sexualidade”, explica.

ADULTOS INFANTILIZADOS

Os orientadores educacionais também precisam lidar com as famílias dos alunos. E nesse aspecto, muitas vezes o relacionamento pode ser ainda mais tumultuado. Com três décadas de experiência como orientadora educacional na mesma escola, Lygia tem observado algumas mudanças. “A gente sente crianças às vezes muito fragilizadas por serem muito protegidas. Coisas que uma criança teria condição de fazer sozinha, os pais vêm fazer no lugar delas. Ou há pais que vêm se queixar porque o professor falou mais ríspidamente, ou deu uma bronca. E essa bronca, geralmente, vem em função de um comportamento que não foi legal do aluno. Então, a queixa do pai é como justificativa daquele tipo de comportamento do filho. São ações que fragilizam as crianças”, avalia.

TODO PROFESSOR É UM
ORIENTADOR EDUCACIONAL,
NO SENTIDO DE QUE ENSINA
AQUELA CRIANÇA, COM AQUELA
HISTÓRIA, NAQUELA ESCOLA
E NAQUELE CONTEXTO.



Maria José Nóbrega, consultora de diversas escolas privadas e de redes públicas, observa o crescimento de uma pressão de cunho moral a partir da ação de uma minoria ruidosa, especialmente nos grupos de WhatsApp formados pelos pais. Ela cita casos como uma versão em quadrinhos dos *Diários de Anne Frank*, que mesmo com chancela da ONU e da Fundação Anne Frank, deixou de ser adotada em uma escola porque trazia uma passagem na qual a adolescente e um garoto percebem suas diferenças sexuais – tão somente isso. A educadora conta também outro caso de uma escola privada que enfrentou problemas por adotar o livro em quadrinhos onde a ativista Malala conta sua trajetória. Segundo algumas famílias, aquela obra, que relata a luta da adolescente pelo direito de estudar, incitaria os jovens a desobedecerem seus pais.

“JOVEM DE 15 ANOS NÃO É CATEGORIA”

Se na rede privada as funções de orientador pedagógico e orientador educacional se encontram divididas entre dois profissionais, um deles mais colado aos professores e suas questões didáticas, outro próximo aos alunos e às questões sócio-comportamentais, na rede pública geralmente essa função é exercida pela mesma pessoa.

Mas tal concentração em um profissional não deve ser compreendida como pior em relação à duplicidade de funções observada em muitas escolas particulares, como destaca Adriana Marcondes Machado, do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da USP. “Não diria que essa é uma função ‘acumulada’ na rede pública porque seria partir do pressuposto de que seriam, de fato, duas funções para dois profissionais diferentes. As funções podem se tornar um acúmulo se esse profissional precisar dar conta de várias séries, ou se for um único coordenador para uma escola de mais de mil alunos, por exemplo. Mas é o coletivo da escola que precisa decidir se quer que essa função seja exercida por uma ou por duas pessoas. E não podemos dizer o que é melhor, mas sim o que pode funcionar para uma determinada escola”, pondera.

No Ensino Médio, o trabalho do orientador educacional ganha novos contornos, conforme destaca Maria José Nóbrega. “É quando entram em cena o projeto de vida do aluno e as ações de orientação profissional”.

Trabalhando com diversas instituições públicas de ensino há décadas, Adriana Marcondes observa esse trabalho de articular o jovem com seu projeto de vida e o mundo do trabalho sendo feito em diversas instituições públicas de Ensino Médio, mesmo

com as dificuldades que essas escolas têm para promoverem saídas a museus ou estudos de meio, por exemplo. “Há hoje muitas escolas que têm projetos articulados com a comunidade. Não é raro achar uma escola que, sendo frequentada por um determinado grupo indígena que viva ali perto, tenha os seus projetos educacionais articulados com essa cultura. Nesse sentido, há bons exemplos tanto nas escolas públicas quanto nas particulares. E essas escolas trabalham com crianças e famílias que vivem situações bastante difíceis”, destaca a pesquisadora.

Adriana ressalta a importância de compreender a realidade do entorno da escola e as características de cada instituição de ensino para dialogar com a comunidade. “Um jovem negro fazendo fundamental 2 em uma escola localizada na periferia tem que lidar diariamente com questões que são muito complicadas. ‘Quem é esse jovem?’ Não existe ‘jovem de 15 anos’ como categoria. É preciso criar outros recortes: de que raça, de que classe social, onde vive, e isso se configura em tema nas escolas. Eu diria que está presente na luta e no esforço de muitos professores e professoras. Mesmo naquelas escolas onde aparentemente não se faça nada nesse sentido, haverá um ou outro professor trabalhando essas questões com seus alunos”, assegura a psicóloga.

A função de orientador educacional está, portanto, umbilicalmente ligada à própria condição de professor, é aonde quer chegar o raciocínio da pesquisadora. Todo professor é um orientador educacional, no sentido de que ensina aquela criança, com aquela história, naquela escola, que também tem sua própria história. E Adriana tira da memória um exemplo que ficou para sempre gravado nela como paradigmático desse tipo de profissional que ensina a sua disciplina ao mesmo tempo em que acolhe o aluno. “Uma vez eu estava em uma escola onde aconteceu o caso terrível de um menino que viu o pai sendo queimado vivo [por ordem dos chefes do tráfico na comunidade]. Toda vez que eu imagino essa cena fico indignada. Três dias depois, esse menino estava de volta à escola e vem uma professora de Matemática falar com ele. Ela disse assim: ‘Olha, você tinha o direito de não ter vivido isso que você viveu. Não te deram esse direito. E sabe qual é a única coisa que eu posso fazer por você?’ O menino olhou para ela e perguntou: ‘Qual?’. ‘Eu posso te ensinar Matemática. Você quer?’. ‘Eu quero”, respondeu o menino. Com esse exemplo quero dizer que aquilo que você pode agir em relação à realidade do seu aluno não está fora do conteúdo que você ensina”, reflete a pesquisadora, para concluir: “Nesse sentido, todo professor é um orientador educacional.”



MODERNA

compartilha

Um projeto vivo
para empoderar
sua escola


UM PROJETO GLOBAL

+ de **650**
escolas no Brasil

presente em
16 países

+ de **250 mil**
alunos no Brasil

+ de **1,1 milhão**
de alunos no mundo



É **vivo** porque construímos com a escola um **processo de desenvolvimento contínuo e personalizado**.

É **360°** porque enxergamos a escola em sua amplitude, estabelecendo uma **parceria com a comunidade escolar**.

É **flexível** porque respeitamos a identidade, o momento e as necessidades da escola ao assumirmos juntos o **compromisso de uma evolução gradativa**.

É **precursor** porque sempre tivemos como essência uma **vivência plena na cultura digital**.

Tudo para empoderar sua escola rumo a um novo patamar em educação.

Para saber mais, acesse:
modernacompartilha.com.br

Transformação digital docente

Tornou-se uma fala vazia justificar a urgência da formação continuada às atuais mudanças do mundo. Que o mundo mudou e continuará mudando todos já sabem, mas o que sua escola está fazendo para empoderar os principais agentes dessa transformação: os professores?

TEXTO *Lara Silbiger*

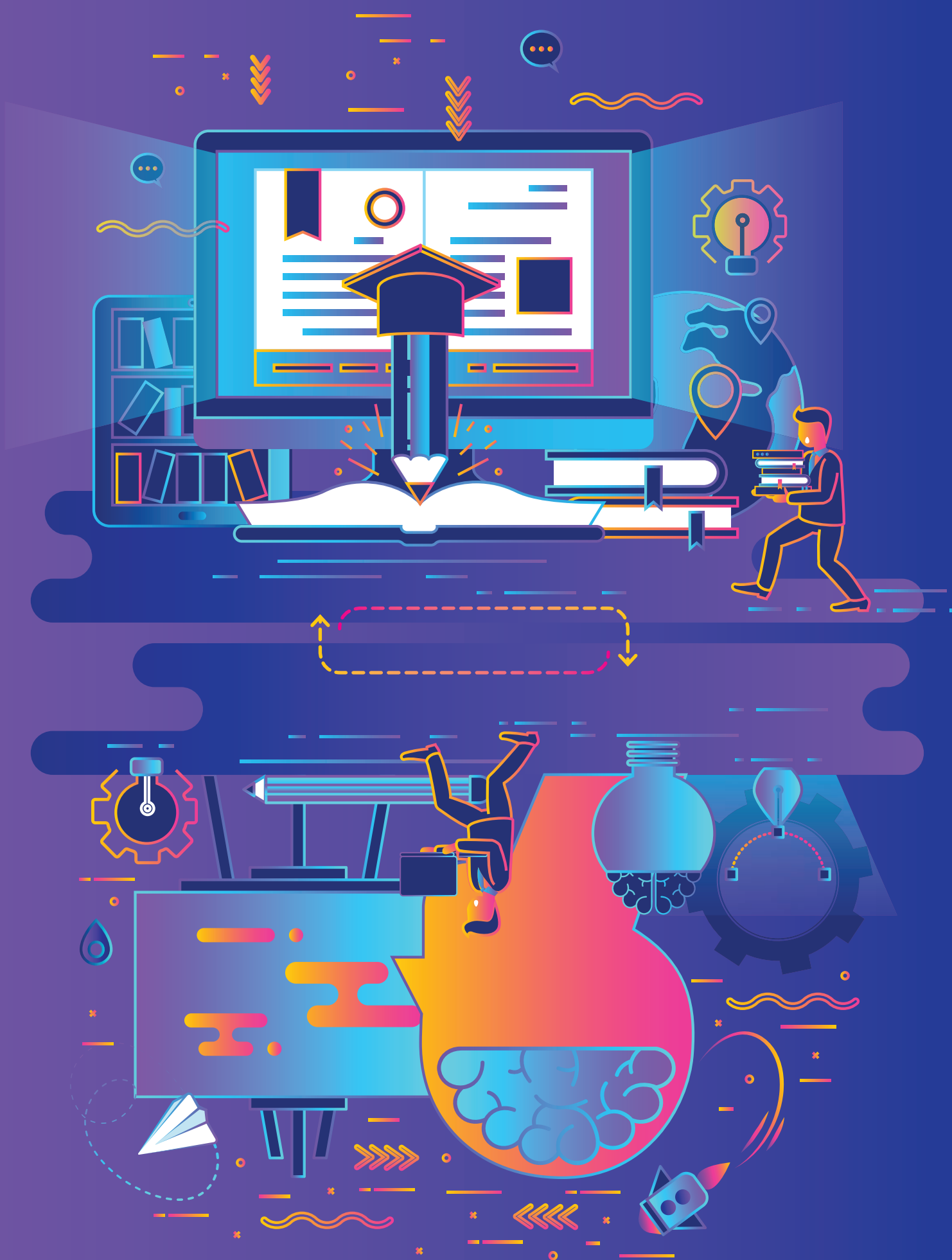
EM MENOS DE quatro décadas, a transformação digital mudou completamente nossa forma de atuar no mundo. Revimos conceitos até então estabelecidos e vivenciamos novas experiências de interação, cooperação e compartilhamento. A forma de conviver se transformou, assim como a maneira de consumir informação, refiná-las e conectá-las. Reaprendemos todos os dias a viver no mundo em que nossos alunos já nasceram imersos.

Você deve estar acostumado com esses clichês e a ser tachado como “imigrante digital”, tentando aprender a língua do momento para adentrar o mundo dos “nativos digitais”. Estes conceitos foram propostos pelo escritor Mark Prensky, em 2001, e reverberados até hoje mundo afora. Dizia ele: “Se educadores imigrantes digitais realmente querem educar nativos digitais – ou seja, todos os seus alunos – eles precisarão mudar. É hora de eles pararem de resmungar e, como diz o slogan da Nike para a geração de nativos digitais, ‘Just do it!’ (simplesmente faça)”. Acontece que ao longo dos anos um grande número de trabalhos científicos chegou a conclusões diferentes, como o artigo “Os mitos do nativo digital e do multitarefas”, publicado em 2017 na revista *Teaching and Teacher Education* e endossado pela revista *Nature*, que afirma, com

base em dados e pesquisas formais, que direcionar o ensino com base nesses fatos é “incorrer no erro de presumir que seus alunos possuem talentos e habilidades que os professores não possuem”. Com isso, assegura que, embora a forma como significamos o mundo tenha mudado, cabe ao professor e ao coordenador assumirem as rédeas e formalizarem a maneira como lidam com a informação on-line, tanto para as novas quanto para as gerações dos próprios profissionais, numa perspectiva de aprendizado contínuo.

O NOVO MUNDO, O MUNDO DE HOJE

A sociedade atual vem presenciando o que está sendo chamada Quarta Revolução Industrial ou Indústria 4.0, que se reflete em um mundo cada dia mais interconectado, complexo e incerto. Não é à toa que imaginar as profissões do futuro virou um exercício de alto risco. “Fugimos dos nomes de profissões e nos concentramos nas habilidades que serão necessárias. Estas são mais previsíveis, úteis e passíveis de serem desenvolvidas e praticadas – o que não é possível em se tratando de profissões que ainda nem sabemos como vão se chamar”, afirmou Amar Kumar, líder da pesquisa “O futuro das habilidades: empregabilidade em 2030”, em entrevista ao portal Porvir. »



» De acordo com esse estudo, as habilidades ligadas à criatividade, originalidade, fluência de ideias e tomada de decisão estarão em alta no final da próxima década.

A pesquisa também revela que o setor de Educação tende a ganhar mais eficiência com o avanço das tecnologias digitais, bem como expandir sua força de trabalho. Entre os nichos que devem se destacar, Kumar cita as mentorias individuais. “Haverá alta demanda tanto por aprender quanto por aprender como se aprende”, diz.

EDUCAÇÃO 4.0

Impulsionada pela Indústria 4.0 e seus impactos sobre a economia e o mundo do trabalho, a Educação 4.0 vem ganhando força. Ela se apropria das tecnologias digitais – não só como ferramentas, mas como agentes de transformação – para repensar as experiências de aprendizagem nas escolas. Baseada no conceito de learning by doing (em português, aprender fazendo), sugere que o processo de aprendizado contemple vivências, projetos, experimentação e mão na massa.

O objetivo da nova escola deve ser criar um espaço propício para que o aluno saia da condição de sujeito passivo e ocupe o eixo central da aprendizagem – por exemplo, em um ambiente de incentivo à inovação, invenção, resolução de problemas e colaboração. “Cabe ao professor conduzir tudo isso; afinal, ninguém melhor do que ele para entender as necessidades de desenvolvimento dos alunos de hoje”, afirma Anna Katarina Vasconcellos, gerente de Inovação e Projetos do Moderna Compartilha.

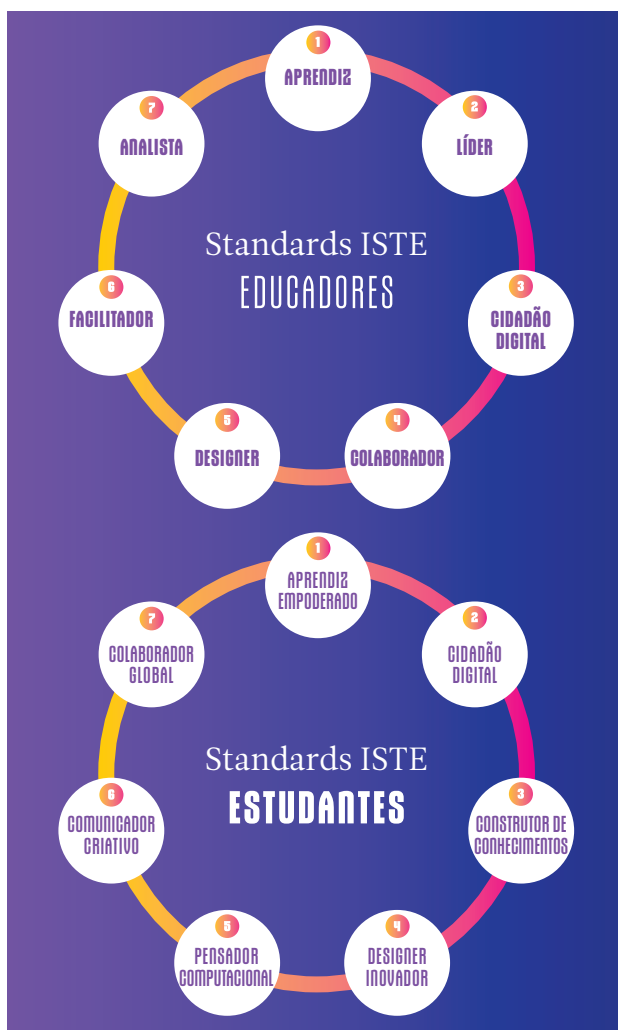
Frente aos novos papéis do professor, a formação docente adquire um caráter estratégico nas instituições de ensino. “Se queremos o aluno preparado para enfrentar os desafios deste século, precisamos ter a escola e o professor devidamente preparados para o que está por vir e empoderados como líderes desse processo”, explica Márcia Carvalho, diretora de Negócios do Moderna Compartilha. Esse é justamente um dos maiores desafios da Educação 4.0, que visa garantir a relevância dos educadores em um mundo hiperveloz, ambíguo e incerto.

As principais habilidades da era digital e os insights pedagógicos que os educadores precisam aprender e ensinar foram listados e são atualizados periodicamente pela organização sem fins lucrativos que é referência mundial em Tecnologia na Educação, o ISTE (*International Society for Technology in Education*).

Ele definiu sete padrões, ou standards, com as competências que os educadores precisam desenvolver para potencializar a adoção de boas práticas

de inovação, integrando novas tecnologias. O objetivo é aprofundar a prática pedagógica, promover a colaboração entre colegas, repensar as abordagens tradicionais e preparar os alunos para impulsionar o próprio aprendizado.

As metas, com suas respectivas competências, são específicas para cada padrão. Em “Aprendiz”, por exemplo, os educadores devem aprimorar sua atuação enquanto aprendem e exploram práticas promissoras em prol da melhoria do aprendizado. Já em “Analista”, entendem e usam dados para orientar suas instruções, bem como ajudam os alunos a atingir suas metas de aprendizado. No standard “Cidadão Digital”, por sua vez, os educadores inspiram os estudantes a participar do mundo digital com responsabilidade e a contribuir de forma positiva. Em “Designer”, desenvolvem atividades em ambientes que sejam autênticos, acolham a diversidade e sejam voltados para o aprendiz. O foco no aluno também está presente no standard “Facilitador”, que privilegia o aprendizado com tecnologia para ajudá-lo a conquistar os standards que o ISTE elaborou especificamente para estudantes. Por fim, em “Líder” o desafio é identificar oportunidades de liderança para melhorar o ensino, a aprendizagem e o sucesso do aluno.



Fonte: ISTE Standards – www.iste.org

PADRÕES ISTE NO BRASIL

Em parceria com o ISTE, o Moderna Compartilha – plataforma global de educação do Grupo Santillana que empodera o educador para viver na cultura digital – trouxe para o Brasil os padrões de formação profissional. Eles são referência para o recém-lançado programa de Desenvolvimento Gradativo para Professores Compartilha. “Nos baseamos nas descrições que o ISTE faz das competências do educador contemporâneo e montamos um programa alinhado à realidade do Moderna Compartilha nas escolas privadas do país”, explica Anna Katarina.

A nova iniciativa prevê a formação integral dos professores e o desenvolvimento gradativo de competências docentes específicas para atuar nas escolas hoje.

São propostos percursos formativos orientados por um coach presencial e um aplicativo de coach virtual, que trazem diferentes níveis de complexidade, bem como desafios e atividades para se colocar em prática as competências em fase de desenvolvimento. “O objetivo é tirar o professor do papel de ministrador da disciplina para elevá-lo à função de educador, com instrumentos para formar os alunos”, diz Anna. Ao fim de cada etapa, o professor recebe uma certificação do Instituto Crescer e, ao final de todo o percurso, é reconhecido como professor padrão ISTE.

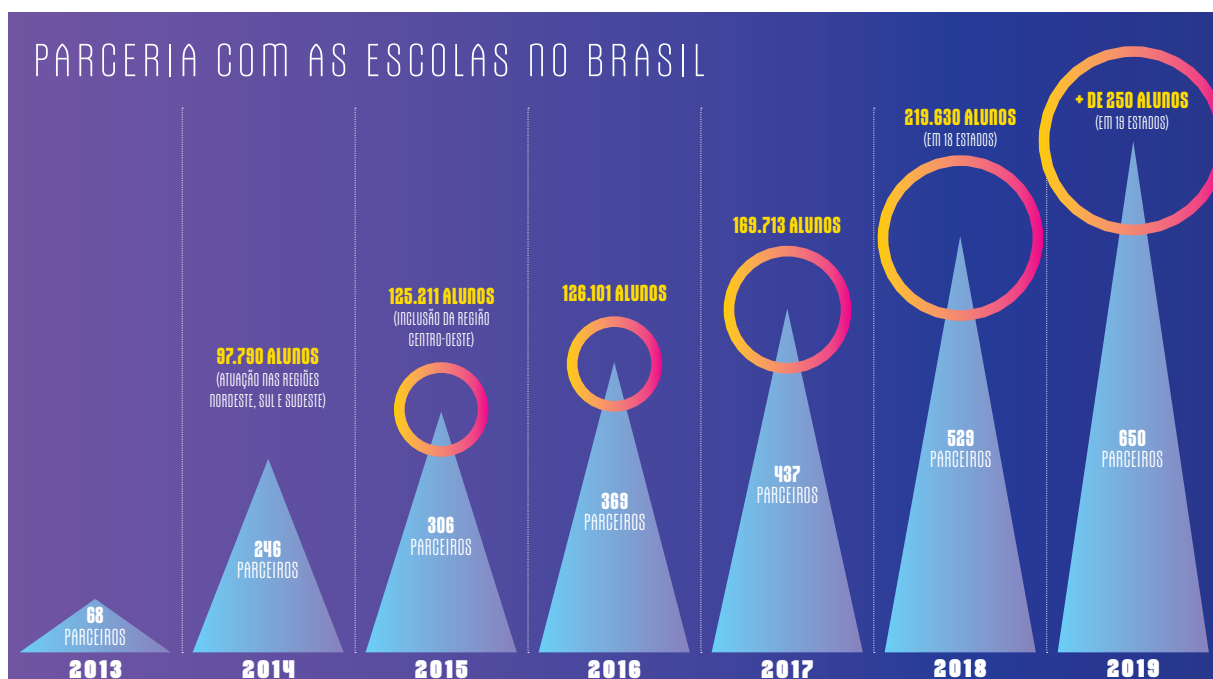
O Desenvolvimento Contínuo de Professores começa a ser implementado nas escolas no primeiro semestre de 2019. “Será um divisor de águas para os parceiros do Moderna Compartilha. Além dos professores, que acompanharão seu próprio desenvolvimento conforme avançam nas trilhas de formação, a gestão pedagógica também poderá acompanhar e ter uma visão sistêmica do desenvolvimento do corpo docente”, comenta Sônia Marques, gerente comercial.

Até dezembro, o Moderna Compartilha deve investir R\$20 milhões em projetos e ações que incentivam a inovação no aprendizado. “Para os próximos anos, outros R\$60 milhões já estão reservados para impulsionar mais etapas do programa de desenvolvimento docente, certificação dos nossos coaches pelo Instituto Brasileiro de Coaching, produção de conteúdo, criação de plataformas e novas iniciativas de formação”, revela Márcia Carvalho.

COMPETÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS

Diante do desafio de formar os alunos em todas as suas dimensões – cognitiva, socioemocional e digital –, as escolas buscam se consolidar como espaços de educação integral. “Trata-se de formar os alunos para enfrentar algo que ainda é desconhecido, mas para o qual precisam estar preparados e munidos de flexibilidade, organização, autonomia e espírito empreendedor”, afirma Solange Petrosino, gerente de Serviços Educacionais da Moderna.

Tamanha expectativa em relação às competências contemporâneas impulsiona a formação integral dos estudantes. “Em uma relação dialógica com a sociedade, as escolas se transformam para acompanhar as novas dinâmicas do mundo”, diz Solange. Ela explica que, além de favorecer o desenvolvimento de competências em todas as áreas, a formação integral também deve prever a avaliação desse processo. “Para muitas instituições, é um grande desafio, e os percursos formativos dão subsídios para que os profissionais estejam preparados.” »



» ECOSSISTEMA DE EVOLUÇÃO

A cultura da evolução e protagonismo está na essência do Moderna Compartilha, que privilegia o potencial de ação da comunidade escolar frente aos seus próprios desafios e necessidades de transformação. Isso se reflete nas estratégias e métodos que o projeto adota desde a sua concepção.

A plataforma nasceu em 2012 para atender a demanda por novidades em tecnologia educacional no mercado privado. “A pressão aumentava a cada dia, especialmente à medida que se começou a falar de sala de aula invertida, competências do século XXI e novos papéis da Educação”, lembra a diretora de negócios Márcia Carvalho. Os primeiros objetivos traçados foram instalar equipamentos de ponta nas escolas, oferecer tecnologia embarcada nos livros didáticos e ensinar os professores a se relacionar com tudo aquilo em sala de aula.

O projeto começou efetivamente a rodar em 2013, quando a entrega dos primeiros tablets e projetores simbolizou o pontapé da inserção digital de 68 escolas parcerias naquele ano. “Os novos dispositivos não só substituíram o computador como levaram o conceito de mobilidade para dentro das instituições”, destaca Márcia.

Para ampliar a oferta de conteúdo, firmaram-se acordos com parceiros a partir de 2014. “Além de livros e enciclopédias digitais, trouxemos jogos pedagógicos do Xmile, livros-aplicativos em 3D da EvoBooks, avaliações e simulados para o Fundamental II e Ensino Médio, propostas de produção textual do EntreLetras, a plataforma LMS (Learning Management School) de gerenciamento de conteúdo, entre outros”, enumera.

Uma nova fase começou em 2016, quando se intensificaram as reflexões sobre o que significa estar inserido no universo digital. “Antes de mais nada, é reconhecer-se como parte de um ecossistema, no qual cada instituição desenvolve sua própria cultura digital”, comenta Anna Katarina. Ela explica que esta última tem relação direta com a forma como a comunidade escolar se organiza, os usos que faz dos dispositivos tecnológicos e da rede, o aproveitamento para fins pedagógicos, de entretenimento e socialização, entre outros fatores que acabam formando sua identidade digital.

No ano seguinte, o Moderna Compartilha inovou com os Chrome Books. “Além de ser uma evolução tecnológica, foi um caminho que adotamos para que os professores passassem a produzir conteúdo, em vez de só consumir”, conta Márcia.

Outra estratégia para aumentar o engajamento da comunidade escolar no aprendizado dos estu-

dantes foi a criação de um portal específico para as famílias – o Compartilha em Família, com temas ligados à Educação contemporânea. “Formar os pais exige mais que informá-los. Requer o empoderamento deles com relação a tudo que gira em torno do aprendizado”, diz Solange. A iniciativa também visou ao alinhamento da família com a escola. “Os pais precisam entender o que é desenvolvimento de competências, como se avalia, o que se prioriza hoje na formação e compreender que tudo isso tem a finalidade de preparar os jovens para o desconhecido, um mundo em movimento.”

Em 2018, mais avanços deram novos contornos à plataforma. Um deles foi a parceria com o Google for Education, com ferramentas que facilitam a colaboração na sala de aula (por exemplo, Gmail e Documentos Google) e aplicativos como Google Earth e WeVideo. Outra evolução que marcou aquele ano – uma das mais ambiciosas até agora na história do Moderna Compartilha – foi a criação do programa de Desenvolvimento Gradativo para Professores, e a parceria global com o ISTE.

A VOZ DAS ESCOLAS

“O Moderna Compartilha facilitou a comunicação entre estudantes e professores por meio da plataforma interativa e do fórum. O projeto também ampliou a capacidade investigativa dos alunos graças aos materiais que favorecem a pesquisa antes das aulas, o que é essencial para a metodologia ativa aplicada na nossa escola.” Edmundo F. de Castilho Filho é vice-diretor do Colégio ISBA, Salvador (BA).

“A possibilidade de saber, em tempo real, como os docentes estão trabalhando traz mais assertividade ao trabalho do gestor. Além disso, as novidades postadas a cada dia permitem ao coordenador pedagógico orientar projetos de incentivo ao professor, gerando mais interação e prática no dia a dia.” Teresa Cristina Hallal é coordenadora pedagógica na Associação Literária e Educativa Santo André, em São José do Rio Preto (SP).

“A parceria com o Moderna Compartilha sempre foi agregadora, com muitas trocas de experiências e apoio dos coachings e consultores. Isso nos trouxe a oportunidade de rever práticas pedagógicas e introduzir, com mais eficiência, a tecnologia nas salas de aula. O resultado é uma maior conexão entre os professores e também com os alunos – estes inclusive passaram a compartilhar conhecimento e interagir mais para o crescimento de todos.” Karin Vianna é coordenadora pedagógica no Colégio SER, em Jundiáí (SP). □



UM BOM CIDADÃO

Defende direitos iguais para todos.

44% DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS COM CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR NÃO TÊM ACESSO À INTERNET EM CASA.

Trata os demais com respeito.

80% DOS JOVENS USAM A INTERNET PARA ENTENDER PERSPECTIVAS DIFERENTES.

Não rouba ou danifica a propriedade dos outros.

Respeita a privacidade digital, a propriedade intelectual e outros direitos de pessoas online.

Comunica-se claramente, com respeito e empatia.

Comunica-se e age com empatia no ambiente digital.

88% DOS ADOLESCENTES QUE USAM REDES SOCIAIS JÁ PRESENCIARAM COMPORTAMENTO AGRESSIVO ONLINE.

Demonstra honestidade e não espalha rumores sem comprovação.

Avalia criticamente fontes de informação e não dissemina notícias ou anúncios falsos.

80% DOS ESTUDANTES CONFUNDEM "CONTEÚDO PATROCINADO" COM NOTÍCIAS LEGÍTIMAS.

Atua para tornar o mundo um lugar melhor.

Aproveita os benefícios da tecnologia para defender e impulsionar causas sociais.

77% DOS ESTUDANTES COMPARTILHAM INFORMAÇÕES SOBRE COTIDIANO OU MEIO AMBIENTE NAS REDES.

Protege a si e aos outros de perigo.

Tem consciência dos riscos ou benefícios proporcionados pelo uso de ferramentas digitais.

94% DOS JOVENS MOTORISTAS SABEM DOS RISCOS DE USAR CELULAR AO VOLANTE, MAS **35%** ADMITEM PRATICÁ-LO.

Participa de projetos para a comunidade.

Aproveita as ferramentas digitais para colaborar com outras pessoas.

80% DA GERAÇÃO Z GOSTA DE ESTUDAR COM AMIGOS E **52%** GOSTAM DE AJUDAR AMIGOS EM TAREFAS ESCOLARES.

Projeta uma imagem pessoal positiva todos os momentos.

Compreende a perenidade do digital e administra proativamente sua identidade digital.

33% DAS INSTITUIÇÕES PESQUISAM AS "PEGADAS DIGITAIS" DOS ESTUDANTES E **47%** DESTES DIZEM CUIDAR DA PRIVACIDADE ONLINE.



UM BOM CIDADÃO DIGITAL

← **1** →

Defende direitos iguais e acesso digital para todos.



← **2** →

Busca entender todos os pontos de vista.



← **3** →

Respeita a privacidade digital, a propriedade intelectual e outros direitos de pessoas online.

← **4** →

Comunica-se e age com empatia no ambiente digital.



← **5** →

Avalia criticamente fontes de informação e não dissemina notícias ou anúncios falsos.



← **6** →

Aproveita os benefícios da tecnologia para defender e impulsionar causas sociais.



← **7** →

Tem consciência dos riscos ou benefícios proporcionados pelo uso de ferramentas digitais.



← **8** →

Aproveita as ferramentas digitais para colaborar com outras pessoas.



← **9** →

Compreende a perenidade do digital e administra proativamente sua identidade digital.





A HORA E A VEZ DO



NA SALA DE AULA

Projetos inovadores e em grupo vão além de investimentos: são uma mudança de atitude.

TEXTO *Débora Garofalo*

A METODOLOGIA STEAM (do inglês *Science, Technology, Engineering, Arts e Mathematics*) foi criada nos Estados Unidos na década de 90, a partir de pesquisas e avaliações que registravam um desinteresse dos alunos pelas ciências exatas. A metodologia ou abordagem pedagógica, baseada em projetos, integra áreas e tem por objetivo formar pessoas com diversos conhecimentos e diferentes habilidades. Por isso, casa perfeitamente com as exigências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao desenvolver competências e habilidades socioemocionais que preparam os alunos para os desafios futuros.

As atividades guiadas na metodologia STEAM permitem resolver problemas ao conectar ideias que parecem desconectadas, ajudando a “pensar fora da caixa”, beneficiando o aprendizado interdisciplinar e trazendo os estudantes para o centro do processo cognitivo. O professor atua como respon-

sável pela mediação e apoio às equipes, exercendo a colaboração para que a turma aprenda durante todo o processo de forma integrada e coletiva.

A adoção do STEAM prevê um conjunto de conhecimentos técnicos essenciais para despertar a criatividade, a empatia, o humanismo e o desenvolvimento de tendências como o pensamento computacional e a cultura *maker*. Nas escolas brasileiras, o STEAM tem potencial transformador ao aumentar o protagonismo do aluno, incentivar a inovação e a colaboração, fortalecendo o processo de ensino e aprendizado. Segundo os dados do Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (PISA), 2015, entre os 70 participantes, o Brasil é o 63º colocado em Ciências e o 66º em Matemática, sendo emergencial que sejam revistos o processo de aprendizagem e as práticas docentes para reverter essa situação.

A chave para o sucesso de uma educação inovadora é criar um ambiente que permita a participação dos atores envolvidos, para que conheçam e que contribuam, dando-lhes a sensação de pertencimento e autoria. Não existe um modelo pronto para aplicar e a mudança de atitude deve partir de todos para alcançar uma aprendizagem significativa e envolvente, quebrando velhos paradigmas e ambientes pouco propícios.



AS DIFERENÇAS ENTRE STEAM E STEM

Além da diferença na nomenclatura — pela inclusão de Arte, que tem a concepção de melhorar o desempenho escolar, o senso estético e crítico, tornando a lógica matemática mais humana —, podemos dizer que o termo STEM trata de como fazer e o STEAM incentiva a descoberta do porquê realizar em cinco etapas: **1** Investigar; **2** Descobrir; **3** Conectar; **4** Criar; **5** Refletir.

Ambas metodologias permitem aos alunos vivenciar e experienciar o pensamento científico e crítico de maneira interpretativa e reflexiva, por meio da ludicidade e ou projetos interdisciplinares que podem ser aplicados desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, em todas áreas do conhecimento.

A IMPORTÂNCIA DO STEAM NO CONTEXTO ESCOLAR

O STEAM, em consonância com a BNCC, tem foco no desenvolvimento de habilidades essenciais ao século XXI. As atividades baseadas na metodologia devem ser planejadas para que os alunos se sintam desafiados e trabalhem de forma colaborativa, compreendendo o seu projeto e buscando alcançar conhecimentos e habilidades de forma interativa e autônoma. Dessa forma, o STEAM dialoga e facilita o desenvolvimento das 10 competências da BNCC. »

| 10 COMPETÊNCIAS BNCC | ATUAÇÃO STEAM |
|---|--|
| Conhecimento | Compreender ações para atuar e colaborar com a sociedade |
| Pensamento científico, crítico e criativo | Investigar, elaborar, testar hipóteses, resolver problemas |
| Repertório cultural | Valorizar e participar de diferentes práticas culturais |
| Comunicação | Utilizar diferentes linguagens e áreas do conhecimento |
| Cultura digital | Usar tecnologias digitais de forma crítica, responsiva e ética |
| Trabalho e projeto de vida | Compreender o mundo, exercer autonomia e cidadania |
| Argumentação | Argumentar com bases nos fatos e informações |
| Autoconhecimento e autocuidado | Compreender e atuar na diversidade humana |
| Empatia e cooperação | Exercer diálogo, cooperação, resolução de conflitos, desenvolvimento socioemocional |
| Responsabilidade e cidadania | Tomar decisões individuais e coletivas, com princípios éticos, democráticos e sustentáveis |



» A abordagem STEAM favorece a aprendizagem por experimentação por meio de metodologias ativas, em que o aluno tem a oportunidade de lidar com situações e problemas de forma criativa, sem perder o foco investigativo. O ambiente é fundamental e deve ser inspirador e facilitador, porém, não é suficiente para proporcionar a aprendizagem. O professor deve estabelecer objetivos claros e integrar as áreas para que a aprendizagem ocorra.

É necessário também que os projetos contemplem a educação ambiental pautada nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a fim desenvolver colaboração, reflexão, ética e empatia, trazendo esses pontos para o centro da discussão. Os ODS são uma coleção de 17 metas globais estabelecidas pela Assembleia Geral das Nações Unidas. O STEAM permite viabilizar, por exemplo, projetos a baixo custo com materiais alternativos, como sucata, de maneira sustentável e dentro da sala de aula.

APLICANDO O STEAM NA PRÁTICA

Por ser baseada na aprendizagem criativa e em tendências educacionais como programação, robótica, inteligência artificial etc., a metodologia STEAM pressupõe a investigação científica, o trabalho por projetos e o movimento *maker*. Assim, a adoção do modelo deve partir inicialmente da intencionalidade do professor, mas deve-se ouvir os estudantes e sistematizar essa escuta para aplicar o STEAM nas aulas.

1 Valorize o espaço de aprendizagem. O espaço de aprendizagem é o lugar para aceitar o desconhecido, reconhecer o erro e trabalhar colaborativamente. Deve ser regulado por dois valores: segurança e respeito. Os alunos e professores devem priorizar uma convivência harmoniosa e produtiva, cuidando uns dos outros, do espaço e de si mesmo. Ao saber qual a atitude necessária para o trabalho no ambiente, as intervenções docentes fazem sentido para o aluno.

O professor deve ser um mediador que permita aos alunos aprender pela experiência, prezando a relação humana e a horizontalidade. A hierarquia se dá por reconhecimento e não por autoridade. Busca-se a autonomia a partir da empatia, criando vínculo com os alunos, reconhecendo o contexto de cada um, descobrindo o que tem sentido e significado para eles. Ao ampliar seu horizonte de conhecimento, o estudante ganha autoconfiança e segurança para ousar e propor novas soluções.

2 Transforme conceitos em aulas práticas. O professor deve olhar para o currículo e possibilitar aos alunos, por meio da resolução de problemas, trabalhar de forma prática, permitindo que testem suas hipóteses com ações mão-na-massa (*learning by doing*), unindo os conceitos das diversas áreas do conhecimento para resolver o desafio proposto.

3 Crie oficinas. Para iniciar essa abordagem em sala de aula, realize uma oficina com a turma dividida em grupos. Leve um problema relacionado ao conteúdo trabalhado e proponha que viabilizem a solução de maneira prática. Vale manusear materiais simples de sucata e fazer questões norteadoras e provocativas para que os alunos se envolvam nas atividades.

4 Problematize. As perguntas são essenciais para avançar nas hipóteses e para o docente mediar a aprendizagem. Esse momento pode gerar debates e intervenções para instigar os grupos a encontrarem caminhos diversos. O desafio tem de ser interessante, sem respostas prontas, permitindo espaço para imaginação e criatividade para produzir, testar e refazer. Ao final, sistematize os conhecimentos para que os alunos se sintam motivados a compartilhar aprendizados com um debate ou apresentação.

5 Planejamento. Estabeleça roteiros e parcerias com a turma já que a proposta é realizar um projeto integrado, com etapas definidas, pesquisa e produção e testes de aplicação.

6 Foque na integração de conhecimentos e traga problemas reais. Na hora da prática, é essencial equilibrar conhecimentos das cinco áreas. Defina o contexto e parta de desafios reais para que os alunos possam atuar na sociedade ou se envolverem com problemas do entorno da escola, aplicando conceitos ao propor soluções.

7 Trabalhe com habilidades socioemocionais. O STEAM é um propulsor para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais por permitir que atividades sejam desenvolvidas em grupos, em que os papéis podem e devem ser revisados. As atividades devem ter objetivos claros e abordar novas maneiras de articular o currículo proposto para desenvolver competências como empatia, colaboração e criatividade.

OS CINCO EIXOS DAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

1 ABERTURA AO NOVO: curiosidade para aprender, imaginação criativa e interesse artístico

2 CONSCIÊNCIA OU AUTOGESTÃO: determinação, organização, foco, persistência e responsabilidade

3 EXTROVERSÃO OU ENGAJAMENTO COM OUTROS: iniciativa social, assertividade e entusiasmo

4 AMABILIDADE: empatia, alteridade, respeito e confiança

5 ESTABILIDADE OU RESILIÊNCIA EMOCIONAL: autoconfiança, tolerância ao estresse e à frustração

ATITUDES QUE TRANSFORMAM

Convidamos Andrea Barreto, professora da rede municipal do Rio de Janeiro e coordenadora do Núcleo do Rio de Janeiro da Conectando Saberes, para contar duas experiências práticas que mostram como a metodologia STEAM pode ressignificar de forma simples e coletiva a aprendizagem.

▶ STEAM no Fundamental 1. Certa vez, quando eu lecionava para o 9º ano de uma escola, a professora do 4º ano me procurou com uma preocupação. Os alunos dela perguntavam se a borboleta “nascia da lagarta ou da minhoca”. Pergunta fantástica! Ela esclarecia que era da lagarta, mas um grupo jurava que viu uma “minhoca se transformar em borboleta”. Chegamos à conclusão de que seria ótimo realizar uma experiência com as crianças. Para ajudá-la, coletei algumas lagartas, que se transformariam em casulos, e coloquei, com algumas folhas, em uma caixa de sapatos sem o tampo, que substituí por uma rede de filó. Pedi para ela levar as minhocas com a terra. Orientei-a para não fazer grandes comentários e falar que queria ver se alguma “minhoca” se transformaria em borboleta. Ao mostrar para a turma, um dos meninos falou logo que “aquelas minhocas não eram do tipo certo” e ela pediu que eles trouxessem o tipo certo. Assim foi feito.

Nos dias seguintes, a turma fazia e anotava as observações e colocavam mais folhas para as lagartas. “Por que mais folhas?” – se perguntavam. “Pode ser qualquer folha?”; “E a minhoca não come?”. Com o incentivo da professora, pesquisas, anotações e compartilhamentos comprovaram que as minhocas não comem terra. Passamos a pesar o pote semanalmente. “Tem mais terra?”; “Não é cocô de minhoca?”. Vejam o quanto está sendo trabalhado: observação, linguagens, matemática, competências socioemocionais como respeito, resiliência, liderança, tudo a partir de um desafio teimoso de um grupo de alunos.

Um dia, os casulos apareceram e a turma ficou eufórica. Os alunos não paravam de perguntar e fui até a sala para responder algumas perguntas. “Está tudo morto, professora?”; “Acabou”? A essa altura, a escola toda sabia do nosso projeto. Alguns dias depois, as borboletas apareceram. Soltamos em uma manhã de risadas, pulos e lágrimas. “Nossas lagartas irão embora!”. No fim, anotaram as conclusões e nós atingimos vários objetivos, entre eles o de vivenciar o STEAM na prática.

▶ STEAM no Fundamental 2. Em uma turma do 7º ano, os alunos entraram na sala falando sobre o livro *Cem dias entre Céu e Mar* (Amyr Klink), que a professora de Língua Portuguesa estava lendo com eles. Eu só ouvia: “O cara remou muito!” – dizia um. “Nada, foram as correntes marinhas!” – retrucava

outro. Daí se seguiu a discussão sobre o que eram as tais correntes marinhas. Eu tentava começar a minha aula – que seria sobre célula –, mas a turma estava alheia e logo percebi que era melhor seguir a maré e abordar as tais “correntes marinhas”.


Pedi para tentarem me explicar como se formavam as correntes e anotei no quadro. “São os ventos!”; “É a rotação da Terra!”; “É a Lua!”; “É a inclinação da Terra!” – eles me diziam. Anotei tudo. Dividi a turma em equipes e pedi para cada equipe provar sua teoria. Eles anotaram a hipótese escolhida e foram em busca das respostas. Na aula seguinte, cada equipe apresentou o que tinha coletado e o que ficou na cabeça de todos foi a diferença de temperatura.

Usei animações feitas na internet para explicar a diferença dos movimentos das moléculas na água quente e fria: algo muito pouco palpável e complicado de se explicar. Eles me diziam que na água quente as moléculas se “movimentam mais” que na fria, porém não se convenciam. Lancei o desafio: “Vocês têm certeza do que estão falando? Provem!”

Estimulei que montassem uma experiência para provar a diferença entre o movimento das moléculas. Pedi para trazer o passo a passo por escrito e reunimos o material: água quente e gelada, copos de vidros iguais, anilina azul e vermelha (as cores foram escolhidas por eles). Na aula seguinte, montamos a experiência. Falei para observarem. Eu enchi os copos de água quente e o restante cada equipe fez.

Um copo com água quente e outro com água gelada na mesma quantidade, duas gotas de anilina em cada copo – na água quente, a vermelha e na fria, a azul –, colocadas ao mesmo tempo, e silêncio absoluto na sala. Eles não sabiam se riam ou se falavam ao mesmo tempo. Pedi para cada equipe relatar o que aconteceu. Na água quente, a anilina se misturou rápido. Na fria, não. Mostrei as animações. Conversamos, interagimos e concluímos a experiência.

Nesses dois casos, percebemos que não foram necessários altos recursos para aplicar o STEAM. Em ambos, levantou-se perguntas feitas pelos estudantes que poderiam ser respondidas rapidamente pelo professor. Resignificar o processo é levar em conta que aprender só faz sentido se encantar o aluno. Deixe-os errar e questione com eles o que deu errado. Faça a mediação, mas não deixe que eles parem de perguntar. Se o aluno pergunta, é o momento de ensinar.

É preciso explorar novas abordagens na educação, mediando o espaço entre o aluno e a informação, de forma participativa, envolvente e interativa, próxima da realidade no processo de construção e reconstrução do seu conhecimento ao trabalhar com as diversas facetas do processo de aprendizagem. Com soluções criativas, é possível reinventar a educação. 

DÉBORA GAROFALO

é professora da rede pública de Ensino de São Paulo. Formada em Letras e Pedagogia, mestranda em Educação, colunista de Educação inovadora no blog *Redes Moderna* e finalista do Prêmio Global Teacher Prize.

PARA SABER MAIS

Agenda 2030 – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>



MODERNA

compartilha

Um programa de formação para empoderar o professor!



Nosso objetivo é formar o educador, nos seus moldes e no seu tempo.

O **Programa de Desenvolvimento Gradativo** é exclusivo para as escolas parceiras e traz maior flexibilidade ao educador.

Desde os primeiros passos, o professor recebe **orientação e acompanhamento** em sua trajetória de aprimoramento. Tudo isso, seguindo os padrões internacionais do **nosso parceiro global ISTE** (International Society for Technology in Education).



Certificação e reconhecimento

Aplicativo para *smartphone*

Flexibilidade no processo

Percurso formativo para o educador

Acompanhamento do progresso da equipe pela coordenação

Para saber mais, solicite uma visita.

 modernacompartilha.com.br

 /Moderna.Compartilha

Participação estudantil

Saiba como envolver adolescentes e jovens nas decisões da escola e promover uma cultura de participação capaz de ampliar o engajamento, promover a aprendizagem, melhorar a educação e contribuir para a democracia.

TEXTO *Porvir*

AS ESCOLAS no Brasil têm problemas crônicos, que comprometem a qualidade e a equidade da educação pública, além de manterem práticas antigas e desconectadas das demandas dos alunos e do mundo contemporâneo. Ainda não sabemos como solucionar esses grandes dilemas, mas uma coisa é certa, teremos dificuldade de avançar sem envolver os alunos nesse processo.

As principais tendências de inovação em educação estão intrinsecamente relacionadas à intensificação da participação dos estudantes. A personalização da aprendizagem, por exemplo, requer que os alunos sejam cada vez mais considerados em suas especificidades e tenham crescente autonomia e flexibilidade para escolher o que e como aprender. As novas tecnologias também criam condições para que os alunos sejam mais autônomos e possam fazer escolhas. »



» O aprendizado mão na massa cria espaço para a autoria, estimulando que os estudantes coloquem em prática seus conhecimentos e habilidades por meio da criação de projetos e produtos. Currículos voltados para a vida no século 21 também demandam pedagogias mais ativas, que não só ampliam a participação dos estudantes, mas desenvolvem sua capacidade crítica, criativa e propositiva.

Até mesmo as tendências em relação à gestão e ao ambiente escolar demandam maior engajamento dos alunos nos processos decisórios, relações mais horizontais e colaborativas, além de espaços e infraestrutura mais conectados com o universo das crianças, adolescentes e jovens.

Promover a participação dos estudantes requer a disposição de gestores e professores para compartilhar informações e poder. Abertura, diálogo, entendimento e cooperação são palavras-chave para qualificar o processo, que deve buscar equilibrar as responsabilidades que serão sempre dos educadores com as contribuições que podem vir dos alunos.

Se por um lado é fundamental não subestimar a capacidade dos estudantes, mesmo quando são crianças ou parecem pouco engajados, por outro não podemos romantizá-los, nem transformar a participação em um fardo. O engajamento precisa fazer sentido e estar à altura da capacidade dos alunos, bem como contribuir para a sua aprendizagem e desenvolvimento, objetivos primordiais da escola.

A participação também deve considerar a cultura dos estudantes, ao invés de forçá-los a se encaixar em modelos próprios do mundo adulto. Ludicidade, arte, cultura e mídias digitais são alguns dos elementos que potencializam a contribuição, especialmente de crianças, adolescentes e jovens. A intenção é levá-los a sério e respeitar as suas próprias formas de organização, expressão e contribuição.

Para aliar teoria e prática, reunimos as principais formas de participação dos alunos na escola em quatro elementos:

ESCUTA

CONSULTAR OS ESTUDANTES SOBRE SEU PRÓPRIO PROCESSO EDUCATIVO

Atualmente, os mais diversos setores da sociedade adotam a prática de ouvir seus usuários para entender se estão satisfeitos com o serviço ou produto que lhes é oferecido. As redes de ensino e as escolas, no entanto, raramente perguntam a opinião dos seus alunos sobre o que acontece no seu cotidiano, muito menos sobre novas decisões que afetarão a sua vida escolar. Em grande parte das escolas, os descontentamentos e as sugestões dos alunos não ultrapassam o limite das conversas de corredor. A falta de diálogo costuma favorecer a apatia e o conflito. O problema se acirra quando o nível de insatisfação aumenta e provoca reações mais radicais, como indisciplina, depredação, protestos e ocupações. Mesmo os problemas mais difíceis

precisam ser discutidos pela comunidade escolar, tanto para que possam ser reconhecidos e resolvidos, quanto para que não se transformem em algo maior e acabem comprometendo as relações de confiança entre gestores, professores e estudantes. Escutar os estudantes significa criar oportunidade para que possam compartilhar opiniões sobre diferentes assuntos, desde os mais corriqueiros, como a infraestrutura da escola e as atividades em sala de aula, até os mais complexos, como mudanças no currículo e na organização escolar. Para engajarem os alunos, essas consultas precisam ser realizadas com o suporte de dinâmicas, instrumentos e linguagens compreensíveis e estimulantes para eles. Também precisam ser inclusivas, para que capturem múltiplas vozes, mesmo as mais silenciosas e dissonantes. Nesse caso, a opinião dos alunos mais “comportados, extrovertidos e eloquentes” não deve se sobrepor à dos mais “rebeldes, tímidos ou que apresentam dificuldade de se expressar”. Todas as perspectivas precisam ser contempladas. Aqueles que escutam devem ainda ter a sabedoria de não se colocar na defensiva, nem se sentir pressionados a acatar tudo o que é sugerido. No entanto, devem realizar devolutivas consistentes, que deem transparência às percepções e propostas coletadas e indiquem como serão encaminhadas. Um processo de escuta dos estudantes pode ter efeito reverso quando não gera consequências concretas.

ESCOLHA

PERMITIR QUE OS ESTUDANTES FAÇAM ESCOLHAS EM RELAÇÃO AO SEU PROCESSO EDUCATIVO

Os estudantes são diferentes e aprendem de formas diversas. Às vezes, o que se encaixa bem para uns não funciona para os demais. Outras vezes, o que os educadores propõem não faz sentido para os alunos. Quando eles têm a oportunidade de escolher entre duas ou mais opções, não apenas encontram alternativas mais interessantes, mas também se sentem mais valorizados e engajados no processo. Nem tudo pode ser escolhido pelos estudantes. Eles sabem disso e entendem que grande parte do que acontece nas redes de educação e nas escolas deve ser proposto por profissionais experientes. Ainda assim, desejam ter mais flexibilidade e autonomia, inclusive para se sentirem mais identificados e motivados em relação à sua aprendizagem. Quando gestores e professores são mais presciti-

vos e já trazem tudo pronto, correm o risco de não se conectar com os interesses, desejos e necessidades de seus alunos, gerando desengajamento e dificuldade de aprender. As escolhas podem ter caráter simples, como a opção entre uma aula no pátio ou no laboratório de informática, entre dois ou mais tipos de exercício ou trabalho em grupo, entre atividades de discussão ou de dramatização, por exemplo. Mas também têm a possibilidade de envolver decisões mais complexas, como as disciplinas a serem cursadas, no caso da flexibilização curricular. Para escolher, os alunos precisam desenvolver sua capacidade de analisar, tomar decisão e assumir as consequências sobre as suas escolhas. Quando a escola oferece esse tipo de situação para seus estudantes, também os prepara para ser mais assertivos em relação às demais escolhas que farão ao longo da vida.

COAUTORIA

FOMENTAR A PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES EM PROCESSOS AUTORAIS

Os estudantes tendem a se engajar mais na sua aprendizagem quando têm espaço para criar. A autoria começa com pequenas produções em atividades educativas cotidianas, como desenhos, cartazes e dramatizações. Ganha potência com criações mais robustas, como peças de teatro, composições musicais, vídeos, blogs, revistas em quadrinhos e animações. E cresce ainda mais quando os alunos se envolvem na elaboração de projetos, seja para desenvolver um produto, como um livro, jogo, robô ou foguete de garrafa PET, seja para resolver um problema concreto, como a melhoria de uma praça, a preservação do meio ambiente ou a redução de conflitos. Os estudantes também começam a ser convidados a criar práticas educativas junto com seus professores. Mais familiarizados com as tecnologias e outros recursos pedagógicos contemporâneos, apoiam seus educadores a planejar atividades mais interessantes e variadas. Em encontros de cocriação, professores e alunos refletem sobre o que não está funcionando em sala de aula e, juntos, desenham novas possibilidades. Além de desenvolver diversas capacidades importantes, como criatividade e colaboração, o engajamento dos estudantes como coautores do seu processo educativo os aproxima da escola, ao mesmo tempo que apoia a transformação do ambiente escolar para conectá-lo com a realidade dos alunos do século 21.

CORRESPONSABILIZAÇÃO

ENVOLVER OS ESTUDANTES NA BUSCA DE SOLUÇÕES PARA OS DESAFIOS DA ESCOLA

Redes de ensino e gestores escolares são responsáveis por assegurar que as escolas cumpram o seu papel e garantam o direito de cada criança, adolescente e jovem a uma educação básica de qualidade. Os estudantes, porém, não precisam ser beneficiários passivos desse processo. Além de ouvir suas opiniões e permitir que façam escolhas e tenham experiências autorais, as instituições de ensino também devem engajá-los em discussões e iniciativas voltadas a melhorar o seu cotidiano educacional. Escolas que adotam modelos de gestão mais democráticos já costumam abrir espaços interessantes para a participação efetiva dos alunos via grêmios, assembleias, conselhos e instâncias afins. No entanto, boa parte das discussões em que eles se envolvem ainda trata de temas laterais, como festas e eventos esportivos. Experiências mais aprofundadas têm conseguido engajar os alunos na solução de questões realmente desafiadoras, como a indisciplina, a depredação física, as dificuldades de aprendizagem e o orçamento da escola. Além de trazerem novas perspectivas sobre esses problemas e suas causas, os estudantes conseguem apoiar os educadores a formular soluções mais efetivas e a implementá-las. Uma nova regra ou iniciativa decidida apenas pelo diretor tem menos chance de ser abraçada pela comunidade escolar do que algo que é construído coletivamente, inclusive com a participação dos alunos, os quais têm ainda a importante missão de mobilizar os seus pares. Nesse caso, o efeito reverso pode se manifestar quando gestores tomam suas decisões e convidam os estudantes apenas para endossá-las e difundi-las, sem que o diálogo tenha de fato acontecido. Mais uma vez, é preciso respeitar as opiniões e propostas dos alunos e engajá-los em atividades de discussão e busca de solução que os façam se sentir seguros, confortáveis e motivados. Não podemos esquecer que eles são crianças, adolescentes e jovens e, portanto, contribuem melhor quando envolvidos em ambientes que consideram as suas peculiaridades. Reuniões prolongadas e com muito falatório técnico costumam inibir a participação da maioria dos estudantes. Por outro lado, eles podem ser extremamente colaborativos quando envolvidos em atividades dinâmicas e criativas, nas quais se expressam por meio das suas próprias linguagens, narrativas e estratégias. □

PARA SABER MAIS

Conheça o conteúdo completo do guia aqui: porvir.org/especiais/participacao

Educomunicação: uma nova era na sala de aula

Como a comunicação e a educação podem caminhar juntas para o desenvolvimento de competências essenciais para a vida em sociedade.

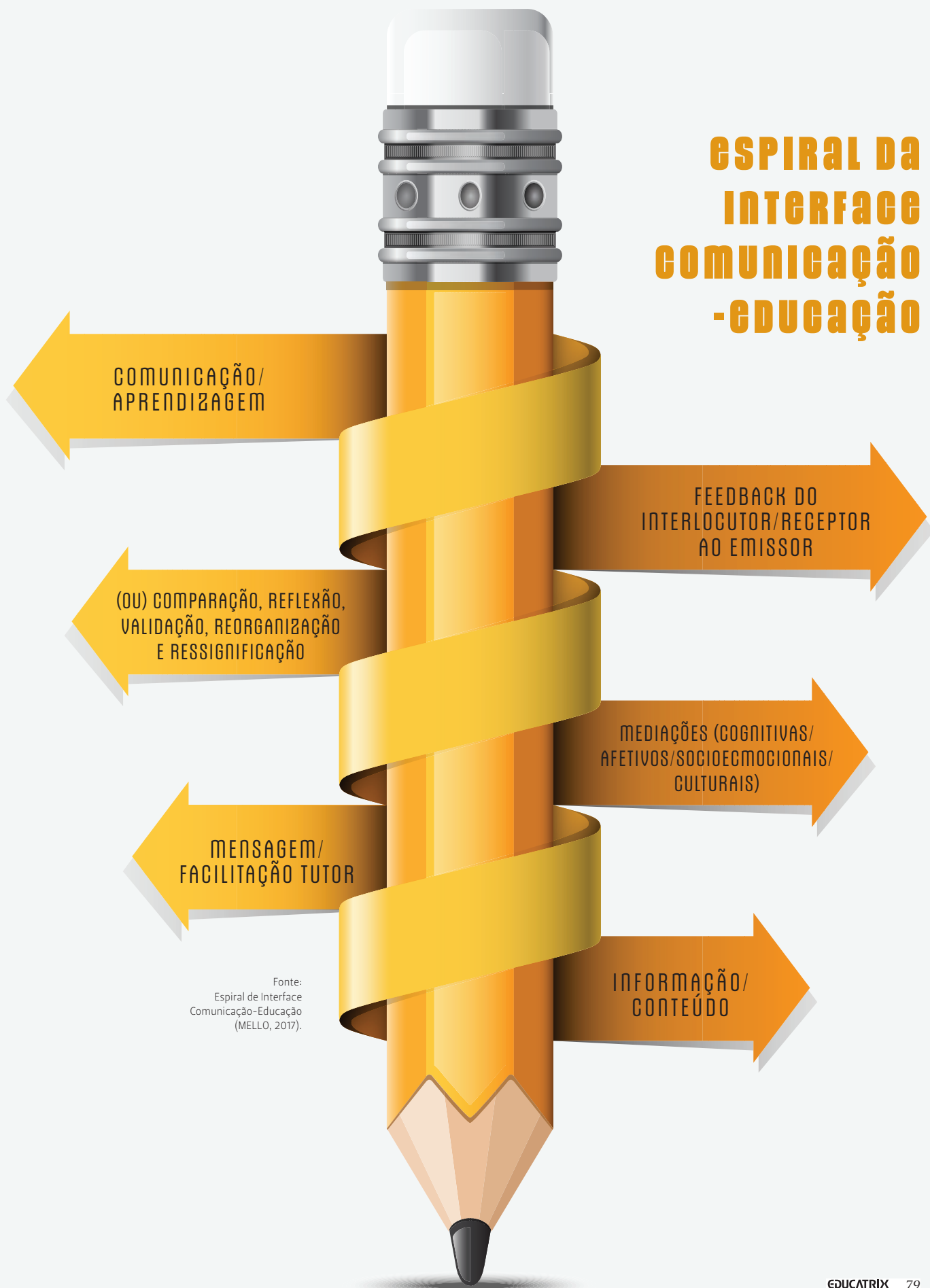
TEXTO *Lucí Ferraz de Mello*

O TERMO educomunicação está cada vez mais presente na vida dos educadores brasileiros. A origem da palavra é desconhecida, mas ela e sua abreviação — educom — começaram a ser adotadas de forma pontual, no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, por algumas instituições de ensino e movimentos sociais na Europa, na América Latina e até pela UNESCO para nomear processos educacionais mediados pelas chamadas tecnologias de informação e comunicação (TIC) e estruturados por meio de competências ligadas às categorias: formas de trabalhar, formas de pensar e formas de viver no mundo, definidas no estudo *Assessment and Teaching of 21st Century Skills* (ATCS). »

| COMPETÊNCIAS DO SÉCULO XXI (ATCS) | |
|-----------------------------------|---|
| CATEGORIA | COMPETÊNCIAS |
| Formas de Viver no Mundo | <ul style="list-style-type: none"> ▶ Cidadania (local e global); ▶ Vida e Carreira; ▶ Responsabilidade pessoal e corporativa (consciência cultural e competências). |
| Formas de Pensar | <ul style="list-style-type: none"> ▶ Criatividade e inovação; ▶ Pensamento crítico, resolução de problemas e tomada de decisões; ▶ Aprender a aprender/metacognição (conhecimento sobre processos cognitivos). |
| Formas de Trabalhar | <ul style="list-style-type: none"> ▶ Comunicação dialógica; ▶ Colaboração (trabalho em grupo); ▶ Relações interpessoais; ▶ Protagonismo juvenil; |
| Ferramentas de Trabalho | <ul style="list-style-type: none"> ▶ Letramento sobre informação; ▶ Letramento sobre Tecnologias da Informação e Comunicação. |

Fonte: Binkley, M., Erstad, O., Hermina, J., Raizen, S., Ripley, M., Miller-Ricci, M., & Rumble, M. (2012).

ESPIRAL DA INTERFACE COMUNICAÇÃO -EDUCAÇÃO



Fonte:
Espiral de Interface
Comunicação-Educação
(MELLO, 2017).

» COMO TUDO COMEÇOU?

A educomunicação surge com movimentos sociais estruturados em práticas de aprendizagem pontuais do terceiro setor, voltadas à leitura crítica dos meios de comunicação na região ibero-americana, em finais dos anos 1970 e início dos anos de 1980, planejadas e implementadas por especialistas em educação e/ou comunicação. Para tanto, eram utilizadas as tecnologias de informação e comunicação em espaços de educação não formal e informal, sugerindo a produção de jornais murais, rádios e vídeos escolares, o que deu origem aos grupos de repórteres mirins. O objetivo inicial era a disseminação, a preservação e o fortalecimento das culturas dos países da região ibero-americana frente à disseminação de mensagens culturais diversas propagadas pelos países do hemisfério norte, por meio de recursos comunicacionais massivos, como televisão, rádio e cinema.

Esses especialistas defendiam – e seguem defendendo – que a melhor forma de as crianças e jovens aprenderem o que é a leitura crítica dos meios e o processo comunicacional em si, é produzindo peças comunicacionais impressas, em áudio ou vídeo. Para tais comunicadores e educadores, apenas a vivência dessas dinâmicas proporcionará a compreensão sobre como se pode trabalhar uma comunicação impactante a partir da emissão de uma determinada mensagem com base em intenções específicas, considerando signos e símbolos específicos, de maneira que a mensagem seja compreendida por determinados perfis de receptores, frente a seus esquemas referenciais internos (culturais, cognitivos, afetivos etc.).

Essa produção de notícias não pode ser meramente instrumental. Há que se trabalhar conjuntamente toda a reflexão sobre como as abordagens e as intenções influenciam no resultado da comunicação. Ou seja, ao longo do processo é preciso realizar rodas de conversa que promovam avaliações sobre como as etapas foram influenciadas pelas intenções e sobre como isso promove a composição de uma mensagem qualquer.

Esse breve resgate histórico permite identificar que, por emergir de movimentos da sociedade civil, a partir de inúmeras práticas de resistência à inserção de culturas oriundas do hemisfério norte (principalmente Estados Unidos e Europa), não há como determinar um único fundador do movimento. Para se ter uma ideia desse contexto, em 1997 e 1998, o Núcleo de Comunicação e Educação, da Universidade de São Paulo, efetuou pesquisa temática que contou com cerca de 176 especialistas, a qual mapeou aspectos relevantes das práticas que apresentam as interfaces comunicação-educação.

Em tempos de redes sociais e do aumento do uso das chamadas TDIC no dia a dia das pessoas, é essencial que crianças e jovens entendam como se dá a estruturação dos processos comunicacionais das mensagens transmitidas, sendo que as

práticas educacionais têm uma proposta diferenciada sobre como trabalhar essa conscientização, a partir das ideias de especialistas da Comunicação e da Educação que estruturam a organização, sistematização e disseminação das características dessas dinâmicas em vários espaços da sociedade. Na área da Educação, temos John Dewey, Célestin Freinet, Jean Piaget, Lev Vygotsky, Jerome Bruner, dentre outros. E na área da Comunicação, temos Jesus Martin-Barbero, Jorge Huergo, Mário Kaplun, Guilherme Orozco-Gomez, Roberto Aparici, Maria Aparecida Baccega, Adilson Citelli e Ismar O. Soares, dentre inúmeros outros.

Huergo (2000), por exemplo, foi um dos primeiros especialistas desse grupo a ressaltar a necessidade de um modelo de comunicação no qual todos participantes de um processo de aprendizagem pudessem interagir de forma igualitária, ao longo do qual as crianças e jovens atuassem como sujeitos desse processo de aprendizagem, alternando as posições de receptores e emissores constantemente durante as trocas reflexivas. Para tanto, há que se adotar estratégias pedagógicas intensamente dialógicas e dialéticas, as quais viabilizem o desenvolvimento de objetivos de aprendizagem almejados.

Ainda sobre as interfaces comunicação-educação, Paulo Freire, um dos autores básicos da educomunicação, dizia que educar é comunicar. E o que seria isso exatamente? Essa afirmação pode ser explicada pela Figura 1, que reflete a integração do que seria o processo comunicacional dialógico em espiral com a espiral de aprendizagem de Jerome Bruner, já considerando as ideias de Martin-Barbero sobre a Teoria das Recepções e as mediações culturais, cognitivas e emocionais, de cada sujeito de um processo de aprendizagem.

A ilustração busca aproximar e integrar as características do processo da espiral de aprendizagem de Bruner (2007) – estruturado com base nas ideias de Jean Piaget, Lev Vygotsky e Jerome Bruner –, com os aspectos que compõem o



O OBJETIVO
DA AÇÃO
EDUCOMUNICATIVA
É PROMOVER O
EMPODERAMENTO
DE PROFESSORES,
ALUNOS E
MEMBROS DA
**COMUNIDADE
ESCOLAR.**

processo comunicacional, para mostrar como eles se misturam e se estruturam no processo de aprendizagem. O objetivo é mostrar como a mensagem acerca de um determinado conteúdo pode e/ou deve ser trabalhada em termos de signos e símbolos pelos professores, para ativar diferentes domínios cognitivos dos alunos, alguns dos quais, aprofundam a reflexão sobre o tema em estudo e alavancam esses processos de aprendizagem, alcançando os resultados almejados. Assim, a gestão da comunicação para a educação de processo de aprendizagem pode ter diferentes resultados. O tipo e a estrutura de uma pergunta influenciam diretamente no tipo de reflexão promovida e da resposta obtida.

EDUCOMUNICAÇÃO NA PRÁTICA

Segundo Martin-Barbero (2005), por mais que a comunicação seja mencionada em vários momentos na elaboração e implantação de projetos educacionais, a análise de contextos e da relação entre educação e comunicação permite identificar que esta última é quase sempre reduzida a uma dimensão majoritariamente instrumental. As vivências estratégicas sobre os complexos processos atuais de comunicação, com seus entornos educacionais difusos e descentrados acabam não sendo trabalhadas ou o são de forma mais superficial.

No caso do ambiente escolar, o objetivo da ação educacional é promover o empoderamento dos professores, estudantes e demais membros das comunidades educativas, enquanto cidadãos ativos e críticos da sociedade, a partir de práticas comunicacionais de trocas intensas dentro e fora da sala de aula.

Trata-se de planejar e implementar estratégias pedagógicas com grande influência socioconstrutivista e comunicacional por meio de ações que trabalham competências comunicacionais dialógicas e de autonomia, bem como em participações que focam a experimentação do protagonismo juvenil. Exemplos disso são as dinâmicas volta-

das à leitura crítica dos meios, com uso de tecnologias de informação e comunicação – analógica e/ou digital.

Daí Mello (2016) destaca a importância de planejar processos, atividades e ações comunicacionais com objetivos detalhados que estruturarão todo o processo de aprendizagem, levando em conta momentos, tempos e tipos de trocas dialógicas, de pensamento reflexivo, de atuação protagonista e de iniciativas autônomas.

Para planejar uma dinâmica educacional nos espaços de aprendizagem formal, é preciso considerar os seguintes aspectos:

- 1 Tema:** sobre o que os alunos pesquisarão;
- 2 Dinâmicas pedagógicas:** tipos de participação dos alunos, como e até onde eles poderão trabalhar seu protagonismo e autonomia;
- 3 Dinâmicas comunicacionais dialógicas e de colaboração:** desenvolvimento das estratégias pedagógicas;
- 4 Tecnologias digitais de informação e comunicação:** ferramentas e instrumentos utilizados para a produção das peças comunicacionais;
- 5 Acompanhamento do processo comunicacional:** com foco na educação para leitura crítica dos meios. É importante se definir os critérios logo de início, de maneira a destacar a atenção dos alunos para os fatores que podem ser manipulados ao longo do processo, de maneira a influenciar a leitura e opinião das pessoas que recebem tal mensagem ou notícia – a estruturação de uma rubrica formativa auxilia esse acompanhamento;
- 6 Avaliação do processo:** pode ser feita em uma roda de conversa tradicional entre os participantes, ou pode propor a elaboração de um mapa mental, montado a partir dos aspectos observados ao longo do processo.

Com toda a disseminação de notícias falsas pelas redes sociais, a adoção de dinâmicas estruturadas a partir das premissas educacionais tem ganhado força, pois suas práticas permitem dar clareza sobre como uma

mensagem pode influenciar a opinião e decisão dos leitores.

Um exemplo de estratégia pedagógico-comunicacional com base nas premissas educacionais, passível de ser desenvolvida com os alunos, é definir um tema de interesse de discussão, para então fazê-los buscar informações publicadas nos mais diferentes veículos de comunicação. Com base em alguns indicadores pré-definidos, como origem da informação, termos utilizados, fundamentação teórica das colocações apresentadas, confirmação da veracidade dos fatos relatados, pode-se pedir para que esses atores sociais mapeiem e classifiquem quais as publicações falsas e verdadeiras, justificando a razão de tais classificações.

Outra dinâmica de conscientização é a criação de fóruns de debates sobre determinadas temáticas, como religiões, valores, política e, até mesmo, de conteúdos diversos de ciências, história e geografia, dentre outros. Suponha que o professor queira trabalhar com a questão de direitos humanos e o movimento dos refugiados ao redor do mundo. No caso, o professor pode dividir a turma em grupos e atribuir papéis como: brasileiros a favor da imigração, brasileiros contra a imigração, venezuelanos refugiados, países estrangeiros aliados, a ONU. Cada grupo terá que buscar informações sobre as razões que compõem a postura e o discurso que terá que defender. No momento da realização do fórum, cada grupo deverá ter 10 minutos para apresentar a justificativa de seu posicionamento e, após a apresentação de todas as justificativas, deve-se iniciar a parte de réplicas e trélicas, sendo que aqui é importante que o professor considere o tempo e número de réplicas e trélicas para cada grupo.

Ao final, o professor deverá promover uma reflexão conjunta sobre as justificativas dos grupos e trabalhar a conscientização dos valores por trás de cada discurso, para que os alunos compreendam como identificar as mensagens que inseridas nos discursos. ➤

» PREMISSAS DA EDUCOMUNICAÇÃO

Especificamente sobre as premissas das interfaces comunicação-educação, vale destacar aqui algumas competências identificadas como sendo educacionais (MELLO, 2016):

- 1 Leitura crítica dos meios;
- 2 Colaboração;
- 3 Comunicação dialógica;
- 4 Reflexão crítica;
- 5 Competências participativas diversas, com foco no trabalho em grupo; resolução de problemas; resolução de conflitos; detalhamento do processo; planejamento de projetos;
- 6 Comunicação mediada por TDIC;
- 7 Gestão da comunicação para a educação.

Frente a tais competências e aos desafios de planejamento e implementação, acompanhamento e avaliação das estratégias baseadas nas premissas educacionais, é possível entender a razão de o foco de atenção das práticas educacionais estar no processo comunicacional, e não apenas no resultado, que pode ser uma peça comunicacional qualquer, em termos de produção de um jornal mural ou programa de rádio. São as ações pedagógico-comunicacionais que estruturam o processo como um todo que importam para que a leitura crítica dos meios possa se concretizar.

O foco dessas estratégias é a promoção da aprendizagem a partir da construção de ecossistemas comunicativos que apresentem trocas dialógicas e colaborativas intensas, com foco no desenvolvimento do pensamento crítico dos envolvidos. Por isso, há que se atentar como trabalhar as práticas de maneira que o diálogo e colaboração ocorram de fato, bem como que sejam adotadas ações que permitam que os participantes exerçam ações protagonistas consistentes.

Vale mencionar as considerações de Bohm (2005) sobre as diferenças entre o diálogo e debate, de maneira que as pessoas que pretendem trabalhar e fortalecer as práticas dialógicas consigam identificar se estão sendo bem-sucedidas

ou se estão se limitando ou debater e negociar. Não se trata de ter características apenas de um ou de outro aspecto, mas principalmente de entender quando se está debatendo, para que os professores responsáveis possam intervir e fazer seus alunos focarem em aspectos dialógicos durante as atividades.

Desafiador, não? Porém é viável, com dedicação, atenção e paciência. E fica mais claro, utilizando as ideias apresentadas no quadro a seguir.

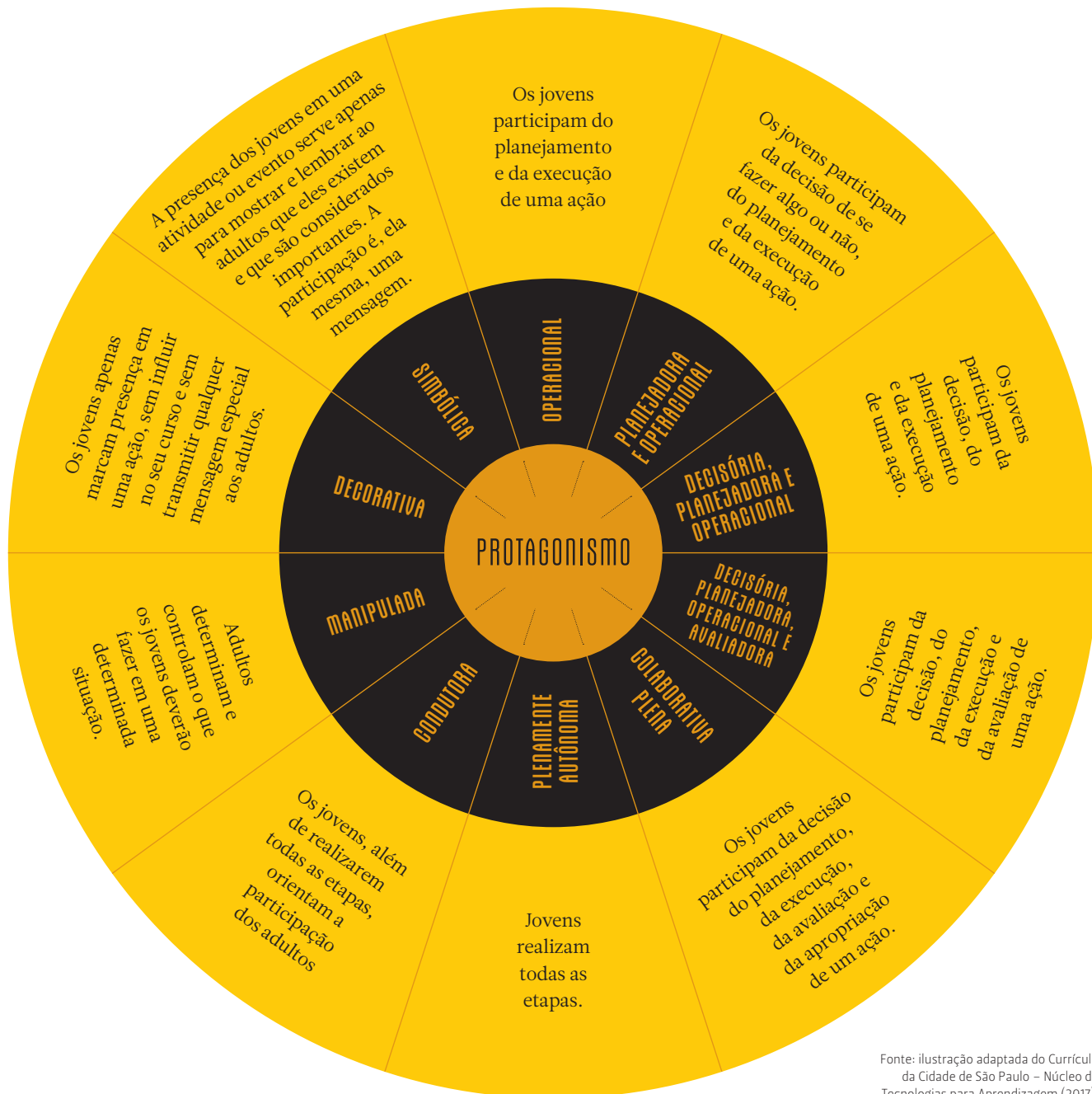
| DISCUSSÃO DEBATE | DIÁLOGO |
|-------------------------------|------------------------------|
| Visa fechar questões | Visa abrir questões |
| Convencer | Mostrar |
| Demarcar posições | Estabelecer relações |
| Defender ideias | Compartilhar ideias |
| Persuadir e ensinar | Questionar e aprender |
| Explicar | Compreender |
| Visa as partes em separado | Vê a interação partes / todo |
| Descarta as ideias "vencidas" | Faz emergir ideias |
| Busca acordos | Busca pluralidade de ideias |

Há alguns desafios sobre como trabalhar dinâmicas que fomentem o protagonismo de forma clara e com objetivos bem definidos. Na busca por um melhor entendimento sobre o tipo de participações que podem ser pensadas para fortalecer o protagonismo juvenil, Costa e Vieira (2006) mapearam dez tipos de participações infanto-juvenil que podem ser adotadas nos espaços educacionais (vide a seguir). Vale registrar que nem todas promovem o protagonismo, por isso é essencial ter especial atenção sobre como as dinâmicas são implementadas. □

PLANEJE AULAS EDUCOMUNICATIVAS

Frente ao que foi exposto, fica uma sugestão de planejamento de aula com base nas premissas educacionais:

- 1 Definir o tema e o conteúdo a ser trabalhado.
- 2 Estabelecer o produto ou solução comunicacional que será produzida no final.
- 3 Detalhar as estratégias pedagógicas: fórum de debates, Design Thinking, roda de conversa etc.
- 4 Demarcar as estratégias comunicacionais, por exemplo, momentos reflexivos com professor, de discussão e de colaboração entre alunos; o tempo disponível e a forma de registro.
- 5 Levantar as tecnologias digitais de informação e comunicação utilizadas.
- 6 Estabelecer critérios de avaliação para o acompanhamento e encerramento.
- 7 Elaborar o cronograma de desenvolvimento.



Fonte: ilustração adaptada do Currículo da Cidade de São Paulo – Núcleo de Tecnologias para Aprendizagem (2017).

LUCÍ FERRAZ

é doutora e mestre em Comunicação. Especialista em Tecnologias Educacionais.

PARA SABER MAIS

- BOHM, D. *Diálogo: comunicação e redes de convivência*. São Paulo: Palas Athena, 2005.
- BRUNER, J. *O processo de educação*. Lisboa:

Edições 70, 2007.

- COSTA, A.C.G.; VIEIRA, M.A. *Protagonismo Juvenil – adolescência, educação e participação democrática*. São Paulo: FTD/Fundação Odebrecht, 2006.
- FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HUERGO, J. "Comunicación/ Educación: itinerarios

transversales". In: VALDERRAMA, C. E. *Comunicación-educación: coordenadas, abordajes y trayectorias*. Bogotá: Universidad Central, 2000, p. 3-25.

- MARTIN-BARBERO, J. *Desafíos culturales: da comunicação à Educomunicação*. In CITELLI, A.; COSTA, M.C. (Org.). *Educomunicação – Construindo uma nova área*

de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011, pág. 121 a 134.

- MELLO, L. F. *Práticas Pedagógico-comunicacionais da Avaliação Formativa na EAD*. In: *Congresso Nacional de Tecnologias na Educação (CONATEDU)*, Nov/2017, 36 slides.
- MELLO, L. F. *Educomunicação e Práticas Pedagógico-Comunicacionais na Avaliação Formativa no Ensino*

Básico. Tese de doutorado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2016.

- SÃO PAULO. *Currículo da Cidade de São Paulo – Tecnologias para Aprendizagem*. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, 2017.

educação inovadora



Educação Inovadora é o novo ciclo de webinars da Moderna que traz formações dinâmicas e interativas sobre metodologias e abordagens que vão transformar o dia a dia da sua escola: gestão democrática, ensino híbrido, cultura maker e muito mais! A cada mês, um novo tema!

GRANDES PASSOS PARA OS NOVOS TEMPOS

Serão **10 webinars** em **transmissões ao vivo** pelo **Facebook** e vídeos gravados em nossas páginas do Facebook e Youtube para você assistir quando quiser.



ACOMPANHE NOSSA PROGRAMAÇÃO
Acesse a página da Moderna e inscreva-se
fb.com/editoramoderna



BNCC na Prática



CHEGOU A HORA DA IMPLANTAÇÃO

PREPARAMOS UM NOVO CICLO DE WEBINARS PARA DEBATER OS DIVERSOS DESAFIOS QUE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS TÊM ENCONTRADO NA IMPLANTAÇÃO DA BASE. SERÃO **10 ENCONTROS** COM ESPECIALISTAS E EDUCADORES, TRANSMITIDOS AO VIVO PELO FACEBOOK DA MODERNA. **A CADA MÊS UM NOVO TEMA!**



ACOMPANHE
NOSSA PROGRAMAÇÃO!
[FB.COM/EDITORAMODERNA](https://fb.com/EDITORAMODERNA)



MODERNA



**A BNCC NA PRÁTICA 2018
REVEJA OS ENCONTROS EM
MOD.LK/WEBINAR1**

Trilhas da BNCC

Percursos possíveis para trabalhar habilidades e competências exigidas na Base em todos os componentes curriculares.

TEXTO *Educatrix*





CONECTAR as diversas habilidades para desenvolver competências é a base da escola do século XXI. A Base Nacional Comum Curricular que o diga. A proposta de reestruturação das disciplinas como componentes curriculares dentro das áreas do conhecimento (Linguagens, Matemática, Ciências Humanas e Ciências da Natureza) por si só já demonstra o foco do documento em desenvolver, a partir da consolidação das competências específicas de cada área, atitudes que colaboram com a formação integral do aluno.

Apesar de ser algo bastante atraente na teoria, ainda há uma série de dúvidas sobre como estimular as competências no dia a dia em sala de aula. Por isso, convidamos autores de materiais didáticos e especialistas de cada componente curricular das quatro áreas do conhecimento para sugerir como planejar aulas, projetos e reflexões focados na autonomia e no protagonismo das novas gerações. Qual, de fato, é o papel das escolas dentro desse ecossistema vivo que transcende o projeto escolar e forma cidadãos globais? ►

A BNCC e a língua portuguesa

Um aprendizado baseado nas múltiplas práticas de linguagem.

TEXTO *Moderna*

A PROPOSTA da BNCC para o ensino de Língua Portuguesa não é essencialmente inovadora, pois complementa o que já era proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. O componente é abordado sob a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, cuja adoção implica a compreensão de que um texto não é apenas um conjunto de frases ou de parágrafos organizados para produzir sentido, mas a materialização de determinado uso da língua que ocorre em um contexto social e histórico e sob circunstâncias específicas.

Uma placa com a frase “Silêncio!” em uma parede de hospital, por exemplo, deve ser, sob essa perspectiva, analisada como um discurso, ou seja, como a expressão de uma ordem, produzida com a intenção de orientar o comportamento das pessoas para manter o cuidado com os pacientes. Na BNCC, o texto (oral, escrito, multimodal/multissemiótico) torna-se o centro das atividades, implicando um trabalho com a língua não apenas como um código a ser decifrado nem como um mero sistema de regras gramaticais, mas como forma de manifestação da linguagem. A finalidade é fazer com que o ensino de Língua Portuguesa permita o desenvolvimento crítico e reflexivo do aluno como agente da linguagem, capaz de usar a língua e as linguagens em diversificadas atividades humanas.

Com esse objetivo, a BNCC propõe práticas de linguagem de diferentes esferas ou campos de atuação: vida cotidiana e pública, artístico-literário, práticas de estudo e pesquisa jornalístico-midiático etc. Tais práticas devem ser norteadas a partir de quatro eixos organizadores:

1 ORALIDADE Propõe a produção de textos orais, considerando as diferenças entre língua falada e escrita e as formas específicas de composição do discurso oral, em situações formais ou informais.

2 LEITURA O foco está na interação ativa entre leitor/ouvinte/espectador com textos escritos, orais ou multissemióticos de diferentes campos. Para aprimorar a compreensão leitora, o professor pode propor diversificadas experiências de ler, ouvir, comentar textos escritos etc. Essas experiências devem incluir a reflexão sobre quem escreveu, para quem, sobre o quê, com que finalidade, em qual tempo e espaço, como o texto circulou etc.

3 PRODUÇÃO DE TEXTOS Propõe o engajamento dos alunos em situações reais de produção de textos verbais, não verbais, multimodais/multissemióticos, considerando o uso das linguagens adequado ao contexto de produção, recepção e circulação. Essas oportunidades de produção devem ser uma atividade sociointeracional, produzida a partir do diálogo, seja com um sujeito, seja com outro texto. Esse processo não deve ser uma tarefa burocrática, pois deve ser construído como uma atividade em que os alunos se envolvem com as práticas sociais da linguagem, por meio de planejamento, revisão, reescrita e edição de textos.

4 ANÁLISE LINGÜÍSTICA / SEMIÓTICA As habilidades desenvolvidas vinculam-se às práticas propostas nos eixos anteriores. Mantém-se o caminho do uso-reflexão-uso que visa a refletir sobre as possibilidades de uso permitidas pelo sistema da língua, oral ou escrita, e das múltiplas linguagens, e a ser capaz de aplicar o recurso mais adequado ao contexto em que está inserido. Propõe-se um trabalho que leve as crianças à reflexão sobre as diferentes materialidades, responsáveis pelos efeitos de sentido em textos oriundos de diferentes campos de atuação.

A BNCC certamente ainda passará por algumas revisões. Afinal, não seria razoável supor que um documento desse porte nascesse pronto e perfeito. A prática em sala de aula certamente será importante fonte de contribuição para tais revisões.

Os desafios para o ensino da língua inglesa

Um exercício de empatia com foco na educação global e para a paz.

TEXTO *Eduardo Amos*

MONTSERRAT MORENO nos ensina que mais difícil do que adquirir novos conhecimentos é conseguir desprender-se dos velhos. A chegada da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pode confirmar esse ensinamento, pois significa o início de um dos mais profundos processos de renovação da educação nacional. De maneira geral, muitos professores estão dispostos a encarar os princípios propostos como uma possibilidade de minimizar certas condições que enfrentam atualmente e que são marcadas por indisciplina, violência e desvalorização do aprendizado bem como do próprio professor.

Em uma perspectiva geral, a Base reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BNCC, p.8). Nesse sentido, a prática pedagógica tradicional baseada em muitos exercícios gramaticais mecânicos e repetitivos até conseguem produzir um resultado bom em termos de nota, mas jamais irá preparar o aluno para enfrentar os desafios da vida atual. Isso porque a educação tradicional está baseada em modelos do passado que atendem a demandas do passado. Hoje, o mundo e as relações humanas estão muito mais complexos e desafiadores, exigindo o desenvolvimento das competências socioemocionais, uma vez que, por meio desse processo se aprende a reconhecer, nomear e controlar emoções, demonstrar empatia, estabelecer relações sociais pautadas pela civilidade, se colocar no lugar do outro e tomar decisões de maneira responsável.

Soma-se a isso a farta documentação acerca do caráter violento do ambiente escolar, o que exige estratégias e abordagens que trabalhem questões

como a resolução não violenta de conflitos, o acolhimento às diferenças, o saber conviver.

Diante desse cenário, dentre as dez competências gerais que devem permear transversalmente as disciplinas, chamamos a atenção para a de número 9, que propõe: “Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.” (BNCC, p. 10).

Essa competência traz para a prática educacional questões altamente relevantes ligadas à Educação para a Paz. E, nessa perspectiva, os esforços pedagógicos para cultivar essas atitudes trarão benefícios à toda comunidade escolar. No entanto, a implementação da BNCC não pode estar apenas nas mãos dos professores. Esse processo deverá ser o resultado do esforço coletivo ou simplesmente nada acontecerá. E nossos jovens têm pressa. Ao contrário do que possamos imaginar, para eles, o futuro já começou. Para eles, o futuro é hoje! »

EDUARDO AMOS

é autor de livros didáticos e paradidáticos há mais de 38 anos. Sua obra *Students for Peace* recebeu o prêmio ELTons 2017, concedido pelo Conselho Britânico em Londres na categoria Excelência em Inovação em Livros Didáticos para o Ensino de Língua Inglesa. É membro do GEEPAZ – Grupo de Estudos de Educação para Paz e Tolerância do Laboratório de Psicologia Genética da Faculdade de Educação da UNICAMP. Nos últimos anos tem trabalhado também na área de consultoria para instituições escolares na área de Educação para a Paz.

O ensino de Arte

Oportunidades que vão muito além do componente curricular.

TEXTO *Rejane Coutinho*

A PRESENÇA da Arte como um dos componentes curriculares da área de Linguagens no Ensino Fundamental, como se apresenta na Base Nacional Comum Curricular, foi desde a primeira versão pública do documento uma questão avaliada como um retrocesso pelos pesquisadores e professores do campo do ensino e aprendizagem das artes. A delimitação e caracterização do campo de conhecimento como disciplina Arte, nos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997 foi uma conquista hoje desconsiderada na estrutura da Base: de uma disciplina em pé de igualdade com as demais, a Arte passou a integrar uma área como um componente curricular.

Essa situação, por um lado, revela a fragilidade de um campo de conhecimento que nos últimos 50 anos vem tentando se afirmar e se qualificar no contexto escolar: da Educação Artística à Arte, de atividades de livre expressão à leitura de obras e produções contextualizadas. Temos um passado complexo que mesmo antes já transitava entre modelos tradicionais de cópias e repetições, acompanhando o próprio campo das produções artísticas e suas tendências.

Colocar a Arte em uma grade curricular não é tarefa fácil, pois estamos diante de um campo de conhecimento eminentemente caracterizado por invenções e criações nos contextos históricos, culturais e sociais. A Arte como componente curricular na BNCC se apresenta de forma pouco definida, há indicação de algumas competências e habilidades, porém não são estabelecidos claramente os objetos de conhecimento. Entretanto, pode-se lidar com o documento de forma proveitosa, abrindo ao professor a possibilidade de construção de percursos curriculares mais autorais e circunstanciados.

Importante destacar que na Base se mantém as especificidades das quatro linguagens: Artes Visuais, Música, Teatro e Dança. Apesar de não trazer uma discussão explícita sobre as formações iniciais específicas de professores e professoras e suas responsabilidades diante dos conhecimentos de cada uma das linguagens, pode-se aferir pela constante demarcação dos territórios de cada uma delas,

que as responsabilidades devem ser respeitadas. O professor formado em Artes Visuais deve se ocupar primordialmente de trabalhar com seu campo de conhecimento, assim como os formados em Música, Teatro e Dança. Este entendimento é reforçado, sobretudo, quando compreendemos o que se define como Artes Integradas no âmbito do documento. Como uma das unidades temáticas, as Artes Integradas visam a explorar as relações e articulações entre as diferentes linguagens e suas práticas, ou seja, as hibridizações entre linguagens que o próprio campo das produções artísticas produz, incluindo-se também as integrações possibilitadas pelas novas tecnologias.

As compreensões e interpretações de um documento curricular podem ser diversas; porém, Artes Integradas não deve ser confundida com a ideia de um professor de artes polivalente, aquele que teria como obrigação trabalhar superficialmente com todas as quatro linguagens. No contexto da BNCC, é uma unidade temática suplementar, que vem revelar as complexidades do campo.

A ideia de integração pode se estender para o entendimento de um currículo integrado, que possibilite integrar a Arte aos demais componentes curriculares. Por exemplo, uma proposta curricular que se pautar em questões contemporâneas que atravessem as disciplinas, que ativem diversos conhecimentos e mobilizem o interesse dos estudantes pela pesquisa. A pesquisa como modo de conhecer, de viver experiências e de as tornar significativas de forma individual e coletiva. A Arte pode ser vista como um campo de conhecimento integrado e por esta via se destacar no currículo escolar.

REJANE GALVÃO COUTINHO

é mestre e doutora em Artes pela USP e professora do Instituto de Artes da UNESP no curso de Artes Visuais Bacharelado e Licenciatura e no Programa de Pós-Graduação em Artes. É coordenadora do Mestrado Profissional em Artes – Profartes – do IA/Unesp. Tem artigos publicados em periódicos e livros sobre história do ensino de artes no Brasil, formação de educadores mediadores e a educação em museus.

Matemática, outras áreas e os desafios do século XXI

Resolver problemas, analisar dados e tomar atitudes criativas no dia a dia.

TEXTO Fábio Martins de Leonardo

É COMUM encontrar pessoas que dizem não saber ou não gostar de matemática. Esse fato provavelmente é uma consequência do modo equivocadamente como essa ciência é ensinada nas escolas brasileiras: um estudo quase sempre segmentado e conteudista, carente de formação de professores e vulnerável à inconsistência do sistema educacional.

A matemática é uma das mais significativas conquistas do conhecimento humano, produzida e organizada ao longo da história por diversos povos e civilizações. É uma ciência que contribui para a compreensão, tradução e modelagem de situações em diversas áreas do conhecimento (astronomia, medicina, engenharia, arquitetura, arte e tecnologia da informação são alguns dos exemplos, só para se ter uma ideia). Além disso, vale ressaltar sua importância nas práticas cotidianas, como para a compreensão e tomada de decisões em situações financeiras, para a leitura e interpretação de gráficos e tabelas encontrados nos noticiários, para a elaboração de estimativas e inferências com base em análise de dados e para o desenvolvimento de estratégias de resolução de problemas, argumentação e exposição de ideias.

Ao estudar matemática, desenvolvemos competências, habilidades e atitudes tão imprescindíveis ao mundo do trabalho quanto à vida cotidiana. Por exemplo: planejar ações e projetar soluções para novos problemas de mercado, que exijam iniciativa e criatividade; compreender e transmitir ideias matemáticas, por escrito ou oralmente, desenvolvendo a capacidade de argumentação na sustentação de projetos; interpretar matematicamente situações do dia a dia ou do mundo tecnológico e científico e saber utilizar a matemática para resolver situações-problema nesses contextos; avaliar os resultados obtidos na solução de situações-problema para definições, por exemplo, de estratégias de marketing; fazer estimativas de resultados ou cálculos aproximados; utilizar os conceitos e procedimentos estatísticos e probabilísticos.

No artigo “O pensamento computacional e a reinvenção do computador na educação”, Paulo Blikstein, professor na Escola de Educação e no departamento de Ciência da Computação da Universidade de Stanford nos EUA, discorre sobre as exigências do nosso mundo. “(...) o mundo atual exige muito mais do que ler, escrever, adição e subtração. A lista de habilidades e conhecimentos necessários para o pleno exercício da cidadania

no século XXI é tão extensa quanto controversa. Não sabemos muito bem quais são essas habilidades, muito menos como ensiná-las.” Na sequência, ele fala da importância do “pensamento computacional” e sobre o ensino de ciências. “Felizmente, nossas pesquisas têm mostrado que os alunos aprendem ‘ciência computacional’ mais facilmente do que ciência tradicional, por uma série de fatores cognitivos, epistemológicos e motivacionais. Boa parte da ciência e da matemática que ensinamos na escola foi inventada porque não tínhamos computadores, e seu aprendizado é desnecessariamente difícil, afastando qualquer aluno mais criativo. Portanto, a habilidade de transformar teorias e hipóteses em modelos e programas de computador, executá-los, depurá-los, e utilizá-los para redesenhar processos produtivos, realizar pesquisas científicas ou mesmo otimizar rotinas pessoais, é uma das mais importantes habilidades para os cidadãos do século XXI. E, curiosamente, é uma habilidade que nos faz mais humano. Afinal, o que há de mais humano do que livrarmos-nos de tarefas repetitivas e focar no mundo das ideias?”

Não são poucas as competências, habilidades e atitudes necessárias para o exercício da cidadania no século XXI, para o enfrentamento do mundo do trabalho e para a imersão no mundo da tecnologia. Atualmente, desenvolver o raciocínio lógico, a autonomia e a criatividade é mais importante do que aprender conteúdos. Nesse contexto, o professor é imprescindível para ajudar os alunos em seus percursos com foco onde querem chegar, ajudá-los a selecionar as informações que de fato precisam, prepará-los para o mundo como um todo, inclusive o do trabalho, tornando-os cidadãos críticos, criativos e autônomos. »

FÁBIO MARTINS DE LEONARDO

é licenciado em Matemática pela Universidade de São Paulo. Elaborador e editor responsável da obra *Conexões com a Matemática (PNLD 2018)*.

Deixa que digam, que pensem, que falem

Estudar História para combater intolerância
contra os povos nativos do Brasil.

TEXTO Anna Rita Barreto

A AVENTURA humana na Terra originou uma incrível diversidade de formas de ser e de se estar no mundo. Essas diferentes experiências foram expressas em sons e palavras, cujos significados trazem saberes ancestrais. Justamente reconhecendo a riqueza da história da humanidade, a Unesco declarou 2019 como o Ano Internacional das Línguas Indígenas, tendo como intenção a preservação, a revitalização e a promoção das mais de 6 mil línguas indígenas espalhadas pelo globo.

No Brasil, o Censo do IBGE de 2010 identificou 274 línguas nativas, cada uma carregando consigo memórias, histórias e tradições específicas das mais de 300 etnias espalhadas pelo país. No entanto, os demais brasileiros pouco conhecem esse nosso poderoso patrimônio linguístico e cultural. Para muitos, todo ele se resume à figura folclórica e caricata do “índio”, construída ao longo dos séculos, inclusive com a colaboração dos livros escolares do passado. Para corrigir essa lacuna, o governo promulgou, em 2008, a lei 11.646, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura indígena nas escolas. Desde então, as coleções didáticas passaram reservar mais espaço aos povos originários e reconhecer o protagonismo indígena na formação do Brasil.

A exigência de dedicar mais atenção ao entendimento dos povos nativos foi recentemente reforçada pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular), na qual as habilidades e conteúdos informativos buscam, entre outros objetivos, educar os jovens para as relações étnico-raciais, promovendo uma cultura de convivência respeitosa, solidária e humana entre públicos de diferentes identidades. Essa política está em consonância com demandas nacionais e compromissos internacionais de combate a toda

forma de intolerância, pois, apesar da ampla difusão do mito da democracia racial no Brasil, nossos índices de violência contra minorias são alarmantes. Segundo o último *Relatório Violência contra os Povos Indígenas no Brasil*, produzido pelo CIMI (Conselho Indigenista Missionário), em 2017 foram registrados 128 suicídios, 110 homicídios e a morte de 702 crianças de até 5 anos de idade. O relatório aponta também para a persistência dos problemas relativos à demarcação e à proteção das terras indígenas, continuamente ameaçadas pela expansão das áreas de pasto e cultivo, e pela exploração de recursos naturais como minério, madeira e água.

A proteção dos povos nativos brasileiros, de sua língua e cultura, depende do entendimento de seu modo de vida tradicional, ao qual está atrelada sua sobrevivência coletiva. Esse entendimento só será alcançado se as novas gerações se libertarem dos estereótipos cristalizados, sobre os quais se assentam os preconceitos que justificam e legitimam o ataque aos direitos constitucionais dos povos originários. Por essa razão, é de fundamental importância que os professores e professoras reestruturem seus cursos para ampliarem o tempo dedicado à história e cultura indígenas. Caso contrário, em breve, o Brasil vai ter-se apequenado e perdido parte importante de sua identidade e de sua inestimável riqueza linguística e cultural.

ANNA RITA BARRETO

é historiadora e mestre em História Social pela USP. Atua como professora de História e Atualidades na rede privada de ensino há 32 anos, e desde 2007 trabalha na elaboração de materiais didáticos para Ensino Fundamental 2 e Médio.

Elos entre línguas indígenas e territorialidades

Uma expedição pela questão da identidade dos povos em sala de aula.

TEXTO *Sergio Adas e Melhem Adas*

RECONHECENDO a função essencial das territorialidades para povos indígenas originários e comunidades tradicionais do Brasil, no que tange ao componente curricular Geografia, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) dispõe sobre a temática, por meio da habilidade EF07GEO3 do 7º ano do Ensino Fundamental.

Abre-se, aqui, um amplo leque de possibilidades de reflexão, de trabalho e de aprendizagens em sala de aula relacionadas à temática. Uma delas, em sintonia com atualidades, permite-nos enquanto professores considerar com os alunos o fato de que, em 2019, a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) comemora o Ano Internacional das Línguas Indígenas. De acordo com a instituição, há mais de 6 mil línguas indígenas ao redor do globo, sendo que somente cerca de 3% da população mundial fala 96% delas; ainda, estima-se que a ameaça a este elemento identitário seja tão grave que uma língua indígena desaparece, em média, a cada duas semanas.

No Brasil, país com cerca de 300 povos indígenas originários, o Censo do IBGE de 2010 registrou 274 línguas entre eles, divididas em dois grandes troncos linguísticos: Tupi e Macro-Jê. Segundo o Instituto Socioambiental (ISA), existem, ainda, 19 famílias linguísticas que não se encontram agrupadas, uma vez que despidas de semelhanças para tanto.

Mas, afinal, qual a relação entre línguas indígenas e territorialidades, e como este tema poderia nos ajudar a trabalhar o foco da habilidade supracitada da BNCC? De fato, as línguas indígenas, cada qual com suas características e especificidades, constituem elemento fundamental da identidade dos povos originários tanto do Brasil como de outros países. Trata-se de aspecto da cultura estreitamente relacionado à forma como tais povos compreendem o mundo. Em outras palavras, são sistemas que abarcam saberes e conhecimentos tradicionais que vão muito além da comunicação entre indivíduos, envolvendo, por exemplo, a integração entre os membros das comunidades, a educação de crianças e jovens e a preservação da memória e da história destes povos, especialmente pelo fato de serem culturas pautadas pela tradição oral.

A tudo isso, encontra-se relacionada a noção de territoria-

lidade. De modo geral, a cultura dos povos originários abarca forte relação com o lugar onde suas comunidades se localizam e as relações que o envolvem, inclusive, em relação à forma como dele se apropriam. Aspectos como o cultivo de vegetais e rituais que englobam o uso de elementos do meio físico natural do território que ocupam — por exemplo, um rio ou uma serra —, evidenciam a força da territorialidade para tais povos. A “terra”, como muitos deles se referem ao espaço que ocupam, é parte de seu cotidiano e os representa no que tange à coletividade e à formação de sua identidade como povo; e, portanto, também como indivíduos. As línguas indígenas, neste contexto, expressam essas características culturais identitárias.

Nessa perspectiva, podemos considerar que a ONU, por meio de um de seus principais órgãos, ao ter evidenciado a importância das línguas indígenas com o objetivo de sensibilizar a população mundial para o tema, permite-nos, em sala de aula, trabalhá-lo como apoio ao desenvolvimento de uma das habilidades da BNCC, promovendo ao mesmo tempo junto aos educandos a valorização e a conscientização sobre a importância de preservação da identidade linguística dos povos indígenas e de suas territorialidades, elos inseparáveis em sua luta por direitos. »

MELHEM ADAS

é bacharel e licenciado em Geografia pela PUC-SP. Professor da rede pública e em escolas privadas do estado de São Paulo. Autor de obras didáticas e paradidáticas de Geografia.

SERGIO ADAS

é professor e pesquisador da FFCLRP-USP. É bacharel e licenciado em Filosofia, doutor em Geografia Humana e Pós-doutorado em Educação. Desenvolve pesquisas em Ciências Humanas. É autor de obras didáticas de Geografia.

Pensamento **investigativo** em todas as áreas do conhecimento

Despertar a curiosidade e desenvolver o olhar crítico e questionador sobre os diversos fenômenos da vida.

TEXTO Rita Helena Bröckelmann

“Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: — Me ajuda a olhar!”
Eduardo Galeano,
O livro dos abraços, 1989.

EM UMA época de muitas mudanças e incertezas, em que temos de lidar com os resultados e os produtos da evolução tecnológica, torna-se essencial a educação para aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser, como propõe o relatório *Quatro pilares da educação para o século XXI da Unesco*, de 1999 (Delors, 2000). Com base nesses quatro pilares, acredito ser possível “ajudar a olhar”.

Nossos alunos têm acesso a uma quantidade enorme de informações, mas nem sempre sabem o que fazer com elas, pois não aprenderam a “olhar”! Essas informações precisam ser dotadas de significados, de modo que os alunos possam associá-las e gerar o conhecimento a ser utilizado no cotidiano e na compreensão do mundo. Mas o que é pensamento investigativo? Como é possível ensinar a pensar?

Por muitos anos, o ensino de Ciências trabalhou mais com a transmissão do que com a produção do conhecimento, e em muitas escolas essa prática ainda persiste. Pesquisas em diversas áreas da educação e da neurociência, contudo, têm demonstrado que o estudante aprende mais ao se envolver com uma situação-problema e buscar soluções e significados para ela.

Para tanto, o aluno precisa pensar investigativamente, desenvolvendo competências e habilidades como observar, problematizar, formular questões e hipóteses, verificar, mensurar, constatar, concluir, errar e tentar novamente.



A prática do pensamento investigativo pode e deve ser utilizada em todas as áreas do conhecimento, não apenas nas ciências da natureza.

Segundo o filósofo norte-americano Matthew Lipman, na obra *A Filosofia vai à escola*, o ensino tradicional, em que os conhecimentos são transmitidos do professor para o estudante, constitui o “paradigma-padrão”, ao passo que o ensino que trabalha com o pensamento investigativo configura o “paradigma reflexivo”. Lipman propõe que as disciplinas sejam organizadas de maneira que se complementem, fazendo com que a educação não se limite a promover a memorização das informações transmitidas e objetive “a percepção das relações contidas nos temas investigados”. A adoção do paradigma reflexivo permite investigar e problematizar os conteúdos de cada disciplina, construindo uma reflexão conjunta.

Ao trabalhar com a proposição da solução de um problema, promove-se um enfrentamento entre os estudantes por meio do diálogo. Nesse paradigma, o importante não é o resultado final, a conclusão, e sim as descobertas feitas ao longo do processo de investigação. O diálogo promove a reflexão e o pensamento criativo.

Embora apresente muitas variantes, na técnica mais usual, o professor propõe um problema, que os alunos identificam e trabalham em grupos, sempre partindo de seus conhecimentos prévios. Os itens do problema são levantados, debatidos e registrados. Com base nesse registro, os alunos se

organizam para investigar os itens principais em grupo ou individualmente. Em todas as etapas, o professor orienta, ajuda a organizar, faz a intermediação das discussões e propõe fontes de consulta. Todo o resultado das investigações é debatido pelos integrantes do grupo, que, juntos, aprendem a relacionar fatos e informações.

Nesse processo, o estudante deixa de memorizar e passa a pensar, a questionar, a testar. Com o trabalho em grupo, ele aprende a respeitar as diferenças de opinião, o ritmo de trabalho e as descobertas de cada um, aprende a conviver, a colaborar com o outro. Aprende onde procurar informações e como conectá-las para encontrar respostas. A autonomia intelectual dos estudantes é valorizada.

O professor deixa o papel de mero transmissor de informações para exercer o papel de organizador, de mediador e sistematizador dos dados que os estudantes encontraram. Com a metodologia de resolução de problemas, o professor trabalha os “quatro pilares da educação para o século XXI”, em vários momentos e de formas variadas.

Pautada nesses pilares, a educação passa a constituir o principal instrumento para “olhar” o mundo! ▣

RITA HELENA BRÖCKELMANN

é bióloga e editora executiva do Editorial de Biologia e Química da Editora Moderna.

“Livros sobre sustentabilidade”



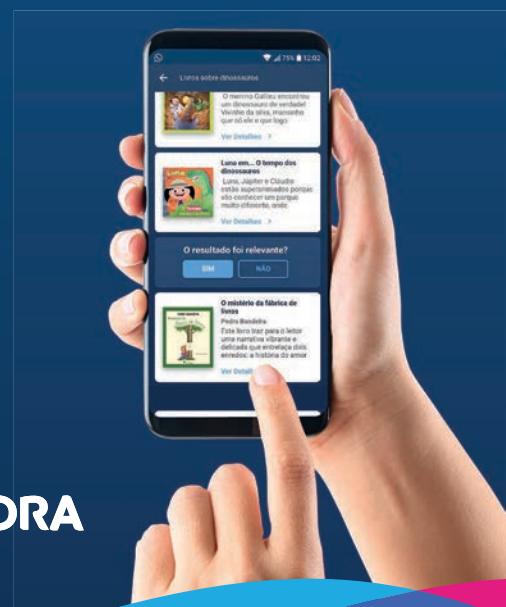
Oi, eu sou a *GENIUM*,
a **inteligência artificial**
da Moderna e da Salamandra.



Você ama literatura. E eu posso te ajudar nas melhores escolhas.

Com **comandos de voz ou texto**,
faço propostas de títulos do nosso catálogo de
literatura de acordo com o que você precisa.
Sua busca pode ser por tema, autor, título...
Ah! Só não se esqueça que **eu aprendo** sempre
com você! Quanto mais você pesquisa, mais
relevantes se tornam as minhas respostas.

Baixe agora o app!



Um mundo de histórias está chegando...

A partir de 2019, a obra completa de **ILAN BRËNMAN** virá para o mundo Moderna.

Cada livro será lapidado pelo autor, organizado em coleções infantis e juvenis e passará por nossa excelência editorial para encantar leitores, famílias e escolas.



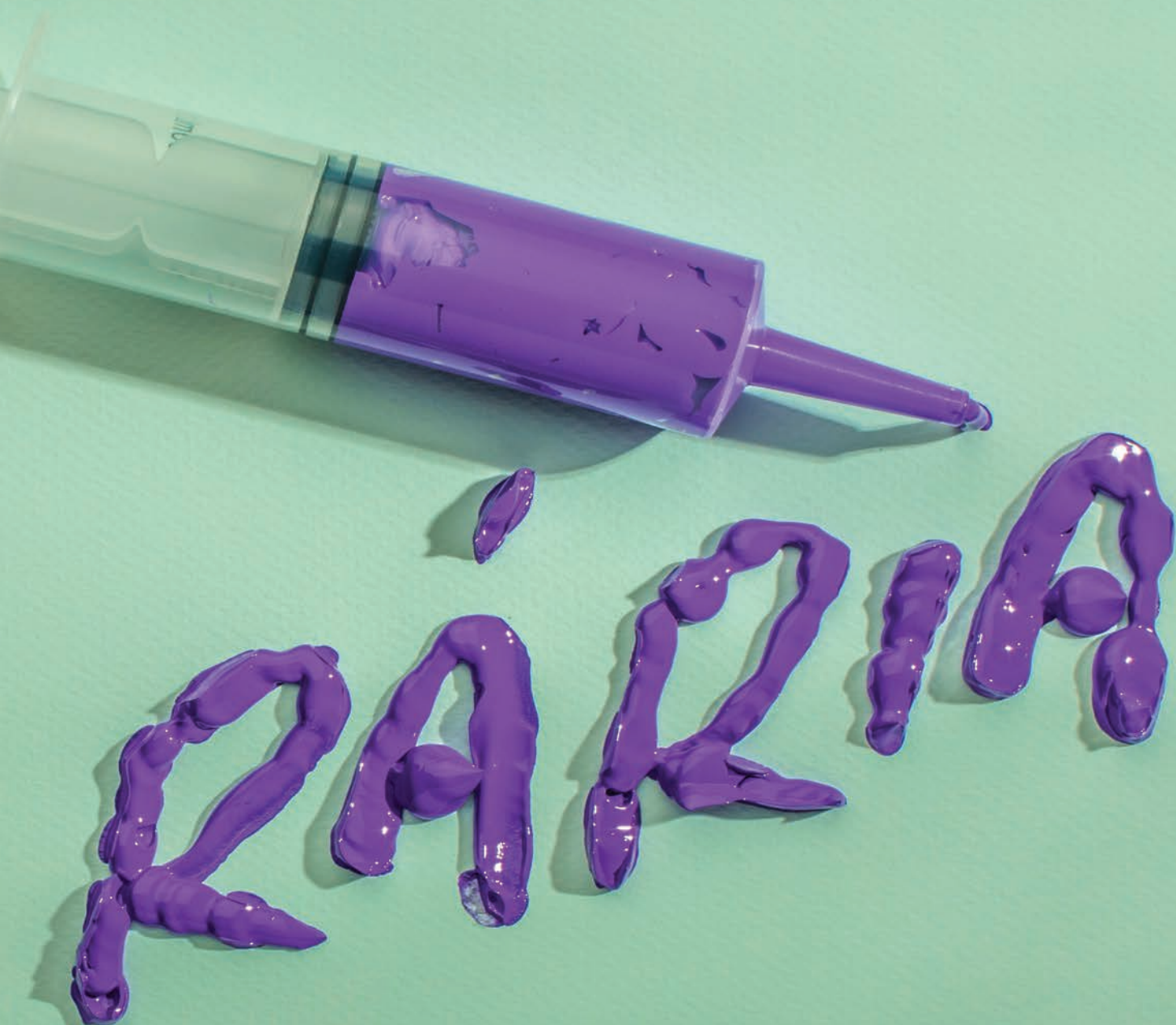


3 PRÊMIOS FNLIJ
○○
TRADUZIDO EM 12 Países
○○
+ de 3 MILHÕES de LIVROS VENDIDOS NO BRASIL e NO MUNDO





VACINA
LIT@



Uma campanha constante para imunizar as crianças contra os perigos do politicamente correto.

TEXTO *Ilan Brenman*
ILUSTRAÇÃO *Ricardo Davino*

A HISTÓRIA da invenção da primeira vacina no Ocidente é fascinante, além de ser uma fonte inesgotável de aprendizagem para diversas áreas da atuação humana. Até o final do século XVIII, época da descoberta da primeira vacina no mundo ocidental, doenças transmitidas por vírus e bactérias eram responsáveis por verdadeiras catástrofes humanitárias, milhões e milhões de vidas perdidas por causa de organismos invisíveis aos olhos humanos. »

» O mundo iria se transformar drasticamente com o trabalho de Edward Jenner, um médico inglês que dedicou sua vida ao estudo da varíola, doença com índices alarmantes de mortalidade e contágio. Antes de Jenner, a China já conhecia e praticava a “variolação”, que era a injeção do líquido extraído de uma crosta da varíola de um indivíduo infectado, na pele de pessoas saudáveis. Com esse procedimento, a doença se manifestava de forma menos agressiva do que o normal, mas, mesmo assim, isso não assegurava a proteção total.

A “variolação” chegou à Europa e Jenner conhecia esse procedimento, mas não estava satisfeito com os seus resultados. Ao se aproximar do fim do século XVIII, o médico inglês mergulhou em pesquisas e observações sobre a varíola até que, um dia, ele resolveu investigar uma crença popular entre os camponeses. Tal crença afirmava que as pessoas que trabalhavam com a ordenha de vacas doentes desenvolviam feridas parecidas com as dos animais, mas, ao mesmo tempo, ficavam protegidas da varíola humana. Essa doença ficou conhecida como “*cowpox*”, ou varíola das vacas.

Jenner observou atentamente os camponeses e tomou uma decisão ousada, perigosa e que revolucionaria o mundo. Em uma manhã de 1796, o médico decidiu colher o líquido contaminado com a “*cowpox*” das feridas de uma ordenhadora chamada Sarah Nelmes. Com o material contaminado em mãos, ele fez algo inimaginável nos dias atuais, pegou um menino saudável de oito anos, chamado James Philipps, e inoculou o líquido contaminado no organismo do garoto. Você acha que terminou? Ledo engano! A ciência é muitas vezes mais emocionante que a Netflix!

Depois de seis semanas, James estava ótimo, serelepe como qualquer criança de sua idade, quando o doutor Jenner novamente entrou em ação; imaginem a cara do menino ao ver o homem da injeção se aproximando! O médico estava com o material contaminado de varíola humana e inoculou-o no menino plenamente saudável.

Eu não sei se doutor Edward Jenner era religioso ou não, mas imagino ele torcendo ou rezando muito para a teoria dele dar certo: a vida de um menino estava em suas mãos! Para alegria de todos, principalmente do pequeno James, ele não manifestou nenhum sintoma da varíola. Estava criada a primeira vacina do mundo! Aliás, a palavra vacina vem da palavra *vacca* em latim que estava relacionado a doença das vacas, lembra da “*cowpox*”? Quem imaginaria que a vaca daria origem ao nome de um dos procedimentos mais revolucionários da humanidade.

A história da vacinação tem outros vários heróis, como, por exemplo, o famoso cientista Louis Pasteur que, em 1885, começou seus estudos sobre a raiva, doença mortal contraída através da mordida de animais infectados. E novamente uma criança entra em cena para mudar radicalmente o status de condenados à morte daqueles que se infectavam com a raiva.

No dia 4 de julho de 1885, um menino de nove anos chamado Joseph Meister é convocado para ir comprar fermento para o estabelecimento do pai, um pai-deiro francês. O menino sai correndo e vai até vila de Maisongouthe. Ao chegar, ele é atacado impiedosamente pelo cachorro raivoso de um taberneiro. Foram 14 mordidas! Principalmente nas pernas e no braço direito do menino. O dono do cachorro e alguns passantes viram a cena e foram salvar o pequeno Joseph, lavaram seus ferimentos e deram-lhe água para beber. Logo após os primeiros socorros, deixaram o menino voltar para casa sozinho.

O corajoso menino começou seu regresso e a cada dez metros tinha que parar para descansar. Finalmente chegou em casa, para o alívio de sua mãe, desesperada com a demora dele. Ao vê-lo, ela entrou novamente em desespero, pois a aparência de Joseph estava terrível. Ela saiu correndo e o levou para o médico da vila, que ao pousar os olhos nos ferimentos, já imaginou que o menino tivesse contraído raiva, o que significava uma sentença de morte. O médico então se lembrou dos estudos de Pasteur em Paris com animais raivosos e comentou com a mãe do menino.

Vendo a piora do filho, a mãe decidiu ir a Paris e com muita dificuldade encontrou o laboratório do famoso cientista. Pasteur levou um grande susto ao ver o pequeno Joseph, a morte era inevitável. Por isso, decidiu, assim como fez seu colega inglês Edward Jenner, fazer algo ousado. Ele aplicou no menino uma vacina experimentada somente em animais... E deu certo! Joseph Meister foi o primeiro ser humano a ser imunizado contra a raiva. Ele depois voltou para casa feliz e saudável.

Você deve estar pensando “mas o que tudo isso tem a ver com a literatura?” Eu prometo que chegarei lá, mas antes um pouco mais de história.

Tanto Jenner quanto Pasteur, cientistas heróis, conheciam histórias da Antiguidade que já flertavam com o processo de imunização. Eram lendas e fatos que

deram, sem sombra de dúvida, subsídio para suas pesquisas. Uma dessas histórias antigas contava que Mitrídates IV, rei de Pontus, na Ásia Menor, foi responsável pelo assassinato do próprio pai e que, ao assumir o trono, ficou com medo de também ser assassinado, principalmente por envenenamento. Então, ele começou um procedimento para se imunizar contra os venenos. A lenda conta que Mitríades IV tomou doses pequenas e não mortais de cada veneno conhecido e percebeu que seu organismo ficava protegido de doses letais.

Na Roma Antiga, um médico chamado de Celso cunhou o termo *Antidotum Mithridatium* para o procedimento de proteção contra envenenamentos, ou seja, a exposição a uma pequena dose de substância que, ao longo do tempo, nos deixaria imune a doses grandes dessa mesma substância.

Como é interessante ver o elo entre o conhecimento passado e o atual. Às vezes, o conhecimento se desvela, mas não há tecnologia ou demanda suficiente para desenvolvê-lo, precisamos de anos, décadas, séculos e até mesmo milênios para um determinado conhecimento se concretizar em resultados inequívocos e revolucionários.

Tudo que escrevi até agora faz referência ao mundo fisiológico do ser humano, mas nós, os *homo sapiens*, também temos uma dimensão simbólica. Somos criadores de narrativas, somos fofoqueiros natos! Não imagino uma vaca falando para outra sobre a vida fútil de uma terceira. Nossa mente extrapola nosso próprio corpo, sonhamos e criamos mundos, sonhamos e destruimos mundos, a fantasia é o motor da humanidade, para o bem e para o mal. E o interessante é que a dimensão simbólica do ser humano também pode adoecer, enfraquecer, ser envenenada, perder o vigor e a capacidade de lidar com os agentes estressantes da nossa vida. E haja agentes estressantes nas nossas vidas! »

PRECISAMOS CRIAR
ANTICORPOS SIMBÓLICOS
QUE AJUDEM A CRIANÇA A
COMBATER E COMPREENDER
A COMPLEXIDADE DA VIDA.

ILAN BRENMAN

» Olhando para o passado, assim como cientistas inteligentes o fizeram (e alguns ainda o fazem), percebemos como os nossos ancestrais lidavam com o enfraquecimento, o descontrole, a confusão, o adoecimento da psique humana: tristeza profunda, angústia existencial, ciúme, raiva etc. Eles usavam um método muito parecido com a mitridização: vacinas contra os males da alma. Ou seja, para que nossa mente possa enfrentar um ambiente interno e externo hostil, ele precisa de doses pequenas e seguras desses mesmos elementos para que possamos enfrentá-los. Precisamos criar anticorpos SIMBÓLICOS que ajudem as crianças, principalmente, a combaterem e compreenderem os percalços, os sofrimentos e a complexidade da vida.

E qual seria o elemento principal dessa vacina protetora da mente humana: HISTÓRIAS. Mas assim como as vacinas tradicionais carregam dentro delas parte do problema (vírus/bactérias), tal vacina literária precisa carregar dentro dela uma parcela daquilo que queremos combater, ou seja, histórias que falem não só do lado bom das coisas, mas que mostrem também o lado sombrio. Não é à toa que histórias de terror são um hit há séculos entre crianças e jovens, já que o terror não está somente fora da nossa mente, mas também dentro dela.

Tudo isso parece fazer sentido? Imagino que sim. Quando éramos crianças, ouvíamos histórias de terror, aventura, suspense, amor e tristeza. Bruxas, ogros, mortes inesperadas, finais tristes (lembra do soldadinho de chumbo do Andersen?), ato de heroísmo, sacrifícios, amor intenso, solidão intensa etc. Essas histórias fortaleceram nossa mente, nos ensinaram que a vida não é fácil, mas, mesmo assim, vale a pena lutar por ela. Essas histórias nos prepararam para os confrontos com as bruxas nossas de cada dia, que são a representação suprema da

dificuldade e dos obstáculos que a vida nos impõe. Essas histórias nos prepararam para o confronto com a morte e com a felicidade.

Porém, hoje parece que as coisas mudaram um pouco. Faz alguns anos que existe um movimento crescente e preocupante que vem fragilizando e não fortalecendo a mente infantil. São ideias que até podem ter nascido nas melhores das intenções, mas que se tornaram uma fonte de destruição dos nossos anticorpos SIMBÓLICOS. Podemos chamar tais conceitos de HISTÓRIAS POLITICAMENTE CORRETAS, que são histórias limpinhas, bonitas, perfeitas, sem conflitos e que teoricamente formariam um ser humano melhor, mais bondoso, compreensivo, empático, um exemplo de cidadão!

As mudanças nas histórias começaram e se intensificaram. Uma verdadeira eugenia literária! Tudo que pode ferir a sensibilidade do leitor, isso claro na ótica dos autoridades do pensamento alheio, daqueles que sabem o que é bom para os outros, mais do que o próprio leitor, é posto em dúvida. A criança é vista como um ser bom por excelência (ninguém nunca presenciou um surto de birra de uma criança em um shopping ou avião?) e as malvadas das histórias corromperiam essa alma angelical.

Criança é um ser complexo e não simples, ela é boa e má ao mesmo tempo, tem sentimentos altivos e cruéis, e é por isso mesmo que ela necessita de histórias que falem sobre essa complexidade. Achar que ao falarmos só de paz com a criança, ela se tornará pacífica é desconhecer completamen-

AS HISTÓRIAS PRECISAM ATENDER ÀS CRIANÇAS EM SUAS NECESSIDADES MAIS IMPORTANTES: LIDAR COM O DESCONHECIDO E COM AQUILO QUE OS ADULTOS EVITAM FALAR ABERTAMENTE.

te a natureza humana. É isso que estamos fazendo nos últimos tempos, inserindo a paz, a ordem, o previsível nas histórias... E o resultado? Nunca vivemos tantos relatos de indisciplina, desordem afetiva e cognitiva em sala de aula, uma ansiedade coletiva perpassa crianças de diversas faixas etárias. E por que isso ocorre? Porque a criança não está sendo atendida simbolicamente nas suas demandas mais importantes. Estamos fragilizando a infância e tornando-a desprotegida aos agentes estressores da vida interna e externa.

Perguntem para um grupo de crianças de mais de sete anos que tipo de histórias elas querem ouvir; garanto que a palavra TERROR será a campeã de pedidos. O que isso quer dizer? Que eles são psicopatas? Claro que não! É que ao pedir histórias de terror elas estão querendo (inconscientemente) falar sobre o terror interno de cada uma delas. O monstro mora dentro e não fora do nosso coração e é, exatamente por isso, que devemos falar sobre ele. Só assim ele pode perder a sua força. A melhor forma de colocar a luz nesse lado sombrio é lendo, contando histórias que dialoguem com esse lado obscuro e para o compreendermos e combatermos de forma mais efetiva.

Um dos grandes teóricos do mundo das histórias, Bruno Bettelheim, chamava antigamente essas histórias politicamente corretas de “estórias fora de perigo”, que seriam narrativas que evitavam problemas existenciais. Tais histórias não mencionavam nem a morte e nem o envelhecimento, o tempo não seria um problema para uma criança refletir. Quem realmente acha que a infância não se interessa por esses temas está muito, mas muito, enganado.

Eu me lembro de uma cena em casa quando minhas meninas eram pequenas. Era um jantar na cozinha, cinco pessoas na mesa: eu, minha esposa, minhas duas meninas e a minha mãe. A caçula de quatro anos olha para a avó e diz, “Vó, você é a mais velha da mesa?”, a avó responde, “Sim, sou.” A minha pequena fala, “Então, você será a primeira a morrer nessa mesa.” A minha mãe leva um pequeno susto, se recupera, dá um sorriso e diz: “sim, acho que

sim.” Mas a minha pequena ainda não havia sossegado, “pai, você é mais velho que a mamãe?”, “sim, meu amor.”, respondo. “Então vai morrer depois da vovó.” E assim ela foi matando um por um de acordo com a idade e não se esquecendo dela, que, claro, seria a última a morrer por ser a menor de todos. E você realmente acha que esses assuntos não interessam à infância?

Para terminar essa reflexão sobre vacinas, imunidades simbólicas, fortalecimento dos afetos e da cognição das nossas crianças, faço minhas as palavras do grande Bruno Bettelheim: “Hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida. [...] Fui confrontado com o problema de deduzir quais experiências na vida infantil mais adequadas para promover sua capacidade de encontrar sentido na vida; dotar a vida, em geral, de mais significados. Com respeito a esta tarefa, nada é mais importante que o impacto dos pais e outros que cuidam da criança; em segundo lugar vem nossa herança cultural, quando transmitida à criança de maneira correta. Quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor esse tipo de informação”.

O melhor de tudo é que vacina literária não necessita de agulha para aplicação. E tem mais, pais e professores também se imunizam assim que começam a ler ou contar uma história para seus filhos e alunos. Anotem aí: o DIA NACIONAL DA VACINAÇÃO LITERÁRIA é qualquer dia, qualquer lugar, qualquer horário. E lembrem-se, a duração do efeito da vacinação literária é PARA SEMPRE. □

ILAN BRENMAN


é mestre e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). É um dos principais escritores de literatura infantil do Brasil, com mais de 60 publicações e mais de 25 menções a prêmios relevantes da literatura (FNLJ, White Ravens etc.). Atualmente, é autor exclusivo da Editora Moderna.

FAÇA DA SUA ESCOLA UM TERRITÓRIO DA LEITURA


Sua escola vai mergulhar no universo da literatura para construir uma comunidade de leitores.




Território da leitura



ALUNOS engajados, cidadãos que constroem e contam sua própria história.



ESCOLAS de resultados + gestores comprometidos com a formação + professores que ensinam e aprendem.

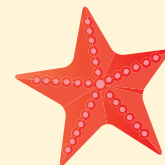


FAMÍLIAS que colaboram com o trabalho em sala de aula.



COMUNIDADE que cultiva valores e respira cultura.





UM PROJETO FOCADO NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Recursos que incentivam a construção do repertório literário e cultural do aluno.

MATERIAIS PARA O ALUNO

- ★ Obras literárias selecionadas pela escola
- ★ Diário do Contador de Histórias e Diário Literário da Família
- ★ Acesso ao aplicativo Contadores de Histórias
- ★ Brinde exclusivo



Imagem ilustrativa

MATERIAIS PARA A ESCOLA

- ★ Materiais de ambientação
- ★ Materiais para dinâmica em sala de aula
- ★ Vídeos com contações de histórias
- ★ Videoaulas para formação de professores e bibliotecários
- ★ Manual do Professor
- ★ Projetos de Leitura
- ★ Acompanhamento pedagógico



Imagem ilustrativa



café LITERÁRIO

● MODERNA ●



A EDIÇÃO 2018 FOI UM
SUCESSO!

11 HORAS
DE FORMAÇÕES

+260 MIL
VISUALIZAÇÕES

+680 MIL
PESSOAS ALCANÇADAS



SALAMANDRA



MODERNA

Uma pausa para refletir sobre literatura

O ciclo de webinars Café Literário Moderna apresenta grandes especialistas e autores renomados para debater sobre experiências literárias, formação de leitores e hábitos de leitura, dentro e fora da sala de aula.

Participe ao vivo com perguntas, sugestões e comentários e engrandeça o diálogo e a literatura dentro e fora da escola.

A cada mês, um novo tema.

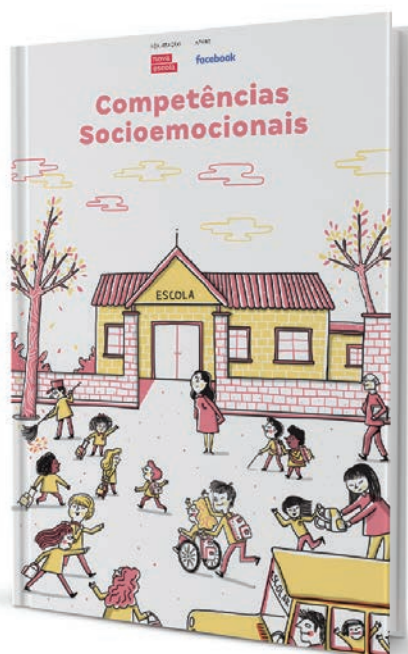
Participe!

São **10 WEBINARS** ao vivo pelo Facebook, que ficarão gravadas em nossa página do Facebook e do Youtube para você assistir quando quiser.



ACOMPANHE NOSSA PROGRAMAÇÃO!
Acesse a página da Moderna e inscreva-se!
fb.com/editoramoderna

LIVROS



COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

POR Nova Escola e Facebook

Um e-book para inspirar educadores sobre o valor do trabalho com competências socioemocionais para a construção de uma escola saudável e com clima positivo para melhores resultados de aprendizagem. A publicação reúne experiências reais de escolas brasileiras que encontraram no desenvolvimento de competências como empatia, amabilidade, resiliência emocional e abertura ao novo, soluções efetivas para o combate ao *bullying* e ao *cyberbullying* e para a formação e saúde mental de crianças, adolescentes e adultos.

SAIBA MAIS Livro digital gratuito para download em mod.lk/favsocio.



ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA E INFORMACIONAL: CURRÍCULO PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

POR Unesco

Este livro reúne o estudo de diversos especialistas internacionais sobre a alfabetização midiática e a importância desse tema em sala de aula. Um exercício de formação docente para preparar crianças e adolescentes para o tratamento de informações das mídias. A obra perpassa assunto relevantes como a ética nas mídias, a leitura crítica de fatos e dos diversos formatos de comunicação, o conceito de liberdade de expressão e a legislação.

SAIBA MAIS Livro digital gratuito para download em mod.lk/alfabemi.



RAZÕES E DESAFIOS DO GESTOR DA EDUCAÇÃO

POR CENPEC

O que faz um gestor educacional? Como pensa e toma decisões? De que maneira se posiciona diante dos conflitos e das escolhas inerentes a sua atuação? Esta publicação procura entender a realidade do gestor por meio de uma série de entrevistas com um grupo de dez educadores notáveis. Um convite à reflexão e à formação de gestores educacionais, dando visibilidade aos questionamentos teóricos daqueles que enfrentaram e enfrentam, cotidianamente, as políticas de Educação no Brasil.

SAIBA MAIS Livro digital gratuito para download em mod.lk/gestored.

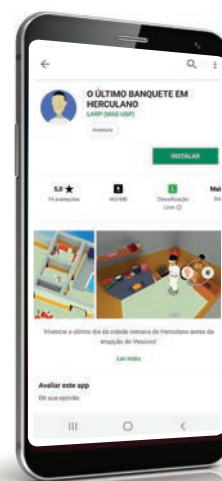


DECIFRAR O CÓDIGO: EDUCAÇÃO DE MENINAS E MULHERES EM CIÊNCIAS, TECNOLOGIA, ENGENHARIA E MATEMÁTICA (STEM)

POR Unesco

Esse relatório apresenta um panorama geral sobre a desigualdade de gêneros na escola e no mercado de trabalho, principalmente no que diz respeito à baixa participação de mulheres na educação em ciências, tecnologia, engenharia e matemática (Science, Technology, Engineering and Mathematics – STEM). O livro visa a desvendar os fatores que impedem ou dificultam a participação feminina, bem como o seu desempenho e a sua permanência na educação em STEM, trazendo observações sobre o que o setor educacional pode fazer para promover o interesse e o envolvimento das mulheres na educação em STEM e nas carreiras dessas áreas.

SAIBA MAIS Livro digital gratuito para download em mod.lk/edstem.



O ÚLTIMO BANQUETE EM HERCULANO

POR L.A.R.P. (Laboratório de Arqueologia Romana Provincial - USP)

Desenvolvido por estudiosos e arqueólogos especializados em Roma Antiga, o jogo conta a história do último dia da cidade de Herculano, antes de ser totalmente destruída pelo vulcão Vesúvio. A partir da visão de Septimus, um escravo de Herculano, o jogador vive uma aventura contextualizada na época romana, de forma divertida e interativa, com tarefas e vídeos explicativos. Para o professor, é disponibilizado um Guia Didático gratuito com dicas para utilizar o jogo com os alunos.

SAIBA MAIS Disponível na App Store (iOS) e na Play Store (Android).

Download gratuito. Mais informações em www.larp.mae.usp.br.



Maria Montessori

E A AUTONOMIA PARA APRENDER

Uma luta pelo direito das crianças de serem elas mesmas. *por Glauce Neves*

ATÉ O FINAL do século XIX, a ideia de que as crianças tinham direitos praticamente não existia. A primeira manifestação nesse sentido foi em 1892, mas foi apenas em 1948, com a aprovação da Declaração Universal dos Direitos Humanos pela ONU (Organização das Nações Unidas) que tais direitos foram reconhecidos.

No século XVIII, Jean-Jacques Rousseau defendia que a criança não devia ser tratada como um adulto em miniatura. Segundo ele, a infância é um período muito curto e é importante não impor a vontade de um adulto. Em concordância às ideias de Rousseau, já no final do século XIX, Maria Montessori dedicou sua vida para defender o direito

das crianças de serem elas mesmas.

Nascida em 1870, em Chiaravalle, uma pequena província de Ancona, na Itália, Maria Montessori foi a primeira mulher italiana a se formar em medicina na Universidade de Roma. Formou-se como psiquiatra em 1896 e no início de sua carreira dedicou-se aos estudos sobre crianças com deficiência. Pioneira também no campo pedagógico, colocava em prática suas habilidades na educação, usando suas leituras em psicologia, filosofia, antropologia, biologia e história.

Mesmo criticada pela sociedade por dar protagonismo à criança no aprendizado, Montessori foi defensora de um método que não contraria a natureza

humana através de uma perspectiva desenvolvimentista e incentivava a autonomia das crianças para que elas construíssem seus conhecimentos. A partir da empatia que nutriu ao acompanhar os pequenos, Montessori criou o conceito de autoeducação, em que todos nascemos com a capacidade de ensinar a nós mesmos, desde que sejam fornecidas as condições essenciais.

Entre suas ideias principais estão a educação pelos sentidos e a educação pelos movimentos. Para Montessori, o caminho do intelecto passa pelas mãos. “A criança ama tocar objetos para depois reconhecê-los”. Com isso, apostou em materiais didáticos que provocassem o raciocínio. Propunha uma sala de aula fora do padrão de sua época, sem mesas e cadeiras enfileiradas, nem horários específicos para recreio; para ela, não havia diferença entre o lazer e a atividade didática.

Enquanto os preceitos das correntes filosóficas do final do século XIX encaravam o conhecimento como essencialmente psicológico, passado de mestre para aprendiz, os métodos montessorianos acreditavam no desenvolvimento natural. Assim, o professor atuaria entre as crianças mais como um guia do que como mestre.

Em 1906, foi criada a primeira Casa dei Bambini, onde Maria Montessori pôde aplicar sua metodologia. Todos os dias, das 9h às 17h, 50 crianças aprendiam a se vestir sozinhas, a cuidar da própria higiene, a fazer ginástica. Entre uma atividade e outra, desenvolviam noções de matemática e alfabetização. A criança fazia suas escolhas. Em 1913, foi inaugurado o primeiro programa de treinamento do método Montessoriano.

No mundo inteiro, mesmo as escolas que não seguem o seu método, se beneficiam de várias técnicas educativas propostas por Maria Montessori. Hoje, a educação infantil possui vários recursos que dão autonomia às crianças. O método caiu em desuso na década de 50, logo após a morte de sua idealizadora, mas foi resgatado no fim dos anos 60 e é popular até hoje. Segundo a Organização Montessori do Brasil (OMB), 56 escolas utilizam, atualmente, os ensinamentos montessorianos no país. ■



Mais do que falar bem uma nova língua, é viver novas experiências.

Educate Bilingual Program é o novo programa bilíngue que possui a força da marca Richmond e que nasceu com a missão de empoderar seus alunos para serem, de fato, cidadãos globais. Educate é uma experiência única, com infinitas possibilidades para seus alunos e para sua escola!



CONFIRA A AMPLITUDE DO NOSSO PROGRAMA BILÍNGUE

- Experiência de aprendizagem **completa**
- Desenvolvimento profissional **progressivo**
- **Certificações** internacionais
- Assessoria de **marketing**

Parcerias estratégicas



Educação em Movimento

AKT + MODERNA



Richmond



Fundação **Santillana**